

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23319

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

QUINTA-FEIRA 6 SETEMBRO 90 70\$00

Fonte oficial saudita denuncia

Iraque já tem armas atómicas

Autoridades sauditas disseram ontem a uma delegação do Parlamento Europeu que o Iraque possui bombas atómicas, facto que explicaria as posições de força adoptadas por Saddam Hussein. O chefe da delegação, Roberto Formigoni, que se reuniu com o rei Fahd e o ministro dos Negócios Estrangeiros, disse que «os sauditas deram a entender estar bem informados sobre o potencial militar iraquiano». No Mediterrâneo, vasos de guerra dos EUA estão a vigiar um cargueiro suspeito de transportar equipamento nuclear para o Iraque. Pág. 9



Pelo presidente da Câmara de Miranda do Corvo

Caritas acusada de grave negligência

Consumo de droga, homossexualismo, crianças violadas, incúria na conservação do edifício e exploração do trabalho infantil são algumas das situações que se passam num centro para jovens, a funcionar no Convento de Semide, próximo de Coimbra, cuja responsabilidade está a cargo da Caritas diocesana e do Centro de Formação Profissional de Artesanato.

As acusações vêm das autoridades locais. O presidente da Câmara Municipal de Miranda do Corvo e o da Junta de Freguesia de Semide são unânimes ao afirmar: «A Caritas mostra-se irresponsável».

O incêndio que há dias deflagrou no antigo convento, classificado como monumento nacional, trouxe a lume as estranhas situações que se vivem no local. O responsável pelo centro, o padre Sousa, confirma o problema da homossexualidade, mas nega a existência de exploração de trabalho infantil. Os trabalhos das crianças são pagos a preços normais, garante. Pág. 16

Algarve beneficia da crise no Golfo

Sul de Portugal é alternativa turística às zonas quentes do Médio Oriente

Ao anunciar dados relativos à afluência de turistas ao Algarve no mês de Agosto, que traduzem um recorde absoluto, dirigentes da Associação de Industriais Hoteleiros do Algarve afirmaram que para Setembro e Outubro se abrem muito boas perspectivas.

De facto, os turistas estrangeiros estão a trocar os destinos programados com antecedência para o Mediterrâneo Oriental, Turquia e Egipto, por locais mais pacíficos. Os perigos são reais, no que

respeita às áreas próximas do teatro de guerra armado pela invasão do Kuwait pelas tropas de Saddam Hussein. E o Sul de Portugal, com as suas praias e o seu sol, constitui um chamariz para os muitos europeus e americanos que ainda não gozaram férias. O Algarve oferece ainda a vantagem de proporcionar, nestes dois meses, muito espaço e uma ampla oferta de equipamentos hoteleiros, passadas que foram as enchentes de Julho e Agosto. Pág. 16

Ténis sem cobertura

Organizador do Estoril Ladies Open emite cheques sem provisão

O ténis português corre sérios riscos de perder a credibilidade nacional e internacional, em virtude do empresário António Figueiredo, em representação da firma organizadora do "Estoril Ladies Open", ter emitido deze-

nas de cheques sem provisão e que seriam destinados ao pagamento de serviços prestados naquele importante torneio. O número de cheques que tiveram "ordem de retorno" calcula-se em setenta, envolvendo cerca de 20 mil

contos. As principais vítimas foram os elementos ligados à arbitragem, designadamente o juiz-árbitro, todos os árbitros de cadeira e juizes-de-linha. Uma história longa de que damos todos os pormenores. Pág. 23



"X" em Nova Iorque A actriz portuguesa Maria de Medeiros acaba de ver o seu trabalho rotulado de «pornográfico» pela interpretação que faz da escritora Anaïs Nin no filme «Henry and June», presente no Festival de Veneza. O filme, do cineasta Philip Kaufman, decorre nos anos 30 e relata a relação entre duas mulheres e um homem (o escritor Henry Miller, a mulher June e Anaïs Nin), com nus integrais e cenas de lesbianismo. Pág. 18



Bomba destrói Bolsa de Madrid
Pág. 9

O ano político começa hoje
Págs. 4, 5 e 6

A segunda geração de retornados
Págs. 2 e 3

Teatro americano em Lisboa
Págs. 14 e 15

Hoje: Suplemento Literário



PORTE PAGO

Algumas saudades, poucos traumas, infâncias que ficaram pelas terras do império desaparecido mas sempre, tal como os seus pais, a capacidade empreendedora, a vontade de conquistar a vida, a recusa de deixar os braços caídos face à adversidade. São a segunda geração dos retornados em Portugal, pela voz de três deles

Análise e auto-retrato da segunda geração de retornados

GRANDE ANGULAR

Têm sido muito faladas as segundas gerações dos portugueses em França, na Alemanha, etc. Pouco se ouviu da segunda geração dos retornados em Portugal. O acaso de uma viagem (Cruzeiro Europa Jovem, da Associação das Pousadas de Juventude) permitiu encontrar três jovens dessa geração. Aqui fica o seu auto-retrato e a análise que fizeram da sua geração.

As perguntas usadas foram, essencialmente, duas.

Existe ou não, como tal, uma segunda geração de retornados em Portugal? Se sim, quais as características?

A vossa infância decorreu na África colonial, que desapareceu para sempre. Traumas?

Os entrevistados vão indicados por letras, cuja identificação pode ser esclarecida na chave que publicamos juntamente.

«Os devolvidos»

A - «Creio que não existe como tal uma segunda geração de retornados. Mas não podemos esquecer que houve um grande número de jovens que vieram há já 15 anos - já se passaram 15 anos, é bom que não nos esqueçamos disso - vieram para Portugal em circunstâncias mais ou menos atribuladas. Portanto, eu devo dizer que, em termos de grande problemática e de eventuais grandes medidas sobre isso, não me parece que elas sejam necessárias.

De qualquer modo, existe um conjunto de características dessa geração sobre as quais posso falar.

«Por exemplo, alguma facilidade de contacto entre nós. Quando nos encontramos falamos sobre aquilo e recorda-se, porque de facto foi lá que se passou a infância de todos nós. De 1975 até hoje houve uma integração mais ou menos harmoniosa na sociedade portuguesa dessas pessoas que voltaram de lá, os «devolvidos» como eram chamados.

Coincidência

«Essa integração harmoniosa fez com que não haja grandes estigmas ligados a estas pessoas.

«Lembro que, curiosamente, em organizações partidárias de juventude, tanto na Juventude Social Democrata como na Juventude Centrista e como na Juventude Socialista, embora aqui menos, há um grande número de quadros que tiveram esse nascimento. É uma coincidência.

«Por exemplo, na organização a que eu pertença, a JSD, os quadros nacionais, no meu anterior mandato, tinham cinquenta por cento de pessoas dessa origem. Pode ser que eles tenham sentido, uma vez que se reconheciam em situação de dificuldade, a necessidade de conseguirem uma maior afirmação de si próprios, de dar mais trabalho, de real-

izar uma maior entrega.»

Memórias da varanda

B - «Para mim, a segunda geração de retornados existe, claro. Sou diferente destes dois amigos que aqui estão connosco. Eles, por serem mais velhos, vieram para Portugal com mais memórias de África do que eu. Quando cheguei cá ainda não tinha três anos. Portanto não tenho muitas memórias de Moçambique, onde nasci. Mas acho que a segunda geração de retornados existe, sim, adaptaram-se perfeitamente e são portugueses.

«No meu caso pessoal penso que fui privilegiada, porque há cerca de dois meses tive a oportunidade de voltar a Moçambique. Serviu para conhecer e também para visitar mas, na realidade, talvez tenha sido mais conhecer a minha terra. As memórias que eu tinha reduziam-se, no fundo, à varanda da nossa casa em Lourenço Marques.

«Nós quando nos encontramos vemos que há uma certa cumplicidade entre nós e podemos falar de coisas de África. Mas não ficamos nisso. Depois entramos logo nas questões de Portugal que é essa a realidade. Portanto eu acho que a segunda geração é Portugal, mais nada».

Contraponto de gerações

C - «Eu sou da opinião de que, de facto, existe uma segunda geração de retornados enquanto tal. Isto significa o seguinte. Conseguimos nós, os que viemos de África, por alguma forma adaptarmo-nos e isto muito por boa vontade da própria população portuguesa, generosa por natureza e que soube acolher 500 mil retornados em muito pouco tempo e em condições difíceis. Mas insisto em que existe essa segunda geração de retornados, que se contrapõe à geração anterior, a dos nossos pais.

«E isto é perfeitamente visível quando se vê a cumplicidade de que já aqui se falou. Essa cumplicidade existe ao nível dos pais e existe ao nível dos filhos. Mas os pais tendem a gastar mais tempo em conversas sobre aquilo que foi África e foram os seus tempos. Nós, da segunda geração, falamos da nossa origem, sim senhor, mas depois nada mais há a dizer, vamos a outras coisas.

«Se calhar existe da nossa parte um desejo de não recordar, precisamente por



Manifestação de retornados, em Lisboa, Dezembro de 1975

causa da saudade que eventualmente possamos ter.

Saudade-sonho

«Por outro lado, parece-me que nesta segunda geração de retornados há um sentimento que foi adquirido em África: é uma maneira de estar diferente e diferente porque é aberta, muito mais aberta. Foi isto que permitiu também uma muito mais fácil integração, quer dos próprios pais, que já vinham com esse background, quer dos próprios filhos. Estes conseguiram beber esse espírito e transpô-lo para a vida e para a sua afirmação pessoal. Isto vê-se hoje, por todo o país.

«Embora recordando, muito ou pouco, o seu passado em África nem por isso ficaram agarrados a isso. Tentam, ao contrário, ser empreendedores e avançar por aí fora. Portanto, penso que essa experiência e essa mentalidade que vieram de África também contribuíram para que a população portuguesa encarasse por

uma forma diferente a maneira de estar na vida.

«Já lá vão 15 anos mas ainda recordamos com saudade o que vivemos em África. Pode-se perguntar se nós gostaríamos ou não de voltar a África. A nossa reacção pode parecer paradoxal mas devo dizer que temos algum receio de voltar. A imagem que temos de África é tão bela que não sei se valerá a pena ir lá para ver uma imagem menos bela e, no fundo, destruir a tal saudade que nós temos. Essa saudade é um sonho».

A habilidade de dar uma volta às dificuldades

A - «Os traumas não aparecem quando nós queremos. Aparecem quando eles querem. Possivelmente mais tarde. E se trauma houve na segunda geração talvez tenha funcionado no sentido inverso, no sentido positivo. Foi o de termos aprendido que na vida nada é estável.

«Durante aqueles anos, os primeiros, pareceu que o

futuro estava de qualquer modo garantido. E, depois, do dia para a noite, tudo mudou.»

«Admito termos aprendido que até as coisas aparentemente mais sólidas da vida às vezes se mostram, na realidade, sem consistência. Pode ser que este sentido da precariedade das coisas nos tenha transmitido a habilidade de dar uma volta pelo outro lado às dificuldades.

«Tenho a impressão que esta segunda geração é de gente que vai continuar a dar que falar, que será reconhecida pelas suas capacidades, pelo seu trabalho. A primeira geração fechou-se um pouco na casca, depois de ter dado a sua contribuição para o combate ao totalitarismo em Portugal, a seguir ao 25 de Abril. A segunda geração entendeu que não podia deixar aos outros a totalidade do nosso destino, já que fomos marcados pela impotência total e absoluta perante a grande mudança das nossas vidas.

«A vida colonial não era

Identities

A - Jorge Paulo Seabra Roque da Cunha, 30 anos. Nascido em Luanda. Veio para Portugal em Julho de 1975. Licenciado em Medicina. Está a tirar a especialidade de clínica geral. Nos últimos três anos tem sido deputado na Assembleia da República, eleito pelo PSD. É vice-presidente da JSD. O Pai é médico e a Mãe professora. «Portanto - disse - sou da média burguesia». Situação financeira familiar durante a infância e juventude? Resposta: «Remediados. Nunca nos faltou nada mas sempre com grande sacrifício e trabalho».

B - Ana Cristina Ferreira Trincão. Nascida em 1972, em Lourenço Marques, hoje Maputo. Tem o 12º ano acabado e espera poder entrar para a Universidade. Quando nasceu, o Pai saiu da Marinha e passou a trabalhar para o Estado, o que ainda hoje faz como técnico auxiliar de Justiça, num tribunal.

C - Martim José Rosado Borges de Freitas, 24 anos, nascido em Luanda, veio para Portugal em Junho de 1975. Filho de uma empresária em nome individual e de um trabalhador por conta doutrém, ambos com o 7º ano (antigo) completo, não licenciados. Pai da Madeira, Mãe alentejana. Ele nasceu em Luanda e um irmão nasceu na Beira. Rejeitou que o nome sugerisse origem das chamadas Grandes Famílias. «Vamos a ver se será uma Grande Família no futuro, mas isso é outra questão» - rematou. Presidente da Juventude Centrista, trabalha numa empresa de construção civil, está a acabar o curso de Economia.

P.D.



Vista de Maputo, quando era Lourenço Marques

sempre, contrariamente ao que muita gente pensa, uma vida com quinhentos empregados, com piscina, cinco ou seis automóveis. O meu Pai era Delegado de Saúde mas tanto ele como a minha Mãe trabalhavam imenso para termos um nível de vida apenas razoável e educar os

tributo. E poder também visitar os locais onde passámos a nossa infância, coisa que há 15 anos eu não posso fazer».

Os cheiros e os sons

B - «No meu caso, como saí de lá com três anos, isso de falar de saudades parece-me

aquilo.

«Hoje, as armas de fogo já não me assustam assim tanto, já consigo viver com isso. Também trouxe na minha memória coisas que sentia mas não sabia explicar. Agora, depois de ter voltado a Moçambique, percebi. Eram cheiros e sons.

tarmo-nos a uma nova situação e numa fase da idade em que isso é relativamente fácil.

«Quer dizer, há razões para que algumas famílias da primeira geração sofram esse trauma. Não há razão para que a segunda geração o sinta.

«Falando por mim, devo dizer que, embora não sentindo propriamente um trauma, fui obrigado a encarar uma diferença. Lá tinha uma vida mais ou menos facilitada. Depois tive de enfrentar a vida por outra maneira.

«Talvez mais tarde isso tenha reflexos em mim, com um outro sentido das responsabilidades. Acredito que sim. Mas não creio que isso seja motivo de diferenciação entre o jovem português que nasceu em África e aquele que nasceu cá.

«Eu não»

«Recordo o que disse sobre o espírito aberto e empreendedor que a primeira geração de retornados trouxe de África e que teve de aplicar com força ao refazer da sua vida quando veio para cá.

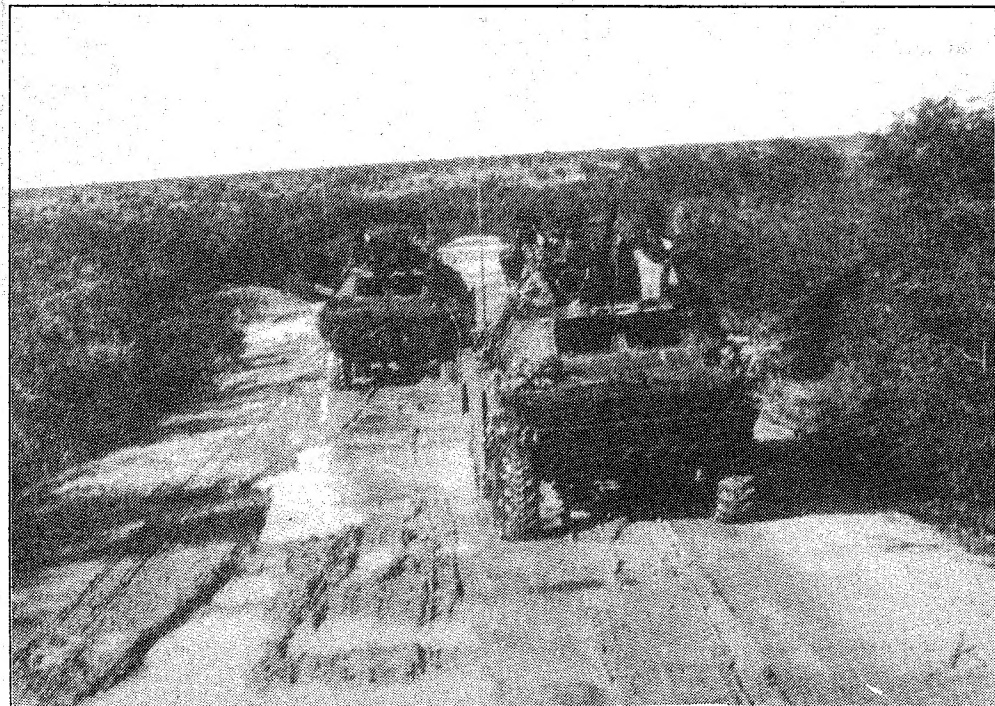
«Foi a esse espírito que a segunda geração foi beber, aprendendo a capacidade empreendedora e a força de não baixar os braços perante a adversidade. Isso é que é fundamental e é uma coisa que existe realmente na maioria dos retornados.

«Também é verdade que na primeira geração há casos de pessoas que nunca conseguiram vingar em Portugal. Também há outros que se encostaram ao lado.

«Não se esqueça que para a segunda geração o 25 de Abril trouxe a criação de condições para que o jovem conseguisse avançar na vida por seu mérito próprio.

«Há mais uma coisa. É que todos têm os seus amigos de infância e podem encontrar-se com eles. Eu não».

Paulo David



«...apetece-me chamar estúpidos a todos aqueles que permitiram que a guerra se prolongasse por tanto tempo...»

filhos. A vida não foi fácil.

«Eu não sinto grande saudosismo por África mas vejo sempre com uma espécie de grande aflição qualquer imagem de Angola e sempre que alguém lá vai e depois conta como aquilo está, fico triste.

«Ao mesmo tempo apetece-me chamar estúpidos a todos aqueles que permitiram que a guerra se prolongasse por tanto tempo e que tivesse conduzido a tudo isto. Mas há também a certeza de que mais tarde ou mais cedo e por alguma forma nós vamos poder contribuir para o progresso de Angola. Não para voltar para lá, para lá viver, mas para dar um qualquer con-

um pouco poético, um pouco lírico. Mesmo assim posso contar que até há relativamente pouco tempo as armas de fogo eram coisa que me assustava muito.

«Na época em que saí de Moçambique ouvia-se em Lourenço Marques muitos tiros, na parte da cidade onde eu vivia. Lembrou-me de me terem mais ou menos explicado o que se passava. Havia uma pessoa amiga lá de casa que nos fardava e com armas. Ele dirigia-se a mim por maneira normal, mas eu assustava-me e fugia. E durante muito tempo, depois de já estar em Portugal, fugia de qualquer pessoa que me fizesse lembrar

Um dos cheiros que só agora identifiquei é o cheiro do queijo queimado».

Talvez, mais tarde...

C - «Essa questão do trauma é a grande diferença que existe entre a primeira e a segunda geração de retornados.

«Os nossos pais viveram uma situação difícil. Normalmente, quando se chega aos 40 anos, pensa-se que se tem uma vida estabilizada. Ora eles viram-se obrigados a começar, de repente, uma vida nova.

«Nós, os da segunda geração, não temos esse trauma. Não tivemos que começar uma vida nova. Apenas foi necessário adap-

COMENTÁRIO

Os «despejados»

Imagine-se um jovem que ouve os seus pais falarem de uma vida social activa, para quem era normal reunir-se com amigos, ir ao restaurante, ao cinema, dar grandes e gratas passeatas. Ele tinha dois, três anos e de nada se lembra. Apenas vê, agora, à sua volta falta de sociabilidade, barreiras (stress, problemas económicos, uma sociedade cada vez mais fechada nos estratos médios e baixos...) que lhe apresentam o deprimente silêncio em frente de um televisor e o mistério de uma vida entrevista, mas não vivida.

Imagine-se um jovem de oito anos que, nos tempos ainda puros do nascimento de uma nação, foi habituado, nos primeiros passos da sua formação escolar, a discutir política num ambiente participativo de «materialismo dialéctico». De repente ele dá um salto de milhares de quilómetros e cai num sistema de ensino fossilizado, em que a palavra da professora é dogma e as observações dos alunos são impertinências, se não mesmo manifestação de indisciplina.

Imagine-se um jovem com quinze anos, que à sua volta via a vida a ser vivida e que participava nessa vivência, com a família e os amigos da sua geração. Entrava-se na casa deste e daquele, portas lanqueadas, muitos lares dispersos unidos pelos laços da amizade, frigorífico disponível, tempo e condições propícias para estudar, praticar desporto, passear, aprender a ser livre... Encontramo-lo, depois, a ser atirado para uma sociedade fechada, estratificada, sem tempo, sem disponibilidade (na alma e na bolsa) para aceitar as amizades. Uma sociedade de limites à liberdade, em que se ensina a auto-repressão, a auto-limitação, a auto-eliminação em vez de se ensinar a liberdade.

Três casos que não reflectem forçosamente o que é toda a segunda geração de «retornados», feita de mil vivências, cá, onde estão esses jovens, lá, de onde vieram. Mas são casos que abrangem muitos que, ainda agora, sofrem as sequelas da violência a que foram (e são) sujeitos: a de um desenraizamento abrupto de que ainda agora procuram compreender as causas que o originaram.

Muitos encontraram o caminho da sua integração. Mas uma integração por vezes revoltada, tantas vezes incomodada, quase sempre incómoda nos estudos e no trabalho. Não raro problemas com os professores, muito frequente situações de litígio nos empregos. A maior parte das vezes não por indisciplina, mas por salutar irreverência para com a ordem estabelecida, por vontade de ir mais além e mais depressa. Talvez porque sintam que algo perderam e que, portanto, algo têm a alcançar. E a sociedade conservadora onde foram despejados (e não devolvidos porque dela nunca fizeram parte) dificilmente lhes perdoa, porque não tem abertura de espírito para os compreender.

É interessante verificar a quantidade de jovens nascidos nas ex-colónias que escolheram a via do trabalhador-estudante. Esta opção reflecte bem a ansia de liberdade não dependente que sentem. Mas também a dificuldade de se integrarem, que em muitos casos os levou a atrasarem-se nos estudos. Uma raiva que souberam sublimar em vontade, em energia socialmente válida, leva-os a distinguirem-se pela frontalidade e dedicação, muitas vezes predicações incompreendidas.

E se cada jovem na situação de «despejado» poderá ser um caso, a imagem sucintamente atrás descrita é comum a muitos deles, arriscamo-nos mesmo a dizer a uma maioria substancial. São os que não viram os seus pais beneficiar dos fundos do Estado para prosseguir a riqueza que já detin-

ham, para criar a que nunca tiveram, que se ficaram com os traumas de um processo cuja história ainda está por fazer, cercados numa classe «média-baixa» sem imaginação e sem vias de fuga a uma estagnação que só lhe deixa a memória do passado para mitigar as suas frustrações.



Victor Leitao

POLÍTICA

O ano político começa hoje

O PSD aposta nas alterações à lei eleitoral para as autarquias como sede de fixação do debate político nos próximos meses. O PS continua a pretender a aprovação, na Assembleia da República, das leis do referendo, da acção popular e do direito de petição que ficaram congeladas em S. Bento, desde a passada sessão legislativa, e introduz o factor ilhas no seu ataque global ao partido no poder. O PCP insiste, para já, no início do inquérito à Televisão, enquanto se prepara para a reunião do Comité Central e para o discurso de Alvaro Cunhal, ambos agendados para o próximo domingo, no Seixal. PRD e Verdes discutem internamente as candidaturas à Presidência e sobre isso já ontem prestaram algumas informações. Esta tarde reúne em sessão pública a Comissão Permanente da Assembleia da República para calendarizar a actividade

do Parlamento nas suas linhas gerais: esperam-se, já, as primeiras intervenções políticas de fundo de todos os partidos com assento parlamentar, inclusive do CDS único que não avançou, ontem, para ocupar a Imprensa de hoje, o essencial da sua programação estratégica para o ano político. Provavelmente com as reuniões plenárias do Parlamento antecipadas duas semanas - a crise no Golfo assim o exige - e com o caso Melancia à beira de uma definição pela Procuradoria, aí está a máquina política a dar o sinal de arranque. Se ainda não vai abrir a todo o gás é porque falta o anúncio da recandidatura de Mário Soares para, então sim, ficar definitivamente desenhado o ano vital das eleições presidenciais, simultaneamente de pré-legislativas. Ou seja: uma época em cheio de caça ao voto e posições no aparelho de Estado

Na Assembleia da República Comissão Permanente programa esta tarde a sessão legislativa

A Comissão Permanente da Assembleia da República reúne-se esta tarde para preparar o início dos trabalhos parlamentares. O Inquérito à RTP, a questão timorense, a proposta do PCP no sentido de se realizar uma reunião do ministro Roberto Carneiro com a Comissão de Educação para o acompanhamento do ano escolar e ainda a proposta socialista de antecipação do início dos trabalhos serão hoje alguns dos temas em debate.

A Comissão Permanente agendou nova reunião para dia 19, pois «não estamos esperançados que o PSD aceite a antecipação», disse Carlos Brito.

O ministro dos Negócios Estrangeiros esteve, ontem, na conferência de líderes parlamentares para prestar informações sobre a evolução das negociações sobre Timor-Leste. João de Deus Pinheiro disse aos deputados que de 7 a 11 deste mês realiza-se na ONU mais uma ronda de negociações com a Indonésia sobre a questão timorense e na dia 13 o ministro volta a participar na conferência de líderes parlamentares para revelar os resultados das negociações. O dirigente da bancada parlamentar do PCP disse que após as declarações feitas pelo secretário-geral adjunto das Nações Unidas «todos os partidos que se manifestaram na reunião» defenderam «o endurecimento da posição portuguesa». Recorde-se que Raffuddin Ahmed comparou a invasão indonésia com a transferência de poder entre a China e Portugal em relação a Macau, legitimando desta forma a ocupação do território timorense. O secretário-adjunto das Nações Unidas manifestou ainda «a esperança de que uma eventual visita dos deputados portugueses ao território contribua para que o problema timorense deixe de aparecer na agenda da ONU. O inquérito à televisão faz parte das preocupações do PCP na próxima sessão parlamentar. Carlos Brito solicitou ao presidente da Assembleia da República o início urgente do funcionamento da Comissão de Inquérito. O principal obstáculo tem sido a ausência dos representantes do PSD, que ainda não foram escolhidos.

Por seu lado, a Comissão Eventual da AR para a problemática dos fogos vai propor ao ministro da Justiça a criação de um quadro legal que reforce as penas para os incendiários. O presidente da Comissão, o socialista António Campos reuniu-se ontem, em Arganil, com responsáveis da Direcção-Geral das Florestas, dirigentes autárquicos e o inspetor regional dos bombeiros do Centro.



Credenciais brasileiras: o novo embaixador do Brasil em Lisboa entregou ontem as suas cartas credenciais ao Presidente de República. O embaixador Luis Filipe Lampreia é de ascendência portuguesa.

PSD insiste no debate nacional sobre a lei das autarquias

O PSD vai insistir no debate nacional sobre as alterações propostas à lei eleitoral das autarquias, tendo a Comissão Política social-democrata, que ontem se reuniu pela primeira vez depois das férias, apreciado e aplaudido a proposta de Cavaco Silva, apresentada no comício de Faro. Resultado.

O secretário-geral do partido, Falcão e Cunha, informou depois da reunião, que a Comissão Política Nacional do PSD deliberara «iniciar um amplo debate interno e exterior ao partido», no qual toda a estrutura do PSD, os autarcas sociais-democratas e a opinião pública em geral possam participar. A opinião dos eleitos municipais sociais-democratas é considerada fundamental em círculos do PSD, uma vez que foi o principal partido derrotado nas últimas eleições autárquicas.

O comunicado lido por Falcão e Cunha aos jornalistas no final da reunião sublinha que, ao defender em Faro alterações à lei eleitoral para as autarquias, uma vez mais Cavaco Silva «soube pôr acima dos meros inter-



Falcão e Cunha, secretário-geral do PSD, co-responsabilizou a Oposição na tentativa de «evitar o espectáculo degradante das transferências inter-partidárias de presidentes de câmaras».

esses partidários os verdadeiros interesses de Portugal».

O texto realça, ainda, «a coragem de propor medidas de fundo, como são o limite de mandatos dos presidentes de câmaras, pelo seu sentido altamente moralizador da actividade política e o acesso ao poder autárquico de âmbito municipal por grupos de cidadãos». Enfatiza também «a garantia de capacidade em executar os programas apresentados ao eleitorado local por parte de quem ganha as eleições».

As responsabilidades da oposição nesta matéria, que o PSD considera «uma importante reforma do nosso sistema político», são também destacadas no comunicado, «para que se possa evitar, no futuro, o espectáculo degradante verificado nas últimas transferências partidárias de presidentes de câmaras».

A Comissão Política Nacional do PSD louvou, uma vez mais, o Governo, neste caso relativamente ao «alto sentido de Estado» que assumiu na questão do Golfo.

Carta Social: Parlamento Europeu aprecia relatórios de portugueses

Três relatórios da autoria de deputados portugueses estão entre os documentos a discutir na próxima semana em Estrasburgo, durante a primeira sessão do Parlamento Europeu após as férias estivais.

Na segunda-feira, dia 10, Margarida Salema, do Grupo Liberal (LDR), apresenta o relatório anual sobre a aplicação do direito comunitário. Mais importantes, porém, são os relatórios parciais ao relatório do holandês Velzen, dedicado ao problema da aplicação da Carta Social Europeia, de António Marques Mendes, também do LDR, e do comunista Barros Moura, em apreciação na terça-feira.

O primeiro propõe o aperfeiçoamento da legislação nesta matéria, considerando prioritária a atribuição do subsídio de desemprego em caso de mudança de residência para outro país. Ao mesmo tempo, defende a criação de «euroguichets» para prestar informações e esclarecimentos sobre o trabalho transfronteiriço.

Barros Moura, por seu lado, põe a tónica nos direitos sindicais a preservar, preconizando a adopção de directivas neste domínio, até ao final de 1992. Neste quadro, propõe que seja garantido o direito à informação, consulta prévia e participação dos trabalhadores e seus representantes, independentemente do seu carácter nacional ou transnacional. É a consagração de uma «política de progresso e reforço da influência dos trabalhadores nas decisões».

A crise do Golfo constituirá, naturalmente, a «vedeta» da sessão parlamentar. A assembleia de Estrasburgo foi obrigada a alterar profundamente a agenda prevista em resultado da invasão do Kuwait e dedicará um dia inteiro ao problema.

Na próxima quarta-feira, dia 12 - caso amanhã a reunião da Mesa Alargada do PE não introduza alterações no programa - o plenário ouvirá comunicações de Giulio Andreotti e Jacques Delors, respectivamente presidentes do Conselho Europeu e da Comissão, além do relatório do presidente da delegação parlamentar «ad hoc» que o Parlamento Europeu que se encontra na região em conflito, o italiano Roberto Formigoni. Recorde-se que a Comunidade condenou a atitude do Iraque e aderiu ao bloqueio económico internacional àquele país e ao Kuwait.

Outro assunto em destaque nesta sessão parlamentar é a reunificação alemã, antecipada para 3 de Outubro. O deputado inglês Donnelly apresentará um relatório sobre as medidas transitórias aplicáveis à RDA.

Este relatório exigirá duas leituras, um mecanismo regimental que torna morosa a apreciação. Donnelly defende a participação do PE na avaliação e controlo das aplicações das medidas que vierem a ser adoptadas.

Redacção «DL»

POLÍTICA

Parlamentares socialistas garantem

«Agora estamos em pleno»

Fazendo votos para que, já na próxima segunda-feira, principie «um trabalho intensivo nas Comissões Parlamentares», o líder parlamentar do PS, António Guterres, apontou uma forma que disse ser realista para o encurtar das férias grandes da Assembleia da República, impedidas que «questões políticas da maior importância, por estarem dependentes de apreciação e aprovação parlamentar, conheçam soluções em tempo útil».

A necessidade de debater as repercussões da crise no Golfo na nossa Economia, antes do próximo debate parlamentar sobre o Orçamento para 1991, figura entre as razões avançadas pelos socialistas para que a Comissão Permanente da AR, que hoje se reúne, convoque entre 2 e 12 de Outubro reuniões do Plenário, «permitindo o agendamento» de cinco pontos tidos como pouco polémicos, um dos quais se prende com a sequência legal do processo de revisão constitucional, a saber: as aprovações do direito de acção popular, regime do referendo, liberdade de acesso aos documentos da Administração (Administração aberta) e à defesa dos cidadãos face à informática.

«A partir de agora estamos em pleno», disse Guterres, referindo-se ao estado de alma do Grupo Parlamentar do seu partido, para também citar a «apresentação e apreciação do programa QUANTUM e dos cenários alternativos que se perspectivam para a economia portuguesa em consequência dos acontecimentos do Golfo Pérsico», e ainda: «Aprovação dos Estatutos Político-Administrativos das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, apreciação da proposta de lei de bases da organização judiciária de Macau e dos projectos de lei e de resolução sobre Reforma do Parlamento».

Sem provocações à vista

«Não fazemos uma proposta destinada à chicana parlamentar» destinada a forçar o PSD a rejeitá-la, frisou António Guterres, antes de reforçar que «não se trata de uma provocação», como seria o caso de se convocar o Plenário de imediato.

Dá que os socialistas tenham aventado uma solução matizada, avançando com a convocação, já a partir de segunda-feira que vem, das Comissões Parlamentares às quais cabe a apreciação dos temas aludidos, que já foram aprovados na generalidade pelo Plenário.

Assim, e caso as Comissões trabalhem como a maior parte dos portugueses, de segunda a sexta («ou de segunda a quinta», emendou Guterres), num período em que o Plenário não se reúne,

será possível rentabilizar ao máximo a acção do Plenário, que desta forma -e caso a Comissão Permanente da AR o permita- prolongará a terceira Sessão Legislativa.

«O período de férias não deveria ainda ser obstáculo a que fossem realizadas pelas Comissões respectivas as audições parlamentares propostas, referentes ao perdão de dívidas fiscais pelo Secretário de Estado dos assuntos Fiscais e ao funcionamento dos serviços de segurança», recordou Guterres.

«Não vamos parar»

Os deputados socialistas declararam, pela voz do seu líder parlamentar: «Não vamos parar!»

E já entre 22 e 24 deste mês agendaram um encontro das direcções dos grupos parlamentares socialistas na Assembleia da República, no Parlamento Europeu e nas Assembleias Regionais dos Açores e da Madeira, que terá lugar em Angra do Heroísmo. No ano passado, uma reunião deste género decorreu

zação de competências e recursos financeiros para as autarquias locais, desburocratização e direitos dos cidadãos face ao Estado».

Alternativa à vista nos Açores

Ontem, ainda, os líderes do PS da Madeira e dos Açores foram a Belém transmitir ao Presidente da República as decisões da recente «cimeira nacional», como a designou Martins Goulart, em que acertaram com o secretário-geral, Jorge Sampaio, a estratégia e o calendário políticos dos socialistas para os meses mais próximos.

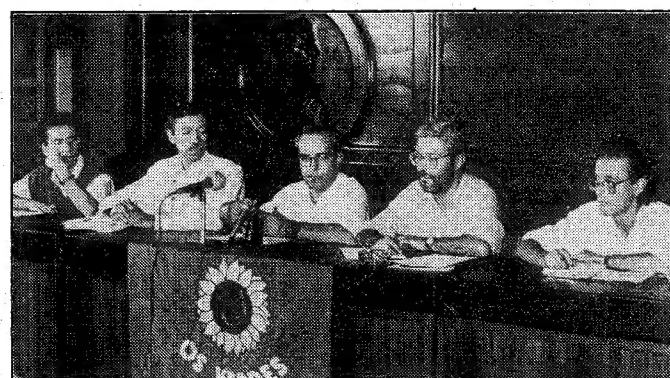
O líder açoriano insistiu na «situação difícil» vivida na sua região, em função do bloqueio ao processo de aprovação do estatuto autonómico. «O Estatuto deveria constituir a prioridade das prioridades, no curtíssimo prazo», disse Martins Goulart, que acrescentou estar o PS disposto a assumir uma moção de censura ao Governo Regional devido à passividade de Mota Amaral perante as

«situação difícil» com a apresentação do seu projecto alternativo de Governo que contemple «as necessidades do povo açoriano e que permita a consolidação da autonomia como grande projecto nacional onde a solidariedade efectiva entre todas as instituições do Estado democrático se afirme cada vez mais».

Por sua vez, Emanuel Jardim, presidente do PS-Madeira, destacou na audiência com Mário Soares, a situação de «democraticidade duvidosa» que se vive na Madeira e que «está a provocar problemas sérios no desenvolvimento e bem-estar da Região Autónoma».

Essa situação de «democraticidade duvidosa» tem a ver, segundo Emanuel Jardim, com «a instrumentalização das autarquias, a governamentalização da Assembleia Regional e o desrespeito dos direitos da Oposição visíveis, nomeadamente, na recusa de o Governo Regional se submeter a perguntas da Oposição na Assembleia».

Redacção DL



Verdes admitem Mário Soares

Os Verdes têm um grupo de seis pessoas a elaborar o programa de candidatura ecologista para as eleições presidenciais. Herculano Pombo, Valente Fernandes, Profírio Alves Pires, Nuno Bernardo, José Manuel Ribeirinho, Amélia Palma e apesar de ausente em Estrasburgo, a própria Maria Santos, estão a definir as bases que condicionam o apoio dos ecologistas e ambientalistas a um candidato presidencial. A hipótese ideal seria a apresentação de um candidato próprio e, neste caso, o nome da Maria Santos é o mais falado. Herculano Pombo disse em conferência de imprensa que de momento «não é legítimo associar qualquer nome à candidatura ecologista», colocando mesmo a hipótese de apoiar a recandidatura de Mário Soares se ele se «comprometesse cumprir o nosso programa».

Em relação à crise interna do partido, os Verdes aguardam serenamente a decisão do tribunal no sentido de impugnar os resultados do Conselho Nacional que deu «uma maioria fictícia» a um grupo de pessoas.

No entanto, e se o processo em tribunal se arrastar, Os Verdes podem vir a mudar de nome criando um «novo espaço político de raiz». Na próxima sessão legislativa os Verdes vão reivindicar um estatuto de grupo parlamentar activo e interveniente, ou então optam pelo estatuto de deputados independentes, revelou o deputado Herculano Pombo, que considerou muito difícil, nesta altura, restabelecer o diálogo com o PCP, alertando para o facto de a CDU vir a fazer uma coligação com «uns verdes que não têm legitimidade e cujas decisões podem vir a ser anuladas posteriormente pelo tribunal».



Referendo, acção popular e direito de petição são alguns dos temas em que o PS vai insistir na próxima sessão legislativa, segundo anunciaram António Guterres e Edite Estrela, com toda a direcção parlamentar do principal partido da Oposição

na Madeira, também com o objectivo de proceder à «programação conjunta de iniciativas políticas».

A este propósito, António Guterres sublinharia a sintonia de orientações políticas sentida pelos socialistas do Continente e das Regiões Autónomas, contrapondo este consenso às querelas entre os PSD's das ilhas e o Governo Central.

Entre onze e doze de Outubro, vai decorrer em Évora a décima quinta edição das Jornadas Parlamentares do PS, subordinadas ao tema genérico «Reforma do Estado» e destinadas a preparar «iniciativas em matéria de regionalização, descentrali-

consequências do bloqueio ao Estatuto. Garantiu, no entanto, que o processo mais lógico seria a apresentação de uma moção de confiança por parte do próprio chefe do Executivo açoriano.

O PS-Açores vai pressionar Mota Amaral nesse sentido, «caso se mantenha de braços caídos e a aceitar como um facto consumado as consequências económico-financeiras resultantes do Estatuto».

Segundo os socialistas açorianos, o Governo de Mota Amaral tem revelado «incapacidade para negociar vantagens financeiras para os Açores». Por isso mesmo Goulart diz-se preparado para enfrentar esta «situação

PRD prefere Eanes

A Comissão Directiva do PRD esteve reunida para analisar os resultados do inquérito às bases do partido sobre as eleições presidenciais. Apesar das divergências de percurso, a maioria das bases renovadoras revelam a sua preferência pela recandidatura do general Ramalho Eanes, mentor dos partidos.

Os membros da direcção do PRD não quiseram divulgar os resultados do inquérito, alegando que está praticamente concluído, mas só no próximo Conselho Nacional, agendado para os dias 28 e 29 de Setembro, serão revelados os resulta-

dos finais.

A reunião dos renovadores destinou-se a preparar a reunião da Comissão Política marcada para sábado, em Castelo Branco, onde vão ser discutidos e analisados os resultados do inquérito e definidas propostas, para apresentar ao Conselho Nacional, com base nas preferências e opções dos militantes.

Os dirigentes renovadores discutiram também a preparação da próxima sessão legislativa e a realização das jornadas parlamentares, marcadas para dia 15 deste mês.

EDUCADOR/A E VIGILANTE

IPSS

Necessita para creche e jardim de infância. Entrada imediata. Zona Príncipe Real.

Enviar Currículo urgente para este jornal ao n.º 909.

Lei de Organização Judiciária de Macau pronta para ser votada na Assembleia

Os cinco grupos especializados da comissão de redacção da Lei Básica de Macau reúnem-se a partir de amanhã e durante seis dias, em Qingdao, na República Popular da China, a fim de redigir o articulado do que será a Constituição do território.

O «DL» confirmou, entretanto, que Sebastião Póvoas, actual magistrado do Tribunal de Macau será o novo secretário adjunto para a Justiça, sucedendo a Magalhães e Silva, como aliás já tínhamos anunciado.

Uma das primeiras tarefas do novo secretário-adjunto para os Assuntos de Justiça de Macau deverá ser a regulamentação da Lei de Organização Judiciária de Macau, em cuja urgência o Governador do território, Carlos Melancia, ainda segunda-feira, em encontro com o ministro da Justiça, voltou a insistir.

Laborinho Lúcio e Carlos Melancia estarão de acordo na vantagem de avançar o trabalho de regulamentação da Lei, para que, uma vez esta aprovada na Assembleia da República, pudesse entrar em vigor com a maior brevidade possível.

O Conselho de Ministros aprovou já, em reunião de 9 de Agosto último, o texto da Proposta de Lei da Organização Judiciária de Macau que, entregue ao Ministro dos Assuntos Parlamentares, deverá ser submetida à apreciação da Assembleia logo no início da próxima sessão legislativa.

De acordo com o estabelecido na Constituição e no Estatuto Orgânico de Macau, «o território de Macau dispõe de organização

judiciária própria, dotada de autonomia e adaptada às suas especificidades», e as bases desse sistema judiciário «são definidas pela Assembleia da República», cabendo ao Governador do território a sua regulamentação.

Mas a organização judiciária de Macau tem ainda que atender a um terceiro texto - a Declaração Conjunta Luso-Chinesa e os seus anexos, à luz da qual os dois Estados cooperam no actual período de transição, e que baliza o futuro da que será a Região Administrativa Especial de Macau, depois da passagem do território para administração chinesa, em 99. E o parágrafo IV do Anexo I introduz aquele que é, a olhos portugueses, o problema mais delicado desta lei, a saber, que «os juizes dos tribunais da Região Administrativa Especial de Macau serão nomeados pelo Chefe do Executivo, sob proposta de uma comissão independente a integrar por juizes, advogados e personalidades de relevo locais». Coordenar a independência dos Tribunais com a nomeação dos juizes e agentes do Ministério Público pelo Governador, de forma a que esse princípio pudesse manter-se para além mesmo do período de transição, era o problema a resolver, implicando a indicação dos magistrados por uma comissão neutral e reduzindo a nomeação a um simples acto formal: «O Governador nomeia, mas não escolhe», no dizer de juristas que a esta questão estiveram ligados.

Assim, na Proposta de Lei agora apresentada pelo Governo à Assembleia da República,

«o Presidente e os Juizes do Tribunal Superior de Justiça e o Procurador Geral Adjunto são nomeados pelo Governador de Macau sob proposta do Conselho Superior de Justiça» e «os juizes e agentes do Ministério Público dos restantes tribunais, os juizes assessores e os auditores judiciais são nomeados pelo Governador de Macau, sob proposta do Conselho Judiciário de Macau».

A independência dos Tribunais estará ainda, nos termos desta Proposta, «garantida pela inamovibilidade dos juizes e pela sua não sujeição a quaisquer ordens ou instruções». Também o Ministério Público, nos termos do articulado, «goza de estatuto próprio e de autonomia e desempenha as funções que lhe forem atribuídas com independência e livre de qualquer interferência».

Com a presente Proposta de Lei, Macau ficará dotado de Tribunais de primeira instância, entre os quais o Tribunal Administrativo, Tribunal de Contas e Tribunal Superior de Justiça, este funcionando como Tribunal de segunda instância e tribunal de revista.

A criação de um Tribunal de Contas, à imagem do funcionamento português, gerou alguma polémica no decurso da discussão da presente Proposta - que, partida do Ministério da Justiça, passou pelos órgãos próprios de Macau, onde recolheu críticas e sugestões, voltando depois àquele Ministério, para ser agora sujeita à Assembleia da República - , visto haver quem, como o próprio Presidente do Tribunal de Contas, Sousa Franco, defen-

desse, em seu lugar, um sistema de auditoria semelhante àquele que vigora em Hong-Kong.

Inovação será, nos termos da Proposta de Lei, a nomeação, como juizes assessores, de «indivíduos de reconhecida idoneidade cívica, residentes no território há mais de sete anos e com conhecimentos de língua chinesa».

Ainda nos termos da Proposta de Lei a ser presente à Assembleia da República, «para o julgamento dos actos do Governador de Macau e dos secretários-adjuntos em matéria administrativa, fiscal e aduaneira são exclusivamente competentes, conforme os casos, a subsecção de Contencioso Administrativo e a Secção de Contencioso Tributário do Supremo Tribunal Administrativo» - Supremo Tribunal que funciona ... em Lisboa. Essa competência só passará para as instâncias de Macau quando - em altura que se prevê algures entre 1994 e 1996 - o Presidente da República, nos termos do artigo 75º do Estatuto Orgânico de Macau, investir os tribunais do território «na plenitude e exclusividade da jurisdição».

Em tempo de notícias apontando o Governador de Macau como eventual arguido em processo, refira-se que, nos termos do Estatuto Orgânico do território, «as acções cíveis e criminais em que seja réu o Governador ou os secretários-adjuntos, enquanto durarem as suas funções, só poderão instaurar-se na comarca de Lisboa, salvo se para a causa fôr competente outro tribunal, que não o de Macau».



Cabo Verde desenvolve em Lisboa uma semana de intensos contactos políticos: ontem e hoje é a vez de Aristides Pereira (na foto, com o primeiro-ministro Cavaco Silva); segunda-feira chega Pedro Pires, para uma visita oficial

Presidente de Cabo Verde ao «DL»:

Oposição deve participar na revisão da Constituição

O presidente da República de Cabo Verde formulou ontem votos, em Lisboa, para que os contactos entre o PAICV (Partido Africano para a Independência de Cabo Verde-PAICV) e a oposição cheguem a bom termo. «A oposição deve participar no texto da revisão da Constituição do País a apresentar à Assembleia Nacional», disse Aristides Pereira ao «DL».

Aliás, a revisão da Constituição é inevitável, segundo

o presidente caboverdeano, por que o célebre artigo 4º atribui ao partido no poder o papel dirigente da sociedade e é incompatível com o multipartidarismo que se pretende implantar em Cabo Verde.

Como tal artigo «bloqueia tudo», eliminá-lo é a primeira das condições que o presidente caboverdeano coloca para a sua eventual recandidatura.

Ainda em resposta ao «Diário de Lisboa», Aristides Pereira observou: «Não disse

nem digo que me vou candidatar. Depende das discussões e das negociações entre o partido no poder e a oposição. No entanto, a sua decisão deverá aguardar a evolução das conversações entre o PAICV e o Movimento Para a Democracia-MPD, que se quer transformar em partido.

«A oposição funciona, mas recusa-se a ioncrever-se como associações», revelou Aristides Pereira.

Além do MPD, fazem-se

ainda ouvir duas outras forças relativamente importantes em Cabo Verde: a União Caboverdeana Independente Democrática-UCID e a União dos Povos das Ilhas de Cabo Verde (UPICV).

O Movimento Para a Democracia parece ser a força da oposição melhor estruturada, a mais representativa, com elos no interior do País. É principalmente com esta força política que o PAICV terá de dialogar, «discutindo a nova situação no país. «É um imperativo nacional esse diálogo», acrescentou o Presidente, «para que os projectos de lei, em cuja elaboração a oposição não interveio, sejam por esta referendados».

Nesse sentido, a semana em curso é fundamental para o futuro daquela ex-colónia portuguesa. Desconhecem-se ainda as conclusões do diálogo entre o PAICV e o MPD, mas sabe-se que serão determinantes para o anúncio da candidatura de Aristides Pereira. Ele não teme o risco que isso representa, como disse ao «DL»: «Quando se admite o multipartidarismo, admite-se ganhar e perder. Isso não é problema», disse.

O Presidente de Cabo Verde adiantou estar já preparado um projecto de lei dos partidos, para além de estar em vigor uma lei das associações.

Júlio Rodrigues

ÁREA de ADE

CONCURSO



Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Cód. Postal _____

Idade _____ Profissão _____

Tem Televisor? _____ Nº Licença _____

Telef. _____

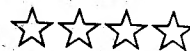
RECORTA PELO TRACELADO

PREENCHA COM LETRAS MAIÚSCULAS Cole num Postal dos CTT e envie para CONCURSO ÁREA de ADE APARTADO 4.317 - 1.508 LISBOA - CODEX



ESPECIAL FÉRIAS/90

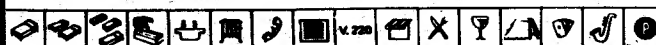
**no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE**



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



FORUM

Apelo aos valores (1)

DEMOCRACIA: FORMA E CONTEÚDO

Por Ricardo Leite Pinto

Um pouco por todo o mundo as ditaduras dão lugar às democracias. É certo que neste movimento nem tudo é claro e irreversível. Há situações confusas (como na Bulgária), assimilações *sui generis* do modelo democrático (como na Roménia) e radicalismos e xenófobos (como na Polónia e na URSS). E bem mais grave do que isso, a antiga bipolaridade, parece dar lugar a novos e velhos fundamentalismos, que ameçam incendiar o planeta (como a recente crise no Golfo indica).

Mas, apesar de tudo e vista esta evolução no conjunto, é difícil negar que na Europa Ocidental (e também em África e na América do Sul), a concepção liberal e democrática do Estado triunfa.

Contudo, paradoxalmente, se nuns lados a Democracia dá os seus primeiros tímidos mas esperanças passos, noutros é a própria concepção de Democracia que é discutida. Nas pátrias onde o ideal democrático se encontra instalado há várias décadas, e onde a sua validade como modelo organizado das sociedades não é posta em causa, surgem novos fenómenos que obrigam a repensar os fundamentos da ordem democrática.

Nos anos 60 foi a questão da «ingovernabilidade» que, dizia-se, minava os alicerces da Democracia, nos anos 70 foi o «terrorismo» e as formas de o combater, que dominaram o debate, hoje o tema é o do Estado invisível e das formas ocultas de poder que começa cada vez mais a ganhar dimensão.

A Democracia tem sido entendida fundamentalmente como um processo. Seria, neste entendimento, uma forma melhor do que as outras de designar os governantes. Em vez da hereditariedade, da força, do dinheiro ou do mérito, teríamos a vontade geral expressa pelo voto periódico, livre, secreto e universal. De tantos em tantos anos os cidadãos vão às urnas escolherem os seus

representantes em quem delegam o poder para a condução dos destinos do país durante certo período de tempo.

O sistema assim engendrado, teve, desde logo, e tem ainda, as críticas dos que vêem no mecanismo da representação uma forma viciada de exercício do poder, dado que este para ser válido teria de ser exercido pelo povo sem delegações. São os adeptos da Democracia directa. Mas contra estes replicaram os apóstolos da representação brandindo com a força dos factos e a sugestão das ideias. O sistema representativo é mais eficaz na governação dos povos, porque permite governar mais e melhor.

Passe o primarismo com que acabo de expor o problema, com ele pretendo apenas salientar que, quer à luz da concepção representativa quer da directa, a Democracia tem sido discutida prevalentemente como um processo.

Mais recentemente uma outra ordem de valores passou a fazer parte do cardápio dos comensais da Democracia: o problema do Estado de Direito. Passou-se da forma para o conteúdo.

Ou seja a Democracia não seria só a livre escolha dos governantes, mas seria também, ou acima de tudo, os Direitos do Homem (que em França apareceu primeiro, em 1789, só depois se discutindo o sistema político) a separação de poderes, a descentralização, o acesso ao Direito, as garantias judiciais, para já não falarmos nos direitos económicos, sociais e culturais. Era a discussão a propósito do Estado de Direito Democrático ou do Estado Social de Direito.

O caso português

Vejam o caso português. Na nossa embrionária democracia grande parte dos anos iniciais foram, pelos nossos politólogos e juristas, essencialmente dedicados à discussão do sistema de governo, (ao modelo de organização dos poderes) e ao sistema eleitoral a consagrar. Ainda hoje, 16 anos depois, são esses os temas fortes. Provavelmente porque são os temas que mais ressonância oferecem junto dos «media».

Mesmo na Universidade ou nos

Tribunais, só muito recentemente as questões conexas com o princípio do Estado de Direito começaram a ser faladas. Que me recorde, só em 1983, é que o Tribunal Constitucional se alicerçou, para fundamentar uma decisão, no princípio do Estado de Direito Democrático, consagrado na Constituição de 1976.

E diga-se a talhe de foice, porque merece que se diga, que para aí ter chegado, não terá sido irrelevante o pioneirismo do ensino e do programa de Direito Constitucional ministrado em Coimbra pelo prof. Gomes Canotilho, que conferiu ao citado princípio uma importância até então omissa nos nossos estudos jurídicos.

Ora, o excessivo apelo ao «processo» da Democracia relegou para plano secundário, questões fundamentais para a formação do «cidadão activo», nas palavras de António Sérgio, a mais significativa delas, a própria memória das «grandes lutas» que fizeram vingar o ideal democrático.

É talvez por isso que perante novos (ou renovados) inimigos (como por exemplo o tráfico de influências, a informação privilegiada, a corrupção, o clientelismo ou o poder invisível) os guardiões tradicionais do Estado Democrático (a Lei e os Tribunais) claudicam.

Torna-se por isso cada vez mais necessária outra conceptualização, uma outra abordagem nas questões do Estado e do Direito para fazer frente às novas arremetidas contra a cidadela democrática.

Será possível conciliar a eficácia do executivo e o controlo parlamentar daquele, o segredo do Estado e a transparência da Administração, o pluralismo partidário e a ausência de clientelismo, o exercício pleno do poder e a visibilidade do mesmo, a unidade do Estado e a descentralização?

E aqui e ali onde não seja possível conciliar, o que é que deverá prevalecer? A resposta a estas questões é importante, porque delas depende o futuro da Democracia.

**A seguir,
«As promessas incumpridas»**

CARTAS NA MESA

«Simples pedreiros»

Sou um pacato cidadão que me entretenho a ver a TV que temos, ficando por vezes indignado com certas declarações de alguns dos nossos proeminentes políticos.

Assim, há dias, numa dessas «conversas em família», ouvi da boca do nosso parlamentar eng.^o Eduardo Pereira, o epíteto de «simples pedreiros» para os dinâmicos e honrados portugueses que se encontram no Iraque.

Como também andei lá por fora - do que aliás me não envergonho - queria só lembrar ao sr. deputado que aqueles «simples pedreiros», tanto ali como em qualquer parte do mundo, só mostram o que verdadeiramente é Portugal. Mas não o desprestigiam nem o deslustram - salvo para os le pennistas - o que nem sempre acontece com os políticos.

Foram para ali trabalhar, honrada e esforçadamente, depois de escolhidos e seleccionados pelas suas qualidades e capacidades profissionais e gozam da geral estima e consideração dos naturais, como desassombradamente foi dito, na mesma televisão, pela esposa de um deles.

Não me consta que o sr. eng.^o alguma vez - e pelas mesmas razões - tenha sido pretendido por qualquer país estrangeiro carenciado.

Curioso, é triste, é que também já aqui há tempos, no mesmo lugar e em idêntica conversa, ouvi do dr. Almeida Santos (parlamentar da mesma bancada) uma «boutade» semelhante. Será pécha? Mas esse, ao menos, fê-lo com a eloquência que o sr. eng.^o não tem.

Não poderiam esses srs. curar um pouco essa bafienta e aburguesada presunção, ou será que nas campanhas eleitorais se servem da mesma linguagem?

Leitor há várias décadas do «DL», ficaria grato se estas palavras singelas fossem publicadas, e satisfeito se aos visados pudessem de algum modo ajudar na cura.

António Joaquim da Rocha, leitor de Almada

Macário, bares e discotecas

Há mais de 40 anos que compro e leio o «DL». Trata-se de um jornal de esquerda e portanto compreende-se que ataque um Governo de direita como o que temos agora cá na terra. O autor da secção «Aplausos e Pateadas», que não se sabe quem é não acha bem (edição de 20/8) que Macário Correia tenha mandado encerrar alguns bares e discotecas. Ora o senhor não acha bem porque com toda a certeza é apenas frequentador dessas casas. Entra, diverte-se, deve dançar, bebe uns copos, fuma. (Deve ter bigode e portanto fuma) e depois vai para casa e dorme sossegadinho o resto da noite. Porque se morasse por cima de um desses locais onde se divertiu e não pregasse olho devido à barulheira certamente que a notícia que escreveu, sem nenhuma graça afinal, seria na secção «Aplausos» não era? Ora valha-o Deus. Essa de querer dizer mal de qualquer maneira não era habitual no «DL». Mas o senhor deve ser algum novato no jornal e portanto quer evidenciar-se de qualquer maneira.

Sebastião Coelho, leitor de Lisboa

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um artigo de Álvaro Vasconcelos

(...) Se a crise veio cedo para a Europa, mais cedo veio para Portugal. Do ponto de vista diplomático, só nos últimos anos começou a dar-se a devida importância ao mundo mediterrânico. A nossa participação na CPE e uma revalorização das relações com o Magrebe tem vindo a contribuir para um aumento da atenção dada à problemática de uma região tradicionalmente secundarizada. Por esta e por outras razões (falta de pessoal diplomático, por exemplo), no início da crise faltou certamente em Portugal uma noção exacta da sua dimensão.

(...)

5.SET.90



De um artigo de Alfredo Esperança:

(...) E na realidade a presença ou a ausência de consciência cívica, a presença ou ausência de equilibrado binário «governantes-governados», que dá ou não ao povo a textura de Nação; é com esta simbiose disciplinadora e disciplinada que salvam Pátrias, como a Prússia em 1870, ou Portugal em 1383; é com a sua antítese que se destroçam Estados, como a França em 1870 ou Portugal em 1580.

Se nos debruçamos um pouco sobre as judiciosas considerações do adido militar francês Stoffel é porque as condições reinantes na Europa e no Mundo, com paz ou sem paz, não são muito diferentes agora das que eram então. (...)

5. SET.90

PUBLICO

De um artigo de Adriano Moreira:

(...) Uma agressão baseada no simples uso do poder funcional, eventualmente acompanhada pelo recurso à lógica do poder militar, pode exigir que o conjunto não aceite para o seu exterior a espiritualização das fronteiras que anuncia prosseguir no interior. Se os factos, como previam esquecidas utopias, tenderam para colocar em grande confronto grandes áreas, para as quais os conflitos entre Estados são escaramuças, os conceitos de ameaça ou de agressão externa e interna, de paz e segurança, entrarão em processo revisionista.

A crescente incapacidade do modelo estadual para responder às exigências da sociedade civil, e que anda a ser superada pelas organizações permanentes de grandes espaços, dá lugar à capacidade e competência do conjunto. (...)

5.SET.90

Comércio do Porto

Da transcrição parcial de um discurso do bispo de Setúbal, D. Manuel Martins, feita em Fátima:

(...) É que as barracas não constroem nem homens, nem famílias, nem sociedades. Em barracas, ou coisas parecidas que para aí há, não se constrói o futuro, sendo preciso, portanto, gritar um alerta nacional inconformado e persistente, em ordem a uma tomada de posição séria e realista. Despertar em todas as instâncias responsáveis, desde o Poder Central à Igreja, passando pelas instituições, empresas, cooperativas, e famílias, numa cadeia de solidariedade, que leve à tomada de iniciativas. É a hora de acordar as pessoas que vivem em barracas para a situação de injustiça de que estão a ser vítimas. (...)

5. SET.90

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor principal: **João Paulo de Oliveira**

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador: **Adelino Cardoso**

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Campones, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampalo, Fernando Braderode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Pass, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**.

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Oscar Figueredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Canteiro**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-12 - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pípos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

FORUM

VERDADES

por Costa e Melo

Há lugares pelos quais é preciso passar, mesmo que sejam comuns. Só neles e por eles se mede o tamanho das verdades.

E sendo de verdades o tamanho medido, sê-lo-á também o das mentiras, irmãs-gêmeas que são no antagonismo que representam.

E nesses lugares, nessa selva dos lugares comuns, que mais abundam os predadores confiados nas garras e nas presas com que a natureza os dotou e certos homens os aperfeiçoaram. É toda uma solidariedade em trabalho de faina, à percentagem, com que o tal poder nos surge na mentira de interesses nacionais em cobertura da verdade de desvãos, faltas de atenção, desvios de conduta e compadrios, nada condizentes com a verdade de qualquer administração digna.

Quero referir-me ao uso que se faz do Poder, mesmo legítima e democraticamente conquistado, sem outro intuito que não seja o de esconder, em protecção própria ou alheia, muito do que se fez ou deixou fazer no desempenho de funções oficiais ou tarefas de favor, tanto mais recomendadas quanto menos fiscalizadas.

Essa ânsia, talvez mesmo necessidade de tapar ou deturpar para esquecer, acaba sempre por tornar legítimas as suspeições e o seu cortejo de meias-verdades que só não são verdades inteiras quando a tabuada é falseada por quem não hesita em perdoar o alheio para esconder o próprio.

É sempre a velha luta da verdade e da mentira, só agravada e em que medida pela agravante de tais actos ou omissões terem sido cometidos por quem tinha especial obrigação de os não cometer.

E é esse afã tanto mais de apontar quanto é certo estar a tornar-se in-

suportável a arrogância, o deslante, o descaramento com que se afivelam máscaras de desvio de atenções, agora quase desculpáveis por serem mostradas em clima complacente de campanha eleitoral à vista.

Mas é aí, bem aí, que mora outro perigo, não menor, talvez mesmo maior, que é o emprego da liberdade democrática de esclarecimento numa pantomina sem classe em que pelo lamber dos beiços se tenta mostrar ser mel a sicut.

Toda essa manobra de disfarce é filha da velha e relha, mesmo triste divisa de que, em política, «tudo o que parece é» tão querida dos totalitarismos sempre atraídos pelas obras de fachada em tapamento de fomes e barrões de lata moral e sanitária.

E é vê-la a desenvolver-se por esse país fora com intensidade crescente à medida que todos os pretextos servem para levantar nuvens poeirentas de promessas irrealistas, só agradáveis de ouvir quando, aos ouvidos, é fornecido embalo de falácias e, às bocas, migalhas imediatas do pão por vir das searas de costas largas e joios impantes da CEE tão do proveito de alguns e da desilusão dos muitos sonhadores que nunca se atreveram a contar com as pragas do caminho.

É preciso, imperioso mesmo, lutar pela verdade inteira das situações que tenham a ver com o todo nacional.

E lutar por ela não é esquecer, um só instante que seja, a obrigação de apontar os desmandos que venham ao nosso conhecimento.

Os predadores contam com a carga emocional da palavra denúncia e a bondade natural e parva do povo português que os cumprimenta, a cada esquina, sem esquecer de lhes oferecer a frase costumeira do «talvez não seja tanta assim...».

E com ela, com a frase, eles fazem a réplica do milagre da multiplicação dos pães com que se apresentam, quando apresentam se não puderam fugir a tempo, perante tribunais que

nem por serem íntegros, podem deixar de aplicar as leis paridas em útero de protecção ou adro de pagador de promessas.

Mas não pode ficar-se só por aí. Não basta apontar, em denúncia, os desmandos, as corrupções ou mesmo só os compadrios.

É preciso saber a quem e por quem, mesmo para quem e para quê.

Importa não perder de vista o fundo das gavetas do esquecimento onde até quase sempre aparecem os cheques de qualquer venalidade ou corrupção, mesmo daquelas que, na tal estratégia de ocultação ou simples tapamento e disfarce possam ter sido precedidas de decretos, portarias ou despachos de encobrimento oficial, mesmo que disfarçados por siglas só compreensíveis pelos eleitos ou beneficiários em bicha de atendimento.

É aí, nessas manobras, que a culpabilidade se acoita.

Mas, ao apontá-las, importa não esquecer a sábia máxima popular de que «tão ladrão é o que vai à vinha como o que fica de fora», alusão perfeita e directa à co-responsabilização de quantos, por seu lugar de mando e funções de administração, não impedem, podendo fazê-lo, a prática de actos anti-sociais de afrontamento às regras legais e disciplinas fixadas pelos Órgãos competentes do Estado.

A Verdade, por muito amarga que seja, é um bem sem o qual a mentira campeia e torna a vida social uma falsa e perigosa maneira de estar no mundo.

A Verdade, só ela, pode ajudar a criar a fraternidade de que toda a sociedade carece para não regressar à barbárie donde saiu para salvar-se e ao Homem que a integra.

A legítima defesa da sociedade, olhada ou não como Nação em forma vertebrada de Estado, passa pela acção dos seus próprios membros, pelo menos e para já, nos diferenciados grupos que a compõem.

E é indiscutível ou pelo menos a mim parece, que a democracia, muito embora dê ao homem a escolha dos

mais dotados para o governarem, não o pode dispensar da vigilância, da atenta vigilância em relação àqueles que, embora escolhidos, não cumprem o dever cívico de respeitar os interesses comuns, sacrificando-os aos de quantos, por mais fortes e poderosos, se sentam na poltrona fronteira ao altar dos sacrifícios.

Não basta que a verdade seja sacrificada em benefício do erradamente chamado equilíbrio, já que os pratos da balança não dispõem de taras iguais. É preciso, é mesmo fundamental, que ela seja utilizada para reforçar as confianças pela eliminação cívica de quantos se mostraram indignos.

Para que a força da Nação se consciencialize, não bastará, nunca, esconder o desmando, a corrupção, mesmo só o erro. É preciso mostrá-los despidos de qualquer protecção ou amaciamento, para que sejam vistos e firmem, se for caso disso, com as próprias arestas, o corpo dos autores.

Só a Verdade tem força bastante para que a mentira seja eliminada.

Não há manobra, despiste, habili-dade ou mesmo protecção de Poder que bsatem para, por muito tempo, ocultarem à Nação as feridas que ela própria sofreu.

O tempo tem sempre tempo atrás de si.

E não ouse acreditar, nem por sombras, que um qualquer Poder democrático tenha em si a ousadia de pretender durar tanto tempo quanto o necessário para fazer esquecer o que todos sabem e sentem mas que, por bondade atávica ou falta de coragem cívica, se recusam a denunciar fora do sigilo das eleições.

E eles, os predadores, contam com isso.

Mas nem por contarem deixam de ser mais responsáveis, os tapadores de pecados.

Mas é preciso mostrar à Nação onde eles estão, mesmo que a frase correcta venha a ser, em breve, onde estiveram.

E, sobretudo, quem foram.

A CRISE NO GOLFO, TÃO LONGE... E TÃO PERTO!

Estamos a muitos milhares de quilómetros do centro dos acontecimentos. Mas todos os dias as nossas atenções concentram-se no ecrã da televisão, nos jornais, na rádio.

O Iraque, armado através dos mais modernos meios militares pelos próprios EUA, durante o conflito com o Irão, armado pelos alemães com armas químicas, pelos soviéticos e pelos franceses, invade o Kuwait, tenta afirmar-se como potência e libertar-se da asfixia financeira que o seu vizinho lhe impunha, perante uma economia debilitada pelo esforço de guerra durante oito anos com o Irão.

Não se pode estar de acordo com a invasão do Kuwait pelo Iraque, assim como de Granada e Panamá pelos americanos, ou do Afeganistão pelos soviéticos, ou ainda de Timor Leste pela Indonésia.

Só que nem sempre o direito dos povos à independência tem sido defendido com o mesmo calor, nem os invasores condenados da mesma forma!

Há dias, uma mulher perguntava-me: «O meu filho está na Marinha. Pensa que ele pode ser mobilizado?»

Olhei para ela e vi no seu rosto a mesma ansiedade de muitos outros rostos de mulheres, há 20 anos atrás. Nessa altura, elas choravam no cais agarradas aos filhos que iam para a guerra. Uma guerra que não era nossa, mas que o regime de então teimava em sustentar: a guerra colonial.

Parece que está tudo tão longe, mas afinal está tudo tão perto - nas recordações e não só!

Nas atitudes, na subserviência!

Mal as tropas americanas descolaram dos EUA já o Governo português, sem ouvir ninguém, se prontificava a abrir os braços aos aliados: bases portuguesas totalmente ao dispor, e porque não enviar também meios militares?

Onde estão os apelos americanos ao desarmamento, as palavras bonitas sobre a paz no mundo de há uns meses atrás?

Porquê esta escalada militar promovida pelos EUA, que irá agravar todos os problemas e levar a uma confrontação de consequências imprevisíveis?

Por que não optar por um embargo económico sério (sem envolvimento militar) e pela promoção de negociações em que os países da Liga Árabe tivessem o principal papel e não os EUA?

Quem vai perder e quem vai ganhar com esta guerra?

Quem vai ganhar é quem tem e controla companhias petrolíferas, pois o preço do petróleo está a subir, nomeadamente nos EUA, na Inglaterra, na União Soviética.

Quem vai ganhar é quem tem indústria de guerra a alimentar.

Quem vai ganhar é quem puder ficar com melhores condições para dominar economicamente, perante potências concorrentes como a Alemanha e o Japão, cujas economias irão ficar mais abaladas devido às dificuldades na obtenção do petróleo e de matérias-primas e ao encarecimento do preço dos produtos com que vinham confrontando o mercado americano.

Os povos, esses irão perder, em especial os da zona do conflito. Será a

destruição e a perda da vida de milhares de pessoas.

São os grandes interesses económicos que comandam as guerras! Terão que ser cada vez mais os povos a defenderem a paz!

E nós, mulheres, que geramos a vida, sentimos de forma particular esta questão.

As mulheres portuguesas não podem estar de acordo com a decisão do Governo português de enviar meios militares.

É abrir um precedente que, a ter continuidade, pode pôr em risco a vida de centenas de jovens, nossos filhos, irmãos, maridos, que inclusive irão manejar meios militares desadequados, perante as forças em presença.

É uma posição que não salvaguarda os interesses do país e a paz.



Manuela Tavares*

*economista, presidente da UMAP (Movimento Pela Emancipação Social das Mulheres Portuguesas)

INTERNACIONAL

Sauditas avisam que Iraque possui bombas atômicas

As autoridades da Arábia Saudita declararam ontem a uma delegação do Parlamento europeu que o Iraque dispõe de bombas atômicas, facto que estaria a dar segurança a Saddam Hussein para adotar uma posição de força. Fontes do Pentágono, por seu turno, anunciaram que a Marinha norte-americana está a vigiar de perto um cargueiro fretado pelo Iraque, suspeito de transportar equipamento nuclear. O cargueiro está no Mediterrâneo oriental e foi desviado da sua rota, o porto jordano de Aqaba, por navios de guerra dos EUA.

«Os sauditas deram a entender que estão bem informados sobre o potencial militar iraquiano», disseram os parlamentares europeus, após o encontro com o rei Fahd e o príncipe Saud, ministro dos Negócios Estrangeiros. O chefe da delegação, Roberto Formigoni, afirmou estar preocupado com a notícia, acrescentando que todas as autoridades sauditas contactadas consideraram a situação «muito grave».

Chama-se Gur Mariner, o cargueiro de bandeira das Bahamas que o Iraque fretou e que tem sido acompanhado de perto pelos serviços secretos norte-americanos desde que na semana passada partiu de Port Said. Segundo fontes do Pentágono, que solicitaram o anonimato, há

fortes suspeitas de que o Gur Mariner está a transportar equipamento nuclear. O navio mudava de rota quando se preparava para atravessar o canal do Suez, dirigindo-se para o porto de Aqaba, na Jordânia, por onde passariam grande parte das mercadorias para o Iraque. Acredita-se que a mudança de rota se deveu ao medo de ser interceptado pelos vasos de guerra dos EUA que seguem de perto o

navio. Segundo a CNN, é provável que se dirija agora para a Líbia.

Superpotências em desacordo

Esta questão poderá ser tratada na cimeira entre Bush e Gorbachev, daqui a três dias em Helsínquia. Neste momento as duas superpotências parecem estar em desacordo sobre a melhor maneira de solucionar a crise.

TV iraquiana dá tempo de antena a Bush

Bagdad fez uma proposta a George Bush no sentido de transmitir uma mensagem ao povo iraquiano, a ser transmitida pelos dois canais de televisão do país, anunciou o ministro iraquiano da Informação.

Latif Jassen em declarações à agência noticiosa do Iraque, INA, afirmou que esta «ocasião dada ao Presidente americano vem na sequência das declarações de Bush à Imprensa sobre o seu direito de antena na televisão iraquiana, idêntico ao concedido ao Presidente Saddam Hussein pelos média dos EUA».

Segundo o ministro da Informação «uma equipa de televisão está pronta a dar ao Presidente americano a oportunidade de tomar a palavra nas dois canais» do país.

O Presidente Bush afirmou a 31 de Agosto que o seu homólogo iraquiano se serve da televisão dos Estados Unidos como um meio de propaganda, sublinhando que gostaria de dispor um tempo de antena idêntico com destino ao Iraque.

Bush fez estas afirmações depois da retransmissão pela cadeia de televisão norte americana CNN do encontro entre Saddam Hussein e os reféns estrangeiros. Dias depois, o reverendo Jesse Jackson efectuou uma entrevista, difundida em blocos separados no início deste mês, por várias cadeias de televisão americanas.

O secretário de Estado norte-americano, James Baker, seguiu ontem à noite para a Arábia Saudita, para um périplo por diversos países árabes antes da cimeira. Leva com ele a proposta de criação de uma aliança militar com países da região, nos moldes da NATO, mesmo se a actual crise no Golfo for superada.

A reacção iraquiana não se fez esperar. Num discurso lido pelo seu porta-voz, Saddam Hussein apelou ontem à «guerra santa» contra os EUA e classificou de «traidores» o rei Fahd e o presidente egípcio Hosni Mubarak por se aliarem aos norte-americanos.

Em Moscovo, continua a temer-se a presença militar dos EUA no flanco sul da URSS e desenvolvem-se esforços para uma resolução pacífica da crise. Ontem, com uma sisedez pouco habitual, Gorbachev recebeu o ministro iraquiano dos negócios Estrangeiros, Tarek Aziz, para um encontro aparentemente infrutífero.

Embora Aziz tenha apostado na boa vontade dos aliados, os seus grandes aliados antes da crise, Gorbachev não abdicou da exigência de uma retirada incondicional do Kuwait para que se possa iniciar negociações.

Redacção
«DL»/Lusa /AFP

Guerrilha e Governo sanam divergências de última hora

Camboja procura a paz em Jacarta

Foi hoje desbloqueado um dos principais entraves que se levantava à continuação das negociações de paz para o conflito cambojano que se vão realizar durante o próximo fim-de-semana em Jacarta. Até ao fim do dia de ontem, as negociações corriam o risco de não se realizarem uma vez que o líder das facções rebeldes do Camboja, Norodom Sihanouk, mantinha a sua posição de não se deslocar a Jacarta conforme as exigências do chefe do Governo pró-vietnamita de Phnom-Penh.

A decisão de Sihanouk de rever a sua posição, embora insista que a sua presença em Jacarta seja apenas a título de observador, vem ao encontro da posição das autoridades cambojanas de Phnom-Penh, segundo as quais toda e qualquer resolução para o conflito só poderá ser encontrada com base em negociações de carácter «bilateral» entre o Governo de Hun Sen e o conjunto das forças de resistência. Estas, no entanto, insistem para que as diferentes facções sejam consideradas cada uma por si e em pé de igualdade. A posição defendida por Hun Sen tem por objectivo, segundo os observadores, relegar para um segundo plano os Khmeres Vermelhos, marxistas radicais, de longe principal facção da guerrilha.

As negociações que vão decorrer em Jacarta visam negociar a paz com base na proposta da ONU, que prevê a constituição de um Conselho Nacional Supremo integrando as diferentes facções da guerrilha, e um envio de uma força militar e civil com o objectivo de administrar o país e vigiar o cessar-fogo até à realização de eleições gerais livres.

Neste momento três dos cinco membros do Conselho de Segurança da ONU estão a apoiar as partes envolvidas no conflito: a China ao lado dos Khmeres Vermelhos, a União Soviética apoia Hanoi e Phnom Penh e os Estados Unidos fornecem material de guerra às facções da guerrilha não comunista.

Redacção «DL»/AFP

Bolsa de Madrid destruída à bomba

Duas bombas explodiram durante a manhã de hoje em Madrid. A primeira bomba de grande potência explodiu na instalação da Bolsa de Madrid cerca das 11:35 horas locais (10:35 horas de Lisboa).

O engenho estava colocado perto da sala geral de contratações e provocou pelo menos seis feridos ligeiros e originou um corte de energia no edifício. Sensivelmente 20 minutos após a primeira explosão uma outra ocorreu no Ministério da Economia.

Não se sabia até ao momento do fecho desta edição o número de vítimas. Nenhum dos dois atentados tinha sido ainda reivindicado, embora se suspeite que façam parte da nova onda de violência anunciada pela ETA.

Redacção
«DL»/AFP/Lusa

Crise no Golfo sai cara aos Doze

Orçamento comunitário poderá ser revisto

Do nosso correspondente em Bruxelas

A Comissão europeia anunciou ontem a concessão de uma ajuda financeira no valor de 2,7 milhões de contos destinada aos 260 mil refugiados bloqueados na Jordânia. Sabe-se, igualmente, que o mecanismo destinado a libertar uma verba de aproximadamente o dobro foi desenhado para enfrentar «necessidades várias». Entretanto, aventa-se a possibilidade de uma revisão e reforço do orçamento comunitário, hipótese que o executivo de Bruxelas se esquia a encarar publicamente.

A reunião de ontem dos comissários europeus, cujos assuntos principais foram a situação no Golfo Pérsico e os seus reflexos económicos, acabou por contrariar as expectativas que a rodearam. No final, apenas uma lacónica conclusão do porta-voz anunciava a concessão do subsídio já citado. A mesma fonte remetia os jornalistas para os conselhos de ministros dos Negócios Estrangeiros e das Finanças que decorrerá, a par de amanhã, em Roma. Espera-se que sejam anunciadas mais ajudas,

nomeadamente a países que até agora não tinham sido ventilados. Os titulares das Finanças analisarão o impacto da crise e os seus efeitos económicos na Comunidade. Eventualmente, e ao contrário do que se esperava, o Reino Unido deve adiar o anúncio da data de adesão ao Sistema Monetário Europeu. As razões estão obviamente ligadas ao imprevisível evoluir da situação no Golfo Pérsico. Cada vez mais se teme uma crise petrolífera, a terceira, sabendo-se que as anteriores deixaram marcas indeléveis em todos os países.

A Bélgica, por exemplo, decidiu aumentar hoje o preço dos combustíveis (super a 141 escudos), medida que se repete pela sétima vez no espaço de um mês. Estão igualmente a ser encaradas medidas restritivas na velocidade ou na circulação de veículos, isto no caso de se agravarem as tensões existentes entre o Iraque e a comunidade internacional.

Unidade parcial

Os observadores políticos radicados em Bruxelas fazem notar que os acontecimentos no Golfo vieram trazer à luz duas evidências: a primeira,

que politicamente a unidade entre os Doze funcionou; a segunda, que a necessidade de uma coordenação militar é irrefutável. A ineficácia da UEO (União da Europa Ocidental), a quem caberia esse papel, foi provada.

Primeiros a decretar, desde 4 de Agosto, o embargo contra o Iraque, primeiros a lançar a ideia de uma ajuda económica aos países pobres afectados pela crise; primeiro ainda a recordar a existência de refugiados na Jordânia, os Doze mostraram capacidade para acções coordenadas. O mesmo não se passou a nível militar, onde a reacção se fez de forma dispersa, deixando a nu a pouca competência da UEO neste capítulo. Um perito do CEPS (Centro Europeu de Estudos Políticos) opinou que a crise teve o mérito de mostrar essa realidade. Se a crise tiver uma vivência inferior a seis meses, não há dúvidas que os Doze irão reforçar a sua componente militar, ou seja proceder a uma revisão tendo em vista a possibilidade de agir de forma coordenada na defesa dos seus interesses. No caso de um prolongamento da crise, então, assistir-se-á — preconizam os peritos — ao reforço da lider-

ança americana em todo este processo. A curiosidade, no entanto, continua a fixar-se na Alemanha, o grande país comunitário que se mantém afastado da ribalta em todo este cenário, embora a sua solidariedade política tenha sido oportunamente manifestada.

Socialistas pressionam

O grupo socialista do Parlamento Europeu organiza hoje e amanhã uma conferência sobre a União Económica e Monetária, acontecimento que não deixa de ser interpretado como uma forma de pressão sobre os ministros das Finanças que se reunirão sábado e domingo, em Roma.

A perspectiva socialista é desenvolver esforços para que os governos dos Doze não esqueçam as políticas de desenvolvimento económico e pleno emprego em detrimento da fobia quanto ao controlo da inflação. Jacques Delors falará esta tarde, o mesmo sucedendo com Vítor Constâncio que se desloca a Bruxelas para tecer considerações sobre «a União Monetária e os seus instrumentos».

José Rui Cunha

Para combater o narco-terrorismo

Colômbia quer auxílio dos países ocidentais

O Governo colombiano está persuadido que o êxito da sua luta contra o narco-terrorismo depende daqui por diante, essencialmente, de um forte apoio económico da comunidade internacional aos esforços da Colômbia.

«Até agora a Colômbia assumiu sozinha a luta contra o narco-terrorismo», sublinhou na segunda-feira um alto funcionário colombiano que preferiu manter o anonimato. Ele fez questão de esclarecer que o custo da guerra contra as mafias da droga, desde Agosto de 1989, já chegou a um total de dois mil milhões de dólares.

A Colômbia encontra-se actualmente na mesma situação que o Presidente George Bush, que pede aos aliados para contribuírem financeiramente aos esforços dos EUA para resolver a crise do Golfo Pérsico, explicou o alto funcionário. Tal como o Golfo, considerou, o tráfico de drogas e o narco-terrorismo «são problemas que dizem respeito ao mundo inteiro».

Referindo-se ao relatório confidencial que o Presidente César Gaviria enviou ao vice-presidente norte-americano Dan Quayle, quando tomou posse a 7 de Agosto, a mesma fonte sublinhou que a Colômbia espera dos países industrializados, principalmente, um tratamento comercial preferencial.



César Gaviria, o novo Presidente colombiano. Relatório secreto a Dan Quayle, no dia da posse

De facto, o Presidente Gaviria decidiu ampliar a política de abertura económica lançada pelo seu antecessor, Virgílio Barco, que prevê um aumento do número de produtos destinados à exportação. O êxito desta política assenta, antes

de tudo o mais, na possibilidade dos produtos colombianos conseguirem entrar nos mercados dos dois principais parceiros ocidentais da Colômbia: os Estados Unidos e a CEE.

«Para nós, o sector comercial é prioritário e temos necessidade do apoio norte-americano e de outros países ocidentais», frisou o alto funcionário colombiano. Ele explicou que o seu país está também à procura de um mecanismo de financiamento - emissão de títulos de dívida garantidos pelos EUA, por exemplo - para auxiliar na guerra contra as mafias da droga.

Consequências Internas

Esta não é primeira vez que o governo Colombiano exprime a sua inquietação no que concerne à ajuda dos países ocidentais. Logo após a sua investidura, o Presidente Gaviria não escondeu a sua decepção, sublinhando que a comunidade inter-

nacional tinha feito «bem pouco» pelo seu país.

Bogotá considera, com efeito, que há um desequilíbrio entre aquilo que é pedido à Colômbia na sua luta contra o tráfico de droga e a ajuda real que o país recebeu.

Este desequilíbrio poderá mesmo ter consequências a nível interno e Gaviria, no relatório confidencial, avisa o seu parceiro norte-americano contra uma possível apatia da opinião pública colombiana já grandemente decepcionada com o brando resultado do presidente da Câmara de Washington, Marion Barry.

Barry, acusado de perjúrio, consumo e posse de droga, foi apenas condenado por uma só das 14 acusações que sobre ele pesavam: posse de cocaína.

Segundo o Governo colombiano, a ofensiva contra o narco-terrorismo deverá prosseguir porque o período calmo que actualmente o país conhece, depois da trégua ilimitada que os «Extraditáveis» (o braço armado do cartel de Medellín) anunciou a 27 de Julho, continua precário e pode a qualquer momento ser rompido. Mesmo que, como frisou o alto funcionário, o narco-terrorismo «tenha perdido a sua capacidade operacional e a sua capacidade de perturbar a ordem pública».

Redacção «DL»/ André Birukoff-AFP

Violência na África do Sul leva Polícia ao banco dos réus

Mesmo admitindo que a confiscação de todo o tipo de armas tenha sido levada até às últimas consequências e que as forças policiais tenham agido com imparcialidade, nem essa apreensão, nem o reforço dos efectivos do exército e da polícia conseguiram ainda acabar com a violência nos bairros negros que circundam Joanesburgo. Assim, os recontros que há dois dias opuseram habitantes da township de Sebokeng e as pessoas alojadas num dormitório para trabalhadores, provocaram pelo menos 36 mortos.

Este é mais um episódio sangrento da guerra sem tréguas travada há algumas semanas pelos simpatizantes do movimento zulu, que tentavam conquistar algumas salas para as transformar em bases, e os apoiantes do Congresso Nacional Africano (ANC), que, por seu lado, tentavam resistir aos ataques. Testemunhas oculares são unânimes em denunciar a participação das forças policiais a favor de uma das facções em luta. Segundo as testemunhas, a polícia não só ajudou os simpatizantes do Inkhata nessas expedições punitivas, como usou balas reais e matou habitantes de Sobokeng, tentando dispersar uma multidão que, alegadamente, os ameaçava.

O Presidente Frederik De Klerk prometeu fazer luz sobre o inadequado comportamento de certos polícias durante os motins que, durante o mês de Agosto, fizeram mais de 500 mortos, na região de Joanesburgo. A este inquérito virá juntar-se um outro sobre o novo massacre de Sebokeng, mas o chefe de Estado terá que actuar prudentemente para não ferir a susceptibilidade de um corpo de funcionários irritados com a decisão e pouco entusiasmados com as reformas políticas em curso.

Apesar das acusações, há porém um facto novo e pouco habitual a registar: entre os detidos estão também dezenas de partidários do Inkhata, nomeadamente um responsável das «brigadas de jovens» da província de Transvaal, preso em flagrante delito, por porte de armas ilegal. Perante esta situação o chefe do movimento zulu, Mangosuthu Buthelezi irá pedir uma nova reunião com Nelson Mandela do ANC para pôr termo à violência? Em todo o caso, este último continua a repetir que, nas actuais circunstâncias, aceitar uma proposta similar seria cometer um «grave erro».

Enquanto Sebokeng estava no meio da tormenta, De Klerk, acompanhado da mulher e de vários ministros, visitava o Soweto, essa imensa cidade negra de cerca dois milhões de habitantes, situada às portas de Joanesburgo. Durante esta visita-surpresa de duas horas, marcada por uma recepção «calorosa e espontânea» o Presidente e a sua comitiva visitaram um hospital, uma escola primária, um centro comercial e, claro, uma habitação cuja degradação lhe pareceu «absolutamente inaceitável».

De Klerk, que acabou de abrir as portas do Partido Nacional no poder a todas as raças e que quer ser o Presidente de todos sul-africanos, procura ao mesmo tempo medir a sua popularidade e adquirir a legitimidade para as negociações que se aproximam e que vão dar forma a uma «nova África do Sul».

Jaques De Barrin

Exclusivo Le Monde/«DL»

Somos uma instituição sem fins lucrativos que há 14 anos dedica o seu trabalho à criança

CRECHE para crianças dos 15 aos 36 meses, 2 salas, 2 educadoras de infância e 4 auxiliares. **Aberta das 8 às 18.30 horas**

JARDIM DE INFÂNCIA para crianças dos 3 aos 6 anos, 3 salas, 1 educadora de infância e 1 auxiliar por sala. **Aberto das 8 às 19 horas**

Ateliers, biblioteca, desenho, modelagem, imprensa e expressão dramática. Praia em Julho, actividades exteriores, passeios, visitas, almoço e lanche e amplo jardim para recreio.

TEMOS AINDA ALGUMAS VAGAS PARA 1990/91

Inscrições a partir de 1 de Setembro

Confie-nos os seus filhos: as crianças sentem-se bem connosco!

ADECO

Associação de Desenvolvimento Comunitário da Freguesia das Mercês

Rua da Palmeira, 11 (ao Príncipe Real) • 1200 Lisboa • Telef.: 327887

Possível uma reaproximação entre soviéticos e japoneses

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, em visita ao Japão, pronunciou na capital deste país um importante discurso sobre a política asiática da URSS.

Destinados essencialmente a preparar a visita ao Japão, no próximo ano, de Mikhail Gorbachev, os encontros que Shevardnadze manteve em Tóquio deverão permitir uma reaproximação das posições japonesas e soviéticas. Uma relativa flexibilidade é, em todo o caso, notória por parte dos japoneses, dispostos a alinhar no processo de evolução dos equilíbrios internacionais.

No que se refere às questões de segurança, o Japão, que pela primeira vez não menciona a tradicional «ameaça soviética» na edição de 1990 do seu livro branco sobre defesa, mostra-se pronto a encetar negociações com a União Soviética, com vista à criação de um clima de confiança mútua no domínio militar.

Tóquio pretende manter intercâmbios com a agência de defesa e o Exército Vermelho, negociar um acordo que permita aos navios dos dois países a permanência nos respectivos portos e assegurar um máximo de transparência, numa base de reciprocidade, em matéria de informação militar. Se este projecto se concretizar, registar-se-á uma viragem substancial na política de defesa de Tóquio, até agora orientada contra a «ameaça soviética».

Esta orientação poderá modificar profundamente o contexto das relações com Moscovo. Com efeito, até ao presente, os japoneses colocavam como condição para qualquer tipo de negociações, a resolução do diferendo sobre as ilhas Curilas, ocupadas pelos soviéticos no final da

guerra, e uma redução unilateral das forças de Moscovo no Extremo Oriente.

Parece que os japoneses aceitaram não dar grande ênfase à reivindicação do que sempre consideraram «os territórios do Norte», concentrando-se mais na negociação de questões de segurança, como pretendem os soviéticos.

A cartada de Tóquio

Numa recente entrevista ao quotidiano «Asahi», Shevardnadze declarou nomeadamente que era muito importante reflectir sobre um mecanismo de negociações globais destinadas a fazer emergir soluções concretas para os problemas existentes entre os dois países.

Os meios financeiros pressionam o Governo para que abandone a ligação tradicional entre a política e a economia. Segundo Eiji Suzuki, presidente da Nikkeiren, uma das organizações patronais do país, citado pelo jornal «Mainichi», não é necessário «recusar cooperar com a URSS no domínio económico enquanto o conflito territorial não for resolvido».

Não parece certo que, nesta altura, os japoneses estejam dispostos a fazer grandes concessões nesse domínio, mesmo que isso represente uma demarcação das posições dos seus parceiros ocidentais, mais dispostos a ajudar financeiramente a URSS. É a única carta que pretendem jogar face a Moscovo, que pretende captar japoneses para a Sibéria. Tóquio continua a sustentar que uma cooperação mais ampla depende da solução satisfatória da questão territorial.

Redacção «DL»/ Le Monde

INTERNACIONAL

Acordo Gorbachev/Ieltsin visa salvar a URSS da desintegração

O acordo Gorbachev/Ieltsin constitui a última oportunidade para salvar a URSS da desintegração, escreve a agência soviética Tass, num comentário sobre a aproximação entre os dois líderes. Considerando-a benéfica para ambas as partes, a agência indica que mesmo que provisoriamente, Gorbachev ganha parte do voto de confiança, actualmente na posse de Ieltsin, para proceder à reforma que se impõe. Sem isso, a passagem para uma economia de mercado seria talvez inviável. E mesmo que a aliança entre os dois líderes não garanta o sucesso da reforma económica da URSS, proporcionará uma oportunidade real para a atingir. A Tass diz ainda que Ieltsin sairá também beneficiado com este acordo, já que o seu prestígio aumentará, ficando mais perto de Gorbachev. Ao participar juntamente com o Presidente soviético na solução dos problemas prioritários da perestroika, Ieltsin «assumirá grande parte da responsabilidade pelos destinos do país».

Redacção «DL»/Novosti

Governo provisório da Alemanha unida terá quatro ministros da RDA

Bona a postos para a unificação

O Governo alemão federal iniciou diligências no sentido de reunir em Berlim, no dia da unificação, os chefes de Estado e de Governo das quatro potências vencedoras da II Guerra Mundial (URSS, França, EUA e Grã-Bretanha), segundo um porta-voz governamental em Bona.

Hans Klein confirmou igualmente que o dia 3 de Outubro passará a partir deste ano a ser feriado nacional na Alemanha unida.

As cerimónias da unificação, a 3 de Outubro, iniciar-se-ão às zero horas, com a mudança de bandeiras na porta de Brandeburgo, uma espécie de arco de triunfo no limite dos dois lados de Berlim, que durante 40 anos simbolizou a divisão da Alemanha.

Haverá uma cerimónia oficial no Reichstag (Parlamento), cujo ponto forte será um discurso do Presidente da República, Richard von Weizsäcker. No dia seguinte realizar-se-á a primeira reunião do Parlamento da Alemanha unificada.

Após as eleições gerais marcadas para 2 de Dezembro, o Parlamento será composto pelos actuais 519 deputados e mais 144 deputados delegados para a Câmara do Povo Leste-Alemão.

Helmuth Kohl, o primeiro chanceler da Alemanha reunificada, pronunciará a sua primeira declaração governamental.

Mas desde o dia 5, o Bundestag reunir-se-á em Bona para debater o orçamento suplementar para 1990, destinado a financiar a

unificação. Kohl deverá nomear para o seu Governo quatro ministros alemães orientais para o ajudarem a resolver os graves problemas da RDA após a reunificação, revelaram fontes governamentais em Bona.

As mesmas fontes, não identificadas, acrescentaram que o primeiro-ministro alemão oriental, Lothar de Mazière, é um dos principais candidatos a um cargo de ministro do Governo provisório unificado que, sob a chefia do chanceler alemão federal, liderará a nova Alemanha unificada a às eleições conjuntas de 2 de Dezembro.

Ainda segundo aquelas fontes, outros principais candidatos alemães orientais a um cargo de ministro no Governo provisório unificado são Guenther Krause (principal membro da delegação da RDA às conversações de unificação), Sabine Bergmann-Pohl (presidente do Parlamento) e Rainer Ortleb (líder do Partido dos Democratas Livres).

As fontes realçaram no entanto que esses quatro novos membros do Governo de Kohl serão ministros sem pasta.

A rádio alemã federal informou que os quatro novos ministros actuarão como intermediários entre o Governo do chanceler Kohl e os cinco Estados da actual RDA.

Entretanto os principais partidos da RDA estão a escolher os 144 deputados que terão assento no Parlamento da Alemanha Federal após a unificação.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

B R E V E S

De Klerk abre negociações a todas as forças políticas

O Presidente sul-africano, Frederik De Klerk, convidou publicamente todos os partidos e movimentos da África do Sul a participarem nas conversações com o seu Governo. O chefe de Estado, que falava durante o Congresso do Partido Nacional, especificou que o convite se aplica também aos pequenos grupos. Numa crítica clara ao seu principal opositor no caminho das reformas De Klerk exortou o Partido Conservador a «levantar agora as diferenças» e abrir o diálogo em vez de enfatizar aspectos negativos e interromper encontros do Partido Nacional. A intervenção do Presidente, que foi acolhida com uma prolongada ovação, sublinhou a irreversibilidade das reformas empreendidas para a construção de uma «nova África do Sul», livre da discriminação racial. (ver pág. 10)

Moscovo propõe acordo militar com Japão

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Eduard Shevardnadze, apresentou hoje em Tóquio ao seu homólogo japonês, Taro Nakayama, uma proposta de dez medidas sobre questões militares para aliviar a tensão entre os dois países. Entre as dez medidas propostas por Shevardnadze estão a notificação mútua de manobras de larga escala, a realização de contactos entre entidades de ambos os ministérios da Defesa e a troca de visitas militares. Shevardnadze propôs ainda a conclusão de um tratado semelhante àquele assinado entre Moscovo e Washington sobre actividades perigosas e ainda o estabelecimento de um diálogo permanente entre peritos militares dos dois países. (ver pág. 10)

Jugoslavia expulsa activistas dos direitos humanos

Quatro membros de uma organização internacional de fiscalização dos direitos Humanos receberam ordem de expulsão da Jugoslavia, depois de terem investigado denúncias de abusos na província jugoslava de Kosovo. Acusados pelas autoridades locais de distribuírem panfletos não especificados, os activistas ficaram detidos durante cinco horas e viram os seus passaportes assinalados com uma ordem imediata de abandonarem o país e a proibição de aí regressarem nos próximos três anos.

Vala comum descoberta em São Paulo

Num cemitério da cidade brasileira de São Paulo foi encontrada uma vala comum, contendo 1500 cadáveres provavelmente pertencentes a presos políticos perseguidos e mortos durante a época da ditadura militar. Esta é a maior descoberta do género na História do Brasil e as autoridades ordenaram já a identificação dos restos mortais, enquanto no local prosseguem as escavações.

O desaparecimento de Wallemberg

Comissão internacional pede acesso aos arquivos do KGB

O misterioso caso do desaparecimento do diplomata sueco Raul Wallemberg no fim da II Guerra Mundial, parece estar perto de ser solucionado. Todas as pistas encontradas durante as investigações levadas a cabo pela comissão internacional conduzem à KGB.

A comissão, que já encontrou importantes elementos, consultando os arquivos do ministério soviético do Interior, quer agora avançar para os dos famigerados serviços secretos. O KGB prometeu cooperar com a comissão mas não deu ainda a autorização para consultar os arquivos. O historiador soviético Mikhail Chlenov, um dos membros da comissão, disse ter sido já «solicitado oficialmente» uma reunião com os responsáveis do KGB com poder para decidir se os arquivos podem ser consultados. A pista que conduziu os investigadores ao edifício da Lubianka surgiu, na semana passada, quando a comissão visitou a

prisão Vladimir, perto de Moscovo, onde Wallemberg esteve preso. Responsáveis da prisão disseram aos investigadores que os documentos relativos a reclusos estrangeiros tinham sido transferidos para os arquivos do KGB. A comissão contestou a notícia de uma agência soviética segundo a qual não teriam encontrado provas da presença de Wallemberg na prisão Vladimir. Os investigadores, embora admitindo não ter encontrado nenhum documento comprovativo da prisão, afirmaram ter reunido elementos relativos a outros presos que garantem ter visto Wallemberg ou ouvido dizer que ele ali estivera.

Entretanto a organização soviética chamada «sociedade Raul Wallemberg», apelou ao Presidente Gorbachev para que publicamente reconheça a culpa do Estado na «detenção ilegal e repressão» de Wallemberg.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

Divergências marcam o primeiro encontro dos chefes de Governo das duas Coreias

Os primeiros-ministros das duas Coreias reuniram-se para preparar a eventual reunificação, mas o encontro terminou num impasse, com a aparente recusa mútua das propostas das duas delegações.

O chefe do Governo de Seul, Kang Young-Hoon, reuniu-se com o seu homólogo da Coreia do Norte, Yon Hyong-Muk, para um encontro de 53 minutos, em que apresentaram as suas propostas para aliviar a tensão na península e analisar uma eventual reunificação.

E enquanto as delegações estavam reunidas no hotel Intercontinental, sob fortes medidas de segurança, nas ruas de Seul a polícia interveio para dispersar centenas de estudantes que exigiam a retirada das forças norte-americanas do país.

Kang propôs a abertura das fronteiras entre os dois países nos feriados nacionais, retomar as comunicações, reunir famílias separadas, reduzir as forças armadas para níveis idênticos, aumentar a cooperação comercial e económica e tomar outras medidas para aumentar a confiança mútua.

Mas Kang realçou que «a confrontação política e militar» deve ter prioridade sobre todas as outras propostas.

Por seu turno, o Governo de Pyongyang fez três exigências principais - a libertação imediata de três dissidentes detidos na Coreia do Sul, a suspensão dos exercícios anuais conjuntos Estados Unidos-Coreia do Sul e a ocupação de apenas um assento nas Nações Unidas.

No final da reunião, o porta-voz do Governo de Seul, Kim Hyong-Gi, disse aos jornalistas não ter existido «espaço para um acordo» sobre as propostas do

seu executivo.

Yon, Kang e as delegações dos dois países voltam hoje a reunir-se à porta fechada.

Contudo, as perspectivas de êxito são difíceis.

Perspectivas sombrias

O porta-voz do executivo sul-coreano disse que «os norte-coreanos não deverão alterar a sua posição».

«Nesse caso, disse Kim, as perspectivas de resultados produtivos são sombrias».

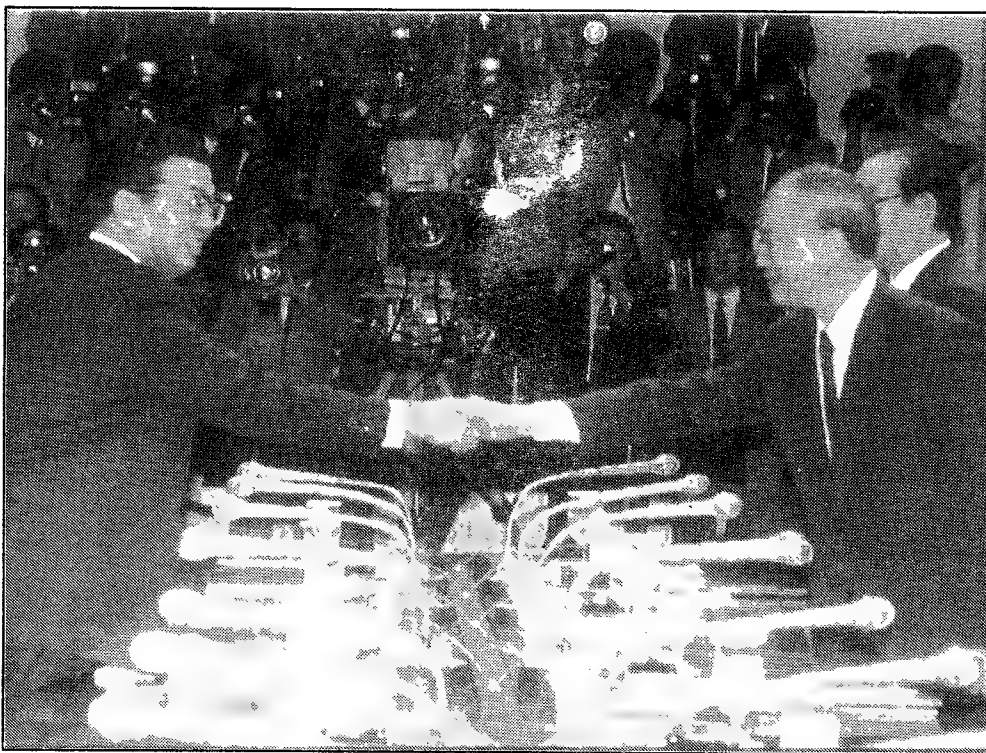
Apesar das divergências de fundo, as delegações das duas Coreias aproximaram posições para acordos em questões menores, como a criar uma

linha entre as chefias militares, pôr fim à guerra de propaganda e retirar fortificações da zona desmilitarizada que separa os dois países.

A entrada do hotel onde estavam reunidas as duas delegações, a polícia sul-coreana dispersou uma concentração de estudantes e deteve quatro manifestantes que tentaram desfraldar uma bandeira vermelha junto ao edifício.

Em duas universidades de Seul, cerca de 800 estudantes confrontaram-se com a polícia, com pedras e bombas incendiárias, para exigir a retirada das forças dos EUA e protestar contra o que consideram «a posição pouco sincera» de Seul face à reunificação.

Redacção «DL»/Lusa



Os primeiros-ministros Yon Hyong-Muk e Kang Young-Hoon, da Coreia do Norte e do Sul, respectivamente, cumprimentam-se antes da reunião de Seul

ECONOMIA

B R E V E S

Portugal e Espanha lutam por projecto Ford-VW

Sevilha e a região ao sul de Lisboa são os lugares prováveis para a instalação de uma fábrica Ford-Volkswagen que as duas multinacionais pretendem criar em conjunto na Europa. Segundo o jornal espanhol ABC, o projecto implica um investimento de 354 milhões de contos e a criação de quatro mil postos de trabalho. Antes do fim do ano será tomada uma decisão quanto ao local da sua implantação.

Sessão de esclarecimento sobre Pitie e Prodibe

A Coprai promove no dia 28 de Setembro, em Lisboa, uma sessão de esclarecimento sobre o Programa Integrado de Tecnologias de Informação e Electrónica (Pitie) e Programa de Desenvolvimento de Bens de Equipamento (Prodibe). Na altura, especialistas prestarão todas as informações sobre estes domínios e debaterão com os participantes todas as dúvidas.

Expogarden: tudo sobre flores e plantas

Abre hoje e decorre até ao dia 9, na FIL, o 1.º Salão das Plantas, Flores, Produtos, Equipamentos, Mobiliário para Jardim e Piscinas (Expogarden). O certame conta com cerca de meia centena de expositores e pretende «dar resposta às necessidades dos agentes económicos do sector, confrontados com um mercado concorrencial em franco crescimento».

Privatizações portuguesas interessam húngaros

O programa português de privatizações está a interessar o Governo húngaro, que está a desenvolver esforços para liberalizar a economia do seu país. Este interesse foi manifestado durante um encontro dos secretários de Estado da Indústria de ambos os países, altura em que também foram analisadas as possibilidades de cooperação em vários sectores produtivos, nomeadamente vestuário, calçado, especialidades farmacêuticas e alguns ramos da indústria alimentar. O estreitamento das relações económicas entre Portugal e a Hungria foi também tema das conversações.

Emparcelar e rejuvenescer é solução para agricultura

Governo português apresenta programa em Bruxelas destinado a reformular o tecido empresarial agrícola

A conjugação do emparcelamento e a cessação de actividade agrícolas são as medidas contidas num programa que o Governo irá apresentar em Bruxelas, até finais de Outubro. Afirmou Álvaro Amado, secretário de Estado da Agricultura, que são duas medidas que, se desarticuladas, não teriam o mesmo impacto, sendo o seu objetivo «rejuvenescer o tecido empresarial agrícola», «fixar os jovens à terra» e «apoiar a constituição de terras com dimensão média mais adequada e maior produtividade».

Ainda segundo o secretário de Estado, o programa destina-se a ser aplicado, «em última instância e conjuntamente, na produtividade das explorações» com consequente aumento do rendimento para os agricultores.

De acordo com o que foi afirmado, o sub-programa de cessação de actividade, de aplicação simultânea com o do emparcelamento rural, será feito mediante a concessão de uma indemnização anual aos agricultores com mais de 60 anos e menos de 70, que cessem definitivamente a

actividade, o que, na prática, significa que, dos 65 aos 70 anos, quem optar por esta solução receberá, em simultâneo, a reforma e o subsídio, após o que receberá a reforma.

Dados estatísticos referentes ao recenseamento geral de 1979 referem que 66 por cento das explorações agrícolas não atingem os dois hectares, tendo estas, em média, 4,5 blocos. A estrutura fundiária, não só fragmentada, é também rígida, dado o sistema de heranças que perpetua a dimensão reduzida da propriedade.

Em complemento, regista-se o envelhecimento da população agrícola, com mais de 55 por cento com idades superiores aos 55 anos. A idade avançada de muitos deles, segundo Álvaro

Amaro, «constitui um entrave ao desenvolvimento da transformação do sector pela maior dificuldade de estes adoptarem novos processos culturais».

Recusa na vinha

No que se refere ao programa comunitário de apoio financeiro para reestruturação da vinha, parece não estar a ter receptividade. Disso mesmo se queixou Adelino Portela, sub-director agrícola regional de Entre-Douro e Minho, que afirmou que «nas duas últimas campanhas apenas houve, a nível nacional, candidaturas para a reestruturação de cerca de mil hectares, o que é manifestamente pouco».

De acordo com um comunicado emitido, Adelino Portela considera que o programa de regulamento 2239/

86 «terá de ser devidamente aproveitado, porque é limitado no tempo, correndo-se o risco de perder grande parte desses apoios financeiros», sendo considerado como de grande importância a reestruturação da vinha naquela região porque, «por um lado, vai permitir a utilização de áreas libertas para outras culturas mais adequadas e, por outro, a implantação de vinhas em locais bem expostos, com castas recomendadas», possibilitando a produção de vinhos de qualidade.

O texto acrescenta que estes vinhos terão «acesso mais facilitado aos mercados nacionais e externos», contrariamente aos vinhos de má qualidade que, «perante a legislação mais exigente, poucas possibilidades terão».



Há que rejuvenescer a agricultura portuguesa

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44\$80	50\$80
ALEMANHA FED. (marco)	87\$60	88\$80
ÁUSTRIA (xelim)	12\$45	12\$65
BÉLGICA (franco)	4\$072	4\$322
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	11\$20	121\$70
(notas de 5 a 1000)	11\$70	122\$20
DINAMARCA (coroa)	22\$90	23\$30
ESPAÑA	1\$360	1\$480
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	137\$40	140\$90
(notas de 5 a 1000)	137\$90	141\$40
FINLÂNDIA (marka)	37\$20	37\$80
FRANÇA (franco)	26\$15	26\$85
HOLANDA (florim)	77\$70	78\$80
IRLÂNDIA (libra)	237\$55	241\$55
ITALIA (lira)	\$107	\$122
JAPÃO (iene)	\$927	\$982
NORUEGA (coroa)	22\$65	23\$15
REINO UNIDO (libra)	261\$40	265\$90
SUÉCIA (coroa)	23\$85	24\$35
SUÍÇA (franco)	105\$50	107\$00
VENEZUELA (bolívar)	2\$389	3\$189

OBSERVAÇÕES:

- 1 — Não respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 12.º Juízo ANÚNCIO

Proc. n.º 4658/B
1.ª secção

No dia 24 do próximo mês de Setembro do corrente ano, pelas 10 horas e 30 minutos, à porta do Tribunal do 12.º Juízo Cível de Lisboa, 1.ª secção, será posto em praça para serem arrematados, pela 1.ª vez, pelo maior lance acima do seu valor, uma estante de dois corpos com prateleiras, um plano vertical, uma escrivaninha com três gavetas, uma estante com sete prateleiras, um roupeiro em pinho encerado, seis cadeiras de cor castanha, uma cómoda, dois armários em madeira em tola, uma mobília de casa de jantar com mesa redonda e sete cadeiras, uma cómoda de duas gavetas, um televisor de marca Grundig de 70 mm, um gravador-vídeo de marca Grundig, um amplificador, discos, um gravador de cassetes, um rádio-gravador, uma televisão a preto e branco e um sofá de três corpos e dois maples, conforme o ordenado nos autos de Execução de Sentença n.º 4658/B, em que é exequente «Diário de Notícias» EP e executados Alda Ribeiro Garcia de Pina Baleiras e marido Rui Nelson de Pina Neves Baleiras, residentes na Rua Augusto Gil, 28-4.º Esq. em Lisboa e Maria Adelaide Ribeiro, residente na Rua Augusto Gil, 28-1.º Esq. em Lisboa.

Dos bens penhorados foi nomeado fiel depositário o executado Rui Nelson de Pina Neves Baleiras que os apresentará a quem pretender.

Lisboa, 13 de Julho de 1990.

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)
O escrivão adjunto
(assinatura ilegível)

«DL» — 6/9/90 — 2.ª Pub

Pobres querem maior fatia da riqueza dos ricos

Os dirigentes do Terceiro Mundo presentes na Conferência de Paris sobre os Países Menos Avançados reclamaram uma participação no crescimento económico mundial, através de um maior auxílio para o combate ao subdesenvolvimento.

O presidente do Bangladesh, Hussain Mohamed Ershad, e o do Uganda, Yoneri Museveni, que desde Julho preside à Organização de Unidade Africana, lançaram um apelo nesse sentido e exprimiram a sua preocupação perante a crise do Golfo e os consequentes aumentos do preço do petróleo.

Museveni referiu que os países menos avançados eram apenas espectadores nesta crise e pediu 0,2 por cento do produto nacional bruto aos países ricos. Aliás este é um dos objectivos em jogo na Conferência de Paris e ao qual o presidente francês François Mitterrand correspondeu positivamente, comprometendo-se a atingi-lo até ao ano 2000.

Em 1989, o auxílio público ao desenvolvimento foi apenas de 0,09 por cento, em média, enquanto que os Estados Unidos apresentaram a cifra alarmante de 0,04 por cento do produto nacional bruto.

Os países menos avançados têm a necessi-

dade premente de aliviar as suas dívidas externas, sendo mesmo anuladas para os mais pobres, ou transformando os empréstimos em doações, medidas estas que já foram adoptadas pela França.

Na verdade, Mitterrand, em recente decisão unilateral, decidiu aumentar o esforço francês em favor dos países em vias de desenvolvimento, aumentando o seu apoio para 0,7 por cento do seu produto nacional bruto, contra 0,54 por cento em 1989 (cerca de 860,6 milhões de contos), o que deverá manter a França em primeiro lugar entre os países doadores.

Dos 860 milhões de contos, 250 milhões foram consagrados aos países menos avançados, neles se incluindo operações para reduzir as dívidas das nações africanas naquela situação.

A França vai anular a dívida para com ela a sete países: Bangladesh, Birmânia, Haiti, Laos, Nepal, Vanuatu e Iemen, num total de 52 milhões de contos. Idêntica operação abrangeu no ano passado 35 parceiros comerciais, entre os quais 28 africanos, o que ascendeu a 728 milhões de contos.

Lusa

QUOTIDIANO

Demolição em Cascais deixa família ao relento

Estavam perto de um bairro de barracas, mas não integrados nele. A Câmara não gostou

«Vou carregar isto tudo e vou dormir, com a minha família, para a porta da Câmara. Sempre quero ver se, desta vez, os senhores se decidem a resolver os problemas dos pobres e não dos amigos ricos». Domingos Costa, a mulher, Maria Alice e os dois filhos esperam-nos à entrada do que, há dois dias, era a sua barraca, em Cascais. Dois «vira-latas» espojados na alcáçofa sem cor, um sofá ainda mais descolorido, um tanque de cimento e uma corda de roupa, tudo a monte e à vista, sem tecto ou paredes que os resguardem. O rádio, roufenho, transmite a missa e o casal hesita, pára de falar, repete: «Pela sua Ressurreição, Amém».

Domingos é pedreiro, trabalha por conta de uma empresa das Fontainhas. A mulher, doméstica, trata dos filhos, do Zé, de sete anos e da Paula, de quatro. A lida da casa deixou de a fazer. Domingos explica porque: «Na terça-feira apareceu o pessoal da Câmara, mais a Polícia e toca de botar abaixo. Partiram telhas, escavacaram paredes e alagaram a casa». Inconsolável, Maria Alice diz também de sua justiça: «O encarregado da Câmara virou-se para nós e disse para nos passarmos para acolá, para a beira deles». Eles, são os cabo-verdianos, às dezenas, que alguns metros abaixo edificaram umas quantas barracas, de cimento, a que chamaram «bairro».

Domingos e Alice cultivam boas relações com a vizinhança, tal como esta com eles. «Não têm que dizer de nós nem nós deles. O senhor-rapaz diz bom-dia, boa-tarde, quando passa. Mas cada um sabe de si e da sua casa» confessa a mulher de Joaquim Varela, um cabo-verdiano que ali vive há 17 anos.

O homem lamenta-se: «Construí esta barraca há três meses. Ali, todas são clandestinas, também, mas os da Câmara dizem que é a lei, que os outros não são portugueses».

Domingos é português, de Celorico de Basto. Ganha quatro contos por dia, disse, «mais ou menos 80 contos

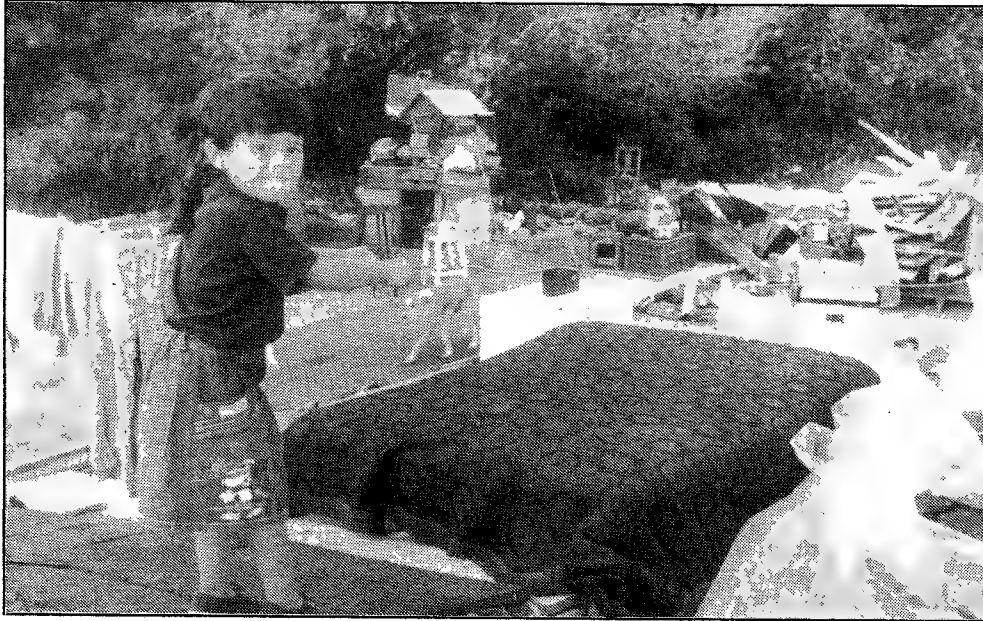
por mês». Mulher e filhos a seu cargo, «pediram-me 50 contos e até mais por um apartamento. Como é que posso pagar?».

Alice vigia os filhos e, conformada, confidencia-nos: «Olhe, ela ia entrar, este ano para a escola mas agora já não vai». Paula mete-se por entre as silvas, o que se supõe ter sido uma minúscula horta, a mãe deita-lhe a mão e tenta que a criança fique quieta. O marido fala, de novo: «Em Junho ou Julho disseram-nos da Câmara que iam deitar a casa abaixo, passado um mês. Mas passou-se um mês, depois outro e nós pensamos...». Engasgado, Domingos retoma os

queixumes: «Já fomos há dois dias falar com o engenheiro Machado, da Habitação Social, mas ele não nos atende. Não podemos ir para lado nenhum e vamos voltar para aqui, até arranjarmos uma casa».

Uma fonte da Câmara de Cascais disse-nos hoje que o município não pode permitir que as barracas proliferem, como tem estado a acontecer.

Acrescentou que os moradores da barraca agora demolida tinham sido avisados e que lhes fora concedido um prazo de mais 15 dias, solicitado por eles, para resolverem a situação, o que não aconteceu.



Sem tecto, entre ruínas

Plano Director de Sines tem referência abonatória

O Plano Director Municipal de Sines, que esta tarde vai ser apresentado publicamente, é o quinto a ser ratificado pelo Governo, tendo merecido «referência e qualificação muito abonatória», no parecer final da Comissão de Acompanhamento.

A cerimónia de hoje, a que preside o secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território, Nunes Liberato, constitui um novo passo para a institucionalização deste instrumento essencial do planeamento integrado do município. Aprovado, em Fevereiro, pela Assembleia Municipal de Sines, o Plano abrange um concelho cuja sede conserva ainda características típicas e patrimoniais de grande significado, convivendo com a proximidade do complexo de Sines. O município dispõe também de uma ampla e ainda relativamente preservada zona litoral, compreendida no Plano Regional de Ordenamento do Litoral Alentejano, em execução.

Em todo o País encontram-se, actualmente, 252 planos directores municipais em fase de elaboração, o que traduz um avanço significativo relativamente ao número existente em finais do ano passado — 80. O Plano de Sines sucede, na ordem de ratificação pelo Governo, aos de Évora, Mora, Oliveira do Bairro e Ponte de Sor.

Turistas em Benidorm regressam sábado

Os 200 turistas portugueses que se encontram em Benidorm regressam a Portugal no sábado e durante a próxima semana, conforme estava estipulado no seu programa de férias. Aqueles turistas passaram momentos difíceis em Espanha devido à falta de pagamento da sua estada pela agência de turismo David Tour. Uma fonte desta empresa disse esta manhã ao «DL»: «Não houve ninguém que tivesse regressado. A situação está resolvida e já não há qualquer problema».

A mesma fonte referiu que a primeira transferência do dinheiro foi feita na segunda-feira e a última na manhã de ontem, prefazendo, assim, os 6 300 contos em dívida.

No entanto, o director da agência Costa Blanca, representante da David Tour em Espanha, referiu à agência Lusa que a sua congénere portuguesa tem ainda em falta, desde o ano passado, um pagamento no valor de cerca de quatro milhões de pesetas (5 600 contos), mas que se contentava, por agora, com a resolução das despesas re-

lacionadas com este grupo de turistas portugueses. Os contactos efectuados pelo «DL» foram infrutíferos, no sentido de confirmar ou não tais acusações.

Entretanto, a Direcção-Geral do Turismo (DGT) instaurou já dois processos em tribunal à agência David Tour, por não ter pago coimas aplicadas por aquele organismo.

Segundo uma fonte da DGT, a David Tour deveria ter pago coimas no valor de centenas de contos, por duas falhas detectadas no exercício da sua actividade, e ainda não o fez.

Contudo, ao contrário do caso dos 200 portugueses em Benidorm, essas falhas não afectaram directamente turistas ou excursionistas.

A DGT destacou ainda dois inspectores para elaborarem um «exaustivo relatório» sobre o caso. Se este revelar «graves responsabilidades», não só o alvará será retirado à David Tour, como lhe serão aplicadas novamente pesadas coimas.

Subsídios para universitários do ensino particular

Estudantes carenciados que se inscrevam este ano lectivo no ensino superior particular podem, a partir de agora, candidatar-se a subsídio de propinas, estabelece um despacho do ministro da Educação hoje divulgado. O subsídio será a diferença entre o valor a pagar no ensino particular e o custo médio do ensino público, sendo este, para o ano de 1990/91, de 100 escudos de propina de matrícula e de 1200 escudos de propina anual de inscrição. Podem candidatar-se os estudantes que se inscrevam este ano pela primeira vez no ensino superior, cuja idade não seja superior a 25 anos, que tenham uma classificação não inferior a 75 pontos e cujo agregado familiar, no ano fiscal de 1989, não exceda uma capitação de 35 mil escudos. Está prevista a atribuição de cerca de mil bolsas.

Bombeiros de Trancoso intoxicados e feridos

Quatro bombeiros tiveram de receber assistência médica devido a intoxicações e ferimentos contraídos no combate a incêndios de grandes proporções que lavraram, ontem, em Rio de Mel e Vila Novinha, no concelho de Trancoso, informaram os bombeiros locais. Os sinistrados já tiveram alta hospitalar, nomeadamente o bombeiro António Campos, que sofreu queimaduras do primeiro grau em cerca de 12 por cento do corpo. As chamas, extintas na madrugada de hoje, chegaram a ameaçar várias áreas residenciais que só não foram atingidas devido à acção dos bombeiros.

Universitários europeus reúnem-se em Coimbra

Cerca de três centenas de estudantes provenientes de 30 universidades europeias iniciaram ontem, em Coimbra, o encontro Chiasmus 90, integrado nas comemorações do sétimo centenário da Universidade portuguesa. A reunião visa «o intercâmbio de experiências e informações sobre as diversas realidades universitárias da Europa». Metade dos universitários presentes são oriundos da Europa de Leste, estando prevista a sua discussão da sua eventual adesão aos programas de educação financiados pela Comunidade Europeia.

Sindicalistas da Judicária querem regulamento

A Associação Sindical dos Funcionários de Investigação Criminal da Polícia Judiciária considera urgente a definição de um regulamento para a PJ, divulgou a organização. Para a ASFIC, a urgência em definir que Polícia Judiciária se pretende e que funções e missões são prioritárias prende-se com a necessidade de «melhorar a sua coesão, elasticidade e unidade». A associação afirma não ter dúvidas em o seu projecto se ajusta às necessidades de segurança sentidas pela população.

Expogarden abre hoje na Junqueira

A Expogarden, 1º Salão das Plantas, Produtos, Equipamentos, Mobiliário para Jardim e Piscinas, é hoje inaugurada na FIL, em Lisboa, com a presença do ministro da Agricultura. Para além de constituir um contributo para o fortalecimento do sector, será uma mostra invulgar em Portugal. Também hoje é inaugurado, na Junqueira, o 13º Salão Boutique - Primavera/Verão Intermoda, que tem por objectivo promover um vasto leque de profissionais ligados a este sector de actividade.

Arruamentos em Chelas vão ser alcatroados

A Câmara Municipal de Lisboa abriu concurso para a execução de tapetes betuminosos nos arruamentos da Zona N-2 de Chelas, com o prazo de execução de 15 semanas. Também adjudicou, na reunião realizada ontem pela vereação, a beneficiação geral da Escola nº 24, no Bairro de S. Miguel, em Alvalade. Por outro lado, atribuiu a três arruamentos os nomes dos médicos Jorge da Silva Horta e José Correia e ainda do massagista desportivo Manuel Marques.

SAM SHEPARD

Genuinamente americano



"Sam", o título do livro de Bruce Weber. Contém magníficos retratos, a preto e branco, de um *cow-boy* recalitrante à volta do qual se teceu uma espécie de lenda. Com efeito, corresponde a um certo arquétipo de virilidade. Cultiva o estilo, misto de nobreza e distância, dos homens da década de 40, quando usavam blusão de cabedal negro e faziam pouco uso da palavra. Duros, impenetráveis e lacônicos como Gary Cooper em "Vera Cruz", um aventureiro so-litário que lutava pelas boas causas. Modelo, sem dúvi-da, cativante que remete para o lado épico dos *westerns*. Pertence a uma estirpe de indivíduos que só podiam existir no Oeste americano.

Este "Sam" é Sam Shepard. Dramaturgo, detentor do Prémio Pulitzer de 1979, e actor com um magnetismo que nos trespassa a alma como notas de *blues*, lembra aqueles inesquecíveis personagens criados por Ford, Walsh e Hawks, mestres de um género cinematográfico injustamente considerado menor e que os críticos franceses dos "Cahiers" reabilitaram. Em "Os Eleitos", de Phil Kaufman, representou o papel de Chuck Yeager, o primeiro piloto de alto risco a furar a barreira de som. Mastigava chicletes enquanto «corria atrás do demónio que vive lá no ar rarefeito». Ao contrário dos que diziam «sem dinheiro não há herois», ele não perseguia recompensas materiais nem glórias, era movido por uma obstinação surda: enfrentar a morte e vencê-la. Possuía estofo de herói. Devido à sua interpretação em "Right Stuff" nomearam-no para o Óscar da Academia.

Curiosamente, na vida real, Sam Shepard não consegue vencer o medo de andar de avião. Conhece, palmo a palmo, desertos e canyons, montanhas e pradarias, lagos e florestas, cores e cheiros... todas as zonas de silêncio habitadas pelos espíritos dos feiticeiros índios. Já atravessou o território americano, e de costa a costa, *by car*, uma porção de vezes. Prefere ter os pés bem fincados na terra e deixar-se invadir pelo sortilégio



Sam Shepard: uma imagem de rebelde associada ao sentido de humor

ano

o de que ela respira.

Tarde para parar

Filho de um militar, Samuel Shepard Roger nasceu a 5 de Novembro de 1943 em Fort Sheridan, estado de Illinois. É este o seu nome, mas não sei porquê chamavam-lhe Steve. Passa a adolescência num rancho da Califórnia com a família que cultivava abacates. Aos 19 anos, na pretensão de se tornar actor ou músico de rock, resolve tentar a sorte em Nova Iorque. Todavia, o cortar das amarras não significa afastamento psicológico em relação ao seu progenitor, alcohólico e inclinado para a violência, uma sombra tutelar sempre presente. Pai, baterista semi-profissional de música "dixieland" que o ensinou a tocar e a apreciar a poesia de Garcia Lorca. «Creio ter uma intuição musical, um sentido do ritmo... tudo é ritmo, até mesmo a escrita», afirma num entrevista.

Através de Charlie Mingus Jr. com quem dividia o apartamento na Avenida C, arranja um emprego no Village Gate, uma das catedrais do jazz. Lavava pratos e servia às mesas. No começo dos anos 60, ajuda a fundar o grupo Holly Modal Kounders. «Creio que o humor e a música são elementos curativos. Lamentavelmente o rock de hoje é ácido, transbordou-se sobretudo a partir dos Doors que não tinham o mínimo sentido de humor». Sam Shepard limita-se a ouvir bandas produtoras de rock autêntico, sem batotas, que conservam a pureza derivada dos blues como Billy Joy Royal, Stevie Ray Vaughan e The Blasters. Empenhado na escrita, de início as suas peças não entusiasmaram a crítica, apenas Michael Smith, do "Village Voice", lhes reconheceu alguma qualidade. Textos como "Cowboy Mouth", escrita numa noite, sob o poder de estimulantes, num quarto do Chelsea Hotel. Os horizontes do jovem autor, quanto a possibilidades de as ver encenadas, reduziam-se aos pequenos teatros off-off Broadway. Mas era demasiado tarde para parar. "Too late to stop now", cantava Otis Redding, um dos seus ídolos.

Depois de terminar numa relação, assumida e tumultuosa, com Patti Smith resolve ir até Londres. Acompanham-no a mulher O-Lan e Jesse, o filho de ambos, actualmente com 18 anos. Farto de intrigas e sobretudo das drogas, consumidas em quantidade, impunha-se uma paragem que lhe permi-

tisse pôr em ordem a cabeça. Segundo o poeta William Carlos Williams, «os produtos puros da América acabam na loucura». Apesar da sua vulnerabilidade e das sucessivas crises emocionais, ele salvou-se desse terrível destino.

Pontos de vista

Restabelecido o equilíbrio interior, regressa aos Estados Unidos e instala-se no norte da Califórnia. Entretanto, contracenando com Jessica Lange no filme "Frances" e produz-se o relâmpago da paixão. Vivem algures na Virgínia, num rancho com alguns puros-sangues, dez pôneys para o polo (Sam adora praticar esse desporto), três cavalos destinados à caça, muitos cães e a filharada. Ciosos da sua intimidade, preservam-na da acção corrosiva do vírus destruidor. Recentemente partilharam o sucesso de "Far North", película em que ele é realizador e guionista. Nela convoca os temas que lhe são caros, o culto do cavalo, o instinto tribal, o apelo da terra, a violência contida ou explosiva. Aqui sobressai um dado novo, trata-se da posição da mulher, pela primeira vez o autor sai do cosmo masculino, explorando o ponto de vista do outro sexo. Aliás, um dos personagens da peça "Curse of the Starving Class" afirma que «não há nada de mais invejável do que um ponto de vista».

Sam Shepard tem vários e muito singulares. Sobre a "horse cultura", a violência proveniente do desespero, a hipocrisia torturante da família, polo central das suas peças, em especial das últimas obras, "Fool for Love" e "A Lie of the Mind", esta fustigada pelo chicote da crítica. Transmite-nos uma visão pessimista e desencantada de um mundo sem raízes onde tudo é transitório e a essência da vida se perdeu. «Onde se meteram os homens?», pergunta a avó que festeja os 100 anos, rodeada de mulheres e raparigas, no final de "Far North".

Classificar Sam de machista seria uma idiotice. Ele é o homem. Talento, inteligente, quase perfeito. Um belo homem de olhos azuis e pómulos salientes com «a mente de Kafka aprisionada num corpo de James Stewart». Que fuma cigarros Camel, o sabor da aventura, como o sujeito do anúncio que aterriza de helicóptero numa praia paradisíaca.

Lourdes Fériá



Luisa Salgueiro e Vergílio Castelo numa cena de "Loucos por Amor"

Dois dramaturgos americanos no Teatro Aberto

Em Setembro, o Novo Grupo vai apresentar, no Teatro Aberto, um ciclo de teatro americano constituído pelas peças "Desejo sob os Ulmeiros", de Eugene O'Neill, e "Loucos por Amor", de Sam Shepard, autores que apesar de pertencerem a épocas diferentes têm pontos de convergência. Um único bilhete faculto o acesso aos dois espectáculos que decorrerão num esquema de alternância. Trata-se de versões feitas para o palco, como salientou Vera San Payo colaboradora de João Lourenço neste labor. «Preferimos a versão, o que implica a possibilidade de cortes. Tradução é muito literal e adaptação parece-me uma palavra muito forte».

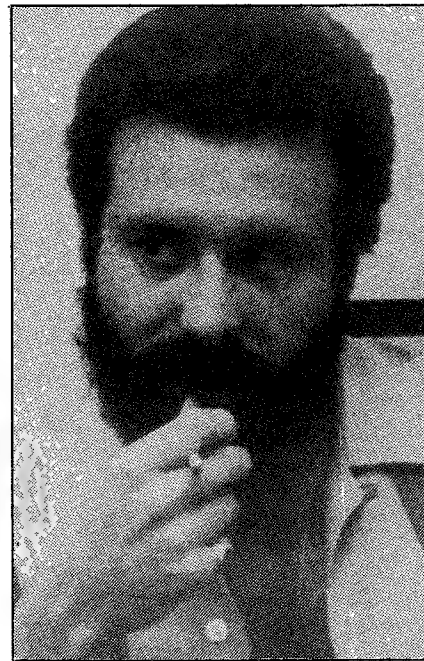
Assim, no caso da peça de O'Neill, escrita em 1924, verificaram-se alguns cortes que visam depurá-la dos elementos supérfluos. «A luz dos anos 90, pareceu-nos que o texto continha coisas demasiado datadas. Havia, portanto, que torná-lo menos literário, tentar valorizar os efeitos cénicos». No texto de Sam Shepard, considerado pela crítica da especialidade um dos autores americanos mais imaginativos dos últimos 25 anos, não foi preciso eliminar rúbricas cénicas visto que privilegia a acção. De resto, ele é um mestre do diálogo curto, conciso e sintético. Em ambos, o tema central gira em redor da família. «Enquanto O'Neill encara a vida dos personagens dentro dos moldes da tragédia grega, Shepard incide nos conflitos dramáticos sem, todavia, tomar partido. Revela, por outro lado, um grande sentido de humor, manifesta uma atitude mais moderna», acrescenta Vera San Payo.

Tanto um como o outro, segundo João Lourenço, encenador das duas peças, «transcendem a problemática familiar e entram numa dimensão muito mais ampla». Dimensão comum a qualquer ser humano, independente-

mente de factores culturais e geográficos. "Loucos por Amor" é uma história de amor e ódio que envolve três personagens, dois homens e uma mulher. Realista, embora com uma margem que oferece ao espectador vários ângulos de leitura. «Dá-nos a perspectiva masculina e feminina, ali não há só uma verdade... há diversas verdades. Tem imenso ritmo e uma boa dose de suspense», sublinha Vera San Payo. Entre os amantes interpõe-se a figura de um velho que pode corresponder a uma fantasia, ainda que seja prececa obsessiva.

Imagem forte

Que evolução regista o teatro americano, desde o tempo de O'Neill? «A linha dramática mantém-se, o que



João Lourenço, o encenador

mudou foi a forma de narrar as histórias, porém a imagem continua sendo forte. No teatro actual, a tendência é colocar a imagem à frente da palavra. Já não se suportam os autores excessivamente palavrosos, com excepção dos génios como Shakespeare, cujas palavras comportam imagens», afirma João Lourenço. Na peça de Sam Shepard, cinematizada por Robert Altman, sobressai a violência, uma violência que não assume a forma catártica nem purgadora. "Loucos por Amor": um amor louco, desesperado. A acção passa-se num quarto de motel, lá fora fica o deserto que transpira violência. O herói é um homem do Oeste, «meio infantil com sonhos que não chegam a realizar-se». Unidos por um misto de amor e repulsa, os protagonistas neste confronto psicológico, um autêntico "jeu de massacre", na opinião de Vera San Payo, possuem uma maturidade que lhes permite não se afundarem.

Vera San Payo e João Lourenço deslocaram-se a Nova Iorque. Objectivo: tomar contacto com o teatro americano no seu próprio espaço. *In loco*, onde foram representadas as obras de O'Neill e de Sam Shepard. Visitaram o teatro onde se estreou "Desejo sob os Ulmeiros" e viram os cenários *off-off* da Village. "Conversámos umas horas com David de Rose, director do Departamento de Teatro da Universidade de Yale, um estudioso da obra de Sam Shepard. «Vamos incluir um texto dele no programa. O teatro americano mais marginal atravessa uma crise, 80 por cento dos actores estão desempregados e ganham menos do que os nossos... mas funciona o sonho americano, de um momento para o outro pode surgir um produtor de cinema com um convite fabuloso».

L. F.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

As mais estranhas coisas estão a ocorrer num centro para jovens dirigido pela Caritas: violadores, incendiários, droga, exploração do trabalho infantil e o mais que não se sabe.
O presidente da Câmara de Miranda do Corvo é definitivo:

«A Caritas mostra-se irresponsável!»

Há poucos dias, o convento de Semide, nas vizinhanças de Coimbra, sofreu um incêndio de consequências sérias para um notável edifício, de há muito classificado como monumento nacional. Não era o primeiro: outros já se haviam sucedido, o primeiro longinquamente em 1664, mais recentemente em 1964, depois em 1987.

No histórico edifício funciona, desde há três anos, uma escola profissional, cuja gestão cabe ao Centro de Formação Profissional de Artesanato (Cearte) e à Caritas diocesana. Esta última acusada de irresponsabilidade pelas autoridades locais. E de

actos muito mais graves. O presidente da Câmara de Miranda do Corvo, José Lopes, em relação ao último incêndio, acusa a Caritas de «negligência». Mas João Carvalho, presidente da junta de freguesia de Semide, vai muito mais longe nas suas acusações: consumo de droga, homossexualismo, crianças violadas, incúria em relação à conservação do edifício, exploração do trabalho infantil. Vai ao ponto de afirmar: «O Bokassa comia as crianças e a Caritas explorava-as».

O presidente da Câmara de Miranda do Corvo, dr. José Lopes, que há menos de uma dezena de anos foi

técnico de educação no convento de Semide, não é estranho a esta multiplicidade de problemas.

Em entrevista telefónica ao «DL» esclareceu:

«O presidente da Junta de freguesia, que é, de resto, um bom amigo, referiu-me os casos apontados. Pedi-lhe que oficializasse as queixas por escrito, mas não o fez até hoje. Também o governador civil solicitou uma queixa por escrito.

«No entanto, fiz as minhas próprias indagações. Tentei um encontro com o Padre Sousa, que dirige a Escola Profissional, mas foi numa altura difícil, quando o dr. Mário Soares fazia aqui uma

«presidência aberta».

«No entanto, falamos, telefonicamente, sobre alguns dos problemas. Tanto eu como o padre Sousa sabemos que o problema da homossexualidade não se pode escamotear. Existe sempre em condições semelhantes de internamento. No entanto, aquele sacerdote negou a existência de exploração de trabalho infantil, garantindo que os trabalhos das crianças eram pagos a preços normais.»

A droga é outra das questões fulcrais do que se está a passar no Convento de Semide. O presidente da Câmara esclarece:

«O último dos incêndios foi posto por um dos alunos

internos, de resto um que já lá está desde os tempos em que ali trabalhei. Falei com ele e disse-me que sim, que havia dois ou três garotos que levavam droga para o convento ou que levavam os seus colegas a consumí-la quando iam a Coimbra. Ele era, precisamente, um dos consumidores, mas quanto à homossexualidade não disse uma palavra.

«O presidente da junta de freguesia informa que os garotos estão a ser violados por pedreiros que trabalham nas obras do convento. Entre colegas, sabia eu bem que a coisa acontecia. Mas este último dado era-me desconhecido.»

É um acumular de assuntos gravíssimos. Que vai fazer o presidente da Câmara?

«Já fiz, responde José Lopes. Sem fazer queixa expressa, dirigi-me às entidades competentes (não lhe vou dizer quais, devido ao segredo de justiça), levantando as questões da homossexualidade, a da droga, em primeiro lugar e todas as outras que presentemente se levantam em Semide. Veremos o que vai dar. Mas uma coisa mantenho: do último incêndio naquele monumento nacional, a responsabilidade cabe inteiramente à negligência da Caritas».

Roby Amorim

Sindicatos da Função Pública reclamam 22 por cento

Organizações sindicais da Função Pública reclamaram ontem um aumento de 22 por cento na massa salarial da Administração Pública para 1991, garantindo 17,5 por cento na tabela salarial e pensões. Segundo estes sindicatos, «mais de metade dos trabalhadores do Estado perderão este ano cerca de 5 por cento do seu poder de compra».

As 12 organizações, que incluem a Federação Sindical da Função Pública (FNSFP), a Federação dos Professores (Fenprof) e o Sindicato da Administração Local (Stal), reivindicam um subsídio de refeição de 525 escudos em 1991, 17,5 por cento de aumento das ajudas de custo e prestações da ADSE e a valorização das carreiras profissionais.

Em conferência de imprensa para apresentação da plataforma, os dirigentes sindicais afirmaram que nos anos 80 os salários reais da Função Pública diminuíram 29 por cento e estão já «70 por cento abaixo da média de salários dos países da CEE».

Prova evidente disso é a sistemática redução das despesas com pessoal no conjunto das despesas correntes — de 38,1 por cento, em 1980, para 27 por cento, em 1990 — afirma-se na plataforma reivindicativa.

Acrescentam que só alguns corpos especiais e grupos profissionais técnicos tiveram, em 1990, aumentos salariais superiores à inflação.

Os subscritores da plataforma pretendem a aplicação a toda a Administração Pública da primeira fase de descongelamento dos escalões a partir de 1 de Julho passado.

Os dirigentes sindicais salientaram que estão de acordo com os objectivos de baixar a

inflação e reduzir as despesas públicas, mas discordam que estes sejam atingidos à custa do aumento da carga fiscal, da imposição de baixos aumentos salariais e de cortes nos orçamentos da saúde, educação e protecção social.

Consideram que, depois do congelamento orçamental de 1990, que retirou mais de 40 milhões de contos aos organismos públicos, um novo corte poderá afectar o seu eficaz funcionamento e pôr em causa serviços prestados à população.

De 40 a 35 horas

A plataforma ontem divulgada prevê uma duração máxima de 40 horas de trabalho semanal na Função Pública e a necessidade da sua redução progressiva para 35 horas.

Reclama a integração no quadro de contratados, trabalhadores e outros trabalhadores com vínculo precário com três anos de serviço, assim como dos que têm contrato de provimento e exercem funções de carácter permanente. Preconiza a moralização do recurso aos contratos a prazo, apenas para trabalho de natureza temporária.

Relativamente à política fiscal, o documento reclama a actualização dos limites às deduções ao rendimento básico e das deduções à colecta do IRS e à alteração dos escalões e taxas daquele imposto para permitir uma redução efectiva da sua taxa média.

Defende medidas de protecção à propriedade intelectual, incluindo a obrigatoriedade de os trabalhos técnicos serem subscritos pelos seus autores.



Em Agosto, o aumento de turistas chegados ao Algarve por via aérea cifrou-se em 15 por cento

Crise no Golfo beneficia Algarve

A Associação dos Industriais Hoteleiros e Similares do Algarve (AIHSA) afirmou-se optimista em relação às perspectivas turísticas para os meses de Setembro e Outubro, pois há indícios de uma grande procura da região. Em virtude da crise no Golfo, o Algarve tem sido mais solicitado, em detrimento de destinos como o Mediterrâneo Oriental, Egipto e Turquia.

A associação anunciou ontem que Agosto de 1990 foi o mês que registou maior afluxo de turistas para o Algarve desde que esta zona do país é um destino turístico por excelência. A afirmação baseia-se em números obtidos no aeroporto de Faro.

Segundo Cabrita Neto, presidente da AIHSA, no mês de Agosto a referida estrutura aeroportuária registou um aumento de 15 por cento na chegada de turistas relativamente a igual período de

1989 ou seja, cerca de 23 mil visitantes.

No que respeita ao mercado inglês, no aeroporto de Faro registou-se um aumento de mais 10 mil turistas (11 por cento) em relação a idêntico mês de 1989. O presidente da AIHSA considerou «espectacular» a recuperação do mercado inglês no Algarve, tendo em conta as quebras registadas desta origem em mercados como a França, Espanha e Itália, que tocam os 20 por cento.

Segundo este responsável, a quebra do mercado britânico no Algarve «situa-se neste momento em apenas 1,66 por cento». Acrescenta: «A situação em relação ao mercado britânico vem deitar por terra as teses e opiniões de muitos que apontavam uma quebra enorme do fluxo de ingleses para o Algarve, em 1990». Cabrita Neto revelou ainda que nos primeiros oito meses deste ano e em relação a igual período do ano passado,

registou-se um aumento de 41 mil turistas (cerca de 5 por cento), oriundos dos principais mercados que escolhem o Algarve para passar férias.

Apesar deste panorama, que considera «bastante positivo», a AIHSA diz continuar ainda preocupada com esta questão, uma vez que no Algarve continua a existir um excesso de oferta em relação à procura.

«A situação não é dramática mas leva-nos a continuar atentos e a tentar levar por diante acções de promoção e de diversificação de mercados», disse Cabrita Neto. Em sua opinião, «o pior já passou».

Números fornecidos pela AIHSA apontam para um aumento de 170 mil camas nos quatro anos mais recentes, no Algarve, uma vez que das 130 mil disponíveis em 1986 a região passou às actuais 300 mil.

QUOTIDIANO

A primeira associação ambientalista portuguesa de âmbito concelhio aparece para fazer frente aos inimigos do costume: celulosos, poluição industrial, descaracterização arquitectónica. E correlativos

«Loendro» acautela ecologia do Alandroal

O levantamento das situações mais atentatórias dos patrimónios natural e cultural no concelho do Alandroal é a prioridade dos responsáveis da «Loendro», a primeira associação ambientalista de âmbito concelhio formada no nosso País.

Três meses sobre a primeira

assembleia geral, a «Loendro» divulgou um plano de actividades para 1990/91, em que se inventariam focos de poluição de águas, designadamente no Guadiana e na barragem de Lucefecit, além de diversas ribeiras.

Num levantamento provisório, outras «situações

preocupantes» mencionadas consistem em focos de poluição no terreno, originados por lixeiras, em fontes produtoras de ruído, como motorizadas e aviões em voo razante, e nas condições que as manchas florestais oferecem para a progressão de incêndios.

Reconhecendo a relativa salubridade do concelho, cujo foco de poluição mais grave consiste numa pequena fábrica de lavagem de tripa para enchidos, destinada à exportação para França, os dirigentes da «Loendro» receiam que ela mesma venha a estimular uma corrida para a implantação de unidades industriais, na qual sejam descurados os equipamentos indispensáveis à defesa do ambiente.

No Plano de Actividades da associação manifesta-se o propósito de procurar, «pela via do diálogo» com os responsáveis pelas anomalias detectadas, encontrar soluções para elas. Pretende-se nomeadamente pressionar sedes de autarquias limitrofes para que tomem medidas contra focos locais de poluição que depois atingem este concelho do Alto Alentejo.

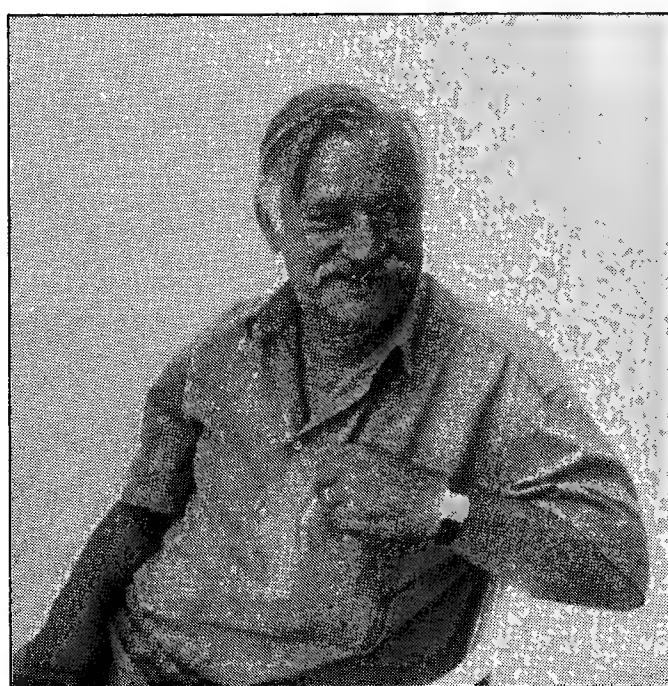
Outro inventário a fazer é o do estado de conservação do património histórico local, em particular dos seus castelos, pontes romanas e moinhos de submersão do Guadiana.

Sensibilizar as populações para a construção de características regionais, ou seja, a preferência pela parede caiada e as portas e janelas de madeira faz também parte dos projectos dos ambientalistas do Alandroal. Outros, têm a ver com o fomento de actividades lúdicas, através da criação de zonas de lazer, espaços verdes e da arborização de arruamentos e da viabilização de desportos náuticos não poluentes na barragem de Lucefecit e no Guadiana.

A preservação da fauna e flora não está ausente das preocupações dos dirigentes da «Loendro», embora a região não pareça caracterizar-se por uma grande diversidade biológica. De qualquer forma, segundo um porta-voz da associação, a área já submetida ao regime de coutada turística está a causar tensão entre os habitantes, impossibilitados, por razões financeiras, de lá se dedicarem à caça. Dois fogos florestais são atribuídos pela voz corrente a retaliações de caçadores contra exploradores desses empreendimentos.

O crescimento das manchas de eucalipto e das áreas revolvidas pela extracção de mármore constituem outros pontos da mesma lista de problemas.

Para alargar a massa dos apoiantes da associação, os seus dirigentes proporcionaram inscrições gratuitas aos estudantes do concelho, bem como a professores e autarquias.



Arnaldo Aboim: uma reforma activa

A nova militância do veterano antifascista

Um dos animadores, senão o principal animador da formação da «Loendro», presidente da Direcção da novel associação ambientalista, é um lisboeta recém-fixado no Alandroal, Arnaldo Aboim.

Antigo activista político de esquerda, com uma pena de prisão maior no currículo da luta contra a ditadura, Arnaldo Aboim, hoje com 63 anos, foi dos muitos progressistas que, estabilizado o regime democrático, orientaram as preocupações sociais para a defesa do património ambiental e cultural. Retirado para aquele concelho do Alto Alentejo, onde decidiu viver a reforma com a mulher, Susana Bianchi, Arnaldo Aboim não tardou a aglutinar as vontades dispersas que localmente se manifestavam contra ameaças àqueles valores, como a expansão galopante das pedreiras e do eucalipto, a descarga de poluentes nas ribeiras e a descaracterização arquitectónica. E assim nasceu a «Loendro».

Sintomática, também, das preocupações conservadoras de Aboim é a sua própria residência, em Terena. Fica em pleno centro histórico desta vila, a segunda do concelho. Adquiriu-a a um holandês, tal como outro imóvel, este quase célebre: a «casinha do Castelo», uma pequena habitação caiada colada ao muro do monumento e pouco menos antiga do que ele, que foi mandado erigir por D. Dinis, de prevenção contra as incursões militares castelhanas.

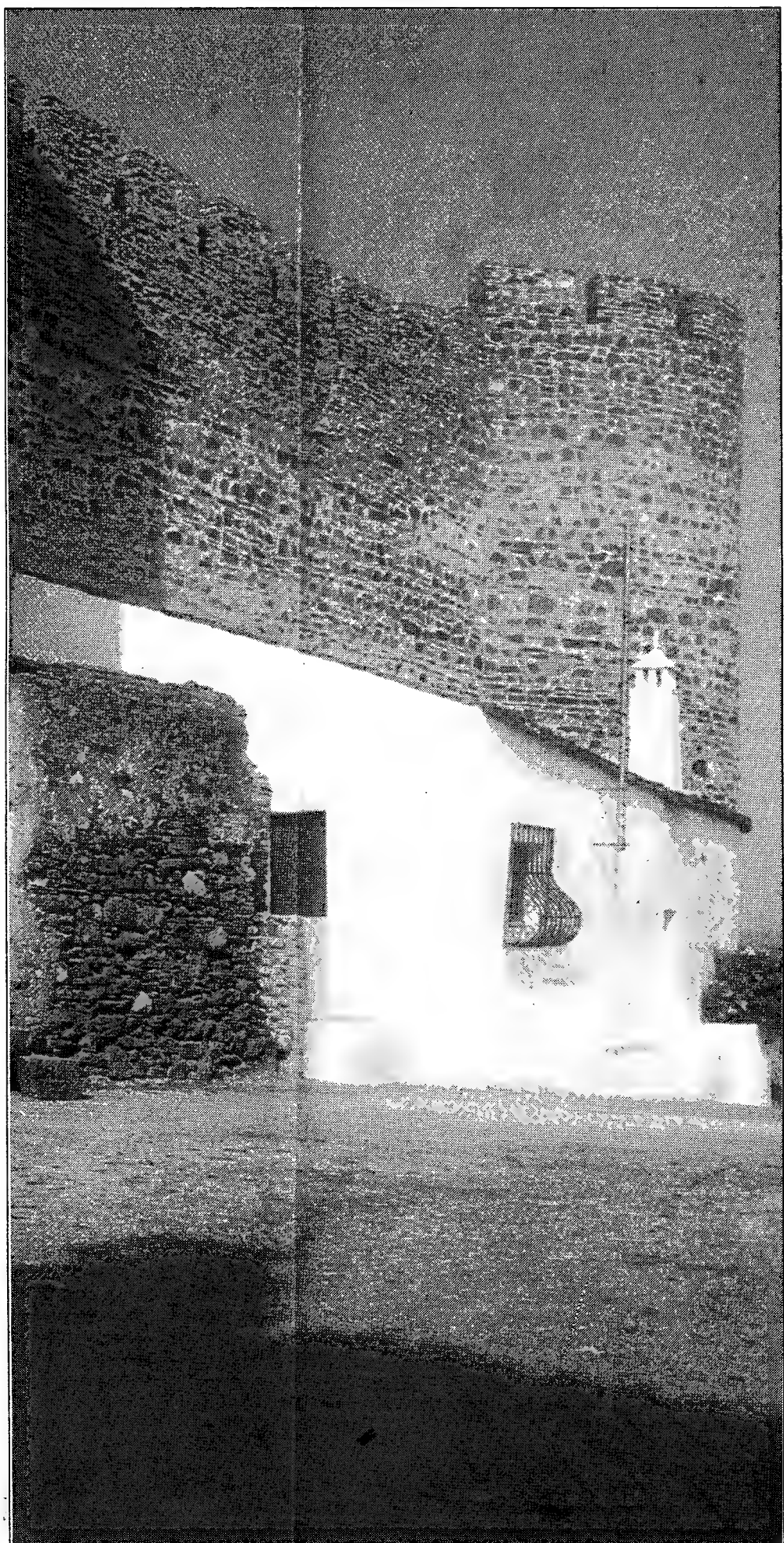
Arnaldo Aboim completou e aperfeiçoou o trabalho de recuperação promovido pelo estrangeiro, com um escrupuloso que o levou à insistência em materiais tradicionais, mesmo quando oneravam a obra, como a telha de meia-cana e a tejoileira artesanal.

Para o efeito, vendeu a sua parte da empresa de publicidade de que era fundador, a «Lápis», e reniu as economias com as da mulher, assistente social. Recorreram, finalmente, aos financiamentos para o Turismo de Habitação, que já começaram a praticar no edifício setecentista onde vivem, baptizado de «Casa de Terena», e onde há seis quartos para hóspedes com janelas rasgadas sobre a superfície tranquila e azul da albufeira de Lucefecit.

A necessidade de ocupação não determinou a Arnaldo Aboim apenas a constituição da «Loendro». Resolveu ir mais longe na exploração da indústria hoteleira e abriu, a dois passos da «Casa de Terena», um restaurante de comida regional, o «Miga's», cujas instalações de Inverno estão em utilização. Quanto à «casinha do Castelo», de menção obrigatória em tudo o que sejam inventários das fortificações do País, foi adaptada a mini-museu de artesanato.

Depois da resistência à ditadura, o veterano combatente político voltou a dar um exemplo: agora o de como conciliar, rejeitando a modorra do reformado, o negócio do turismo com a preservação dos bens que na generalidade dos sítios ele destrói, como sejam a pureza e a tranquilidade do ambiente e a beleza e o conforto dos espaços habitacionais concebidos pela sabedoria de antigamente.

FBS



A «casinha do Castelo», em Terena: recuperada para o turismo rural

CULTURA

Festival de Veneza

O Japão das geishas e a URSS de Chernobil

«A Ge-Man», do japonês Juzo Itami, história de uma geisha dos nossos tempos, e «Raspad», do soviético Michail Belikov, que conta a tragédia nuclear de Chernobil, foram ontem apresentados, a concurso, no Festival Internacional de Cinema de Veneza.

Após os rasgados elogios da crítica a «Dick Tracy», de Warren Beatty, e a morna recepção à «Africana», de Margaret von Trotta, Veneza descobre dois cineastas desconhecidos do grande público.

Actor em «55 Dias em Pequim», de Nicholas Ray, e em «Lord Jim», de Richard Brooks, Juzo Itami, que é também escritor, conta-nos em «A Ge-Man» a história de uma geisha do século XX, que faz de mãe, amante e amuleto aos machos em ascensão social.

Ao pegar numa figura cujo papel é ainda decisivo no Japão actual, no sentido em que existe para satisfazer desejos no interior produtiva da sociedade japonesa, Juzo Itami dá ao mesmo tempo um retrato dos machos do seu país.

«O seu aparente desprezo - afirma - pelo sexo oposto esconde afinal uma condição de total dependência, a exigência de sentir-se confortado pela própria superioridade.»

Nos livros que escreve, como de resto no anterior livre «Tampopo», em exibição nos ecrãs italianos, Itami fala de comida, até porque - afirma -



Os ministros francês e português da Cultura, Jack Lang e Pedro Santana Lopes, chefiaram as delegações dos respectivos países presentes, entre outros, no Festival de Veneza, num convénio relacionado com a Comunidade Europeia de Cinema. O primeiro lançou um apelo no sentido do cinema europeu ser preservado da influência norte-americana

«é um argumento de que os japoneses gostam muito, infantis que são, com desejos simples, gulosos, luxuriosos e caprichosos, sobretudo as mulheres.»

Como Itami, outsider da XLVII Mostra d'Arte Cinematográfica de Veneza, é o soviético Michail Belikov, que em «Rapsad» (traduz-se por «Decadência») propõe a dramática catástrofe nuclear de Chernobil.

Quantos foram os mortos provocados pela tragédia nuclear de 1986 é questão a que nem mesmo Belikov consegue responder, desafi-

ando quem quer que seja a fazê-lo.

«Ninguém é capaz de fornecer dados exactos da catástrofe - afirma - porque foram escondidos e, embora se fale de 30 mortos em Maio de 1986, o certo é que as radiações superaram centenas de vezes a potência das de Hiroshima e durarão na Ucrânia (e não só) durante centenas de anos.»

«Fazer com que a gente reviva a imagem da explosão - acrescenta - serviu, projectando o filme a partir de Chernobil, para a consciência do problema e desmentir

aquela espécie de Mafia que são os cientistas nucleares e a energia atómica.»

Como uma espécie de teia de aranha, «Raspad», mais violento que um documentário, compõe gradualmente o «puzzle» de uma cidade e de uma população, devastados pelo maior acidente nuclear de que há memória, espelho de uma catástrofe dos nossos dias, a decadência (título do filme) moral.

«O meu amigo Volodja Sevchenko morreu devido às radiações que o atingiram durante as filmagens do famoso documentário sobre Chernobil, o qual foi acompanhado por comentários que exaltavam o heroísmo soviético, não conseguindo transmitir todo o horror daqueles dias, e por isso fiz «Raspad» - concluiu.

A par dos dois filmes que concorreram ao Leão de Ouro, Veneza exibiu no seu segundo dia de Festival, fora concurso, «The Company of Strangers», da canadiana Cynthia Scott, que conta a história de sete mulheres entre os 60 e 80 anos de idade, que ficam a pé quando o autocarro da excursão em que viajam tem uma avaria.

«Oscar» em 1984 para o melhor documentário, Cynthia Scott bate com «The Company of Strangers» todos os recordes no feminino: uma realizadora, sete atrizes, duas cenaristas, uma autora da música e uma arranjadora, uma assistente de realização e uma montadora.

Eugénio de Lemos / Lusa

David Bowie numa azul

O palco em que David Bowie actuará no dia 14 de Setembro, no estádio José Alvalade, embora de grandes dimensões, «será muito simples» - afirmou ao DL, ontem, via telefónica, um dos responsáveis pela equipa técnica do artista.

«A cor base do cenário é o azul, num jogo de cortinados e telões». Sem o aparato cénico dos Rolling Stones, pioneiros dos megaconcertos em terra lusa, o palco em que se poderá ver o camaleão do rock terá 22 metros de boca de cena, por 18 de profundidade e 16 de altura, atingindo os 20 metros com o tecto. À imagem dos Stones, também serão instalados no estádio dois ecrãs gigantes de vídeo, permitindo a todos os presentes a visão completa deste «Sound + Vision» de David Bowie. A acompanhá-lo estarão Adrian Belew (guitarras e voz), Rick Fox (teclas e voz), Michael Hodges (bateria) e Erdel Kilzikay (baixo e voz).

Entre os temas mais votados pelos leitores do Se7e, que serão interpretados pelo músico, constam - como não poderia deixar de ser - «Heroes», «China Girl», «Ziggy Stardust», «Ashes to Ashes», «Day In Day Out», «Let's Dance», «Blue Jean» e «Never Let Me Down».

Dia 14, antes de Bowie entrar em cena às 22.20, actuarão



David Bowie: o camaleão do rock

um grupo de bailarinos de Timor, a partir das 20.30 e durante 15 minutos, e os Sétima Legião às 21.30, tendo como convidados músicos dos Madredeus e dos Tobarões de Cabo Verde.

Antes da sua chegada a Lisboa, David Bowie apresentará o seu espectáculo em Modena, dia 8, em Gijón a 11 e em Madrid a 12 de Setembro.

M. J. B. M.

B R E V E S

O Fantasporto vai continuar

O Fantasporto - Festival Internacional de Cinema Fantástico do Porto - «vai continuar apesar das notícias que anunciavam as dificuldades reais do certame», anunciou a organização. Em documento enviado aos órgãos de informação, a cooperativa «Cinema Novo» afirma que o bloqueio do subsídio da Secretaria de Estado da Cultura, através do Instituto Português de Cinema, provocou uma «crise no orçamento do Fantasporto», admitindo contudo que o subsídio poderá ser «brevemente desbloqueado». Notícias recentemente publicadas em vários jornais, apontavam para a possibilidade de o festival não se realizar por falta de financiamento. O certame, considerado pelo «Variety» como «um dos mais importantes do mundo», vai decorrer de 8 a 17 de Fevereiro de 1991 «com a quase totalidade do programa já anunciado pela organização» - como se lê no documento. A excepção será um ciclo de cinema asiático que vai ser substituído por um ciclo dedicado a Arnold Schwarzenegger, o actor mais bem pago de Hollywood. Segundo a revista «Cinema Novo», mantêm-se as retrospectivas dedicadas à banda desenhada e cinema, ao cinema da Catalunha, a Alain Jessua, Mike Hodges e Jesus Garay. A secção oficial de filmes inclui películas dos Estados Unidos, França, URSS, Dinamarca, Suécia, Espanha, Grécia, Grã-Bretanha e Canadá.

T.A.S. em Lisboa com Pinter

O T.A.S. - Teatro de Animação de Setúbal, vai apresentar entre 7 e 15 do corrente, no auditório do BESCL, a peça de Harold Pinter «Mais um para o caminho». Os espectáculos serão apresentados de terça a sábado às 21.30 e domingo às 16 horas. «Mais um para o caminho» é interpretada por João Manuel, Fernando Guerreiro, Elisabeth Delfim e Telmo Curto. A cenografia é de Eurico Coelho e a encenação de Carlos Curto. Paralelamente, o T.A.S. apresenta no Forum Municipal Luísã Todt, em Setúbal, a peça «Dr. Knock», com encenação de Carlos César, que estará em cena até dia 14, às 16.30 e às 21.45 horas.

Um «X» (pornografia) para Maria de Medeiros

A actriz portuguesa Maria de Medeiros acaba de ver o seu trabalho rotulado de «pornográfico» pela interpretação que faz da escritora Anaïs Ninn no filme «Henry and June», presente no Festival de Veneza.

«Henry and June», do cineasta Philip Kaufman, decorre nos anos 30 e relata a relação entre duas mulheres e um homem (o escritor Henry Miller, a mulher June e Anaïs Nin), com «nus» integrais e cenas de lesbianismo.

A película norte-americana foi classificada em Nova Iorque com um «X», designação atribuída aos filmes pornográficos pela Motion Picture Association of America (MPAA).

A decisão tomada sobre a obra, produzida pela Universal Pictures, vem reavivar a polémica desencadeada pelo cineasta espanhol Pedro Almodovar sobre este sistema de classificação de filmes.

Almodovar foi o primeiro realizador a protestar, em Maio, contra a classificação «X» atribuída ao seu filme «Ata-me», tendo ido a tribunal em Julho, onde o juiz decidiu manter a classificação. Fontes próximas de Kaufman indicaram que o realizador vai seguir os passos de Almodovar, indo recorrer da decisão do MPAA.

A classificação «X» é considerada por muitos cineastas como uma forma de discriminação, já que as salas de espectáculos norte-americanas se inclinam, por motivos comerciais, para a exibição de películas aptas para todas as idades. Entretanto, a polémica já suscitada levou vários críticos de cinema a sugerir uma modificação no sistema classificativo utilizado pelo MPAA há 22 anos, sem sofrer quaisquer modificações.

A revisão proposta contempla a inclusão de uma nova categoria que indique que o conteúdo do filme é para «adultos», embora não se possa considerar «pornográfico».

Entre os críticos figura o juiz nova-iorquino Charles Ramos, o qual, apesar de ter mantido a classificação «X» para o filme de Almodovar, criticou o elevado conteúdo de violências de outras películas, que deviam ser só para adultos, classificação que o MPAA, contudo, não subscreveu.

A película de Kaufman inclui também referências aos controversos filmes «Un Chien Andalou», de Luis Buñuel, com o pintor Salvador Dali, e «Madchen in Uniform», alemão, centrado na temática do lesbianismo.

O presidente do MPAA, Richard Heffner, em declarações ao «New York Times», afirmou que «Henry and June» é um «filme esplêndido e maravilhoso», acrescentando, porém, que os encarregados de educação deviam ser prevenidos, pois trata-se de uma película, de facto, para «adultos».

Lusa



Maria de Medeiros

CULTURA E ESPECTÁCULOS

CANAL DA CRÍTICA

Moedas de ouro e medalhas de ouro

A cruz

«Esta cruz pesa menos do que a consciência de certas pessoas.»

A frase retiro-a do *Pagador de Promessas*.

Ah, este optimismo invencível de que as tais «certas pessoas» têm consciência...

Corredores

A sério. Não me lembra qual o cargo que exerce no hospital. A legenda dizia Levi Guerra. Falava-se do problema das urgências nos hospitais, onde até os corredores estão densamente povoados.

Diz ele:

- Pelo facto de se encontrarem nos corredores, não significa que sejam mal entendidos.

Aceita-se. As enfermarias até podiam desaparecer e ficar tudo corredores. O espaço que se ganhava, está a ver?

O turismo em que estão

Governo e hoteleiros estabelecem redução de 10 por cento, para animarem o «turismo em português». As agências de viagens ficaram fora da carrossa e não gostaram. Acusam outras entidades de medidas precipitadas pois, se contassem com elas, os descontos, em vez de 10, poderiam ir aos 30 e 40.

Resposta do representante hoteleiro, Manuel Teles:

- Nós nunca tomamos medidas precipitadas, e quando as tomamos, etc., etc....

Turismo em questão. O costume. Casa onde não há pão...

Adivinha-se uma guerra surda. Os depoimentos na Televisão não chegam para definir os contornos. Mas...

Mas será com os 10 por cento que se resolve tudo? Afinal é fácil.

Enredo

Perez de Cuellar. Conferência de Imprensa. Com aquele seu ar de fadiga e de sofrimento. Chovem, em catadupa, e de todos os lados, as armas ensarilhadas.

E Cuellar com seu sorriso de quarto minguante:

- Mas os senhores estão-me a perguntar se vim examinar aquilo que eu vou perguntar a Saddam Hussein...

... Estranhas cousas

Palavras de Saddam:

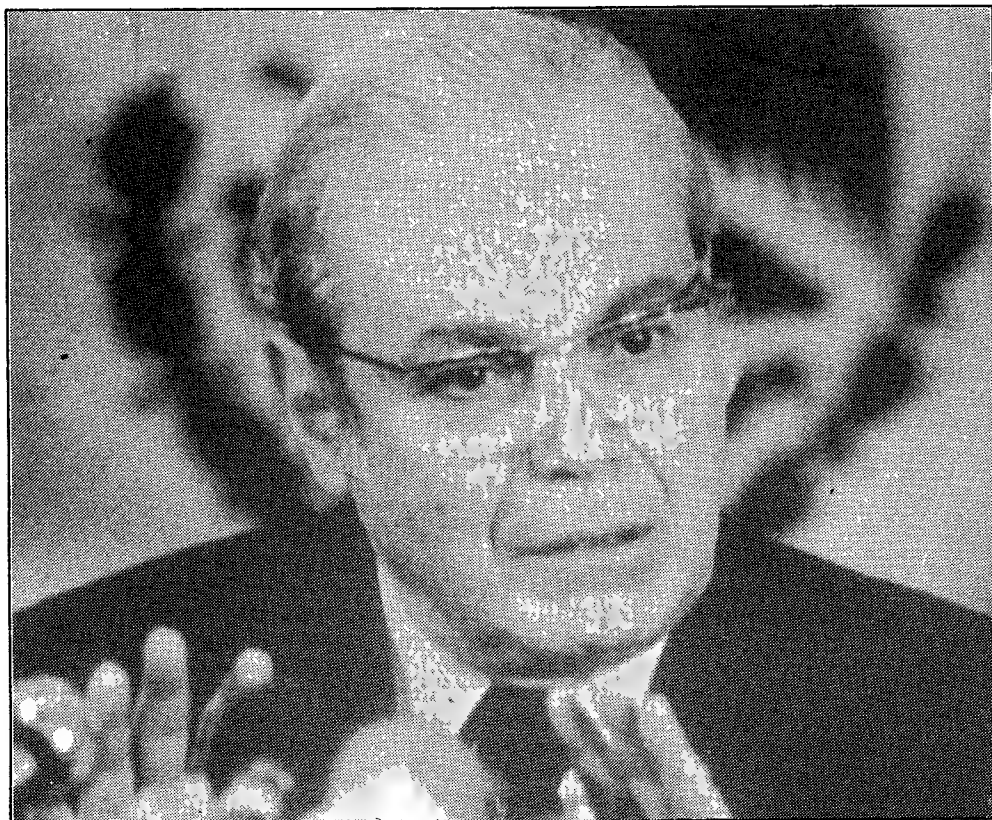
- Deus está do nosso lado. O Diabo está do lado dos americanos. Poderia o Diabo vencer Deus?

Tem graça! Os americanos já disseram o mesmo, a respeito doutro país. Claro que não falavam em Deus, mas em God.

Deus, God, Alá. Estranhos nomes para estranhas cousas.

Consolação

Debates sobre o bailado. No estúdio, Paula Massano, Paulo Graça, Maria José Fazenda e o crítico António Pinto



Perez de Cuellar, com seu sorriso de quarto minguante

Ribeiro.

Diz-nos este:

- Em Portugal existem alguns dos maiores talentos coreográficos do sul da Europa.

Haveria que precisar a noção deste «sul da Europa». Seja o que for, é Europa. O bastante para nos sentirmos orgulhosos.

Tudo isto é fado

Ao fim da emissão, no segundo canal, às quartas-feiras. Era logo a seguir ao Barbie. Não muita disposição, portanto. Mas enfim, para não se ir à deita já com um pesadelo na cabeça...

É a rubrica «Fados do Fado». Uma tentativa de nos dar o fado em vários ângulos.

Já tínhamos o fado batido, o fado cantado, o fado falado. Junta-se agora ao rol o fado bailado.

Nesta rubrica há quem o cante, há quem o baile, há quem sobre ele fale.

A intenção — aliás louvável — é a de dar ao fado o grau de espectáculo televisual. Com a «gracinha» de alguns depoimentos de não praticantes. Casos de Maluda, Jorge Listopad e Adalberto Alves.

Maluda acha que o fado vale pelo fadista que o interpreta, ou seja, que o cria.

Jorge Listopad, num curioso exercício de especulação relaciona o fado com a tragédia grega. Mas grega, ou não, alguns fadistas em Portugal são uma autêntica tragédia.

Adalberto Alves considera o fado pura criação lisboeta. Qual carapuça. Se o fosse, haveria vestígios dele por esse mundo que os barcos portugueses correm, o que não acontece. Para ele, a raiz mergulha na influência árabe.

No que respeita propriamente ao fado, o programa tem privilegiado isso a que

antigamente os puristas chamavam «fado canção». Ora eu creio que nessa «modalidade» a acção do cançonetista enfraquece, dependendo muito da qualidade intrínseca da canção. No fado clássico é que se vê quem se bate com João Braga, Carlos do Carmo, Manuel de Almeida, Amália Rodrigues, Teresa de Noronha, Marceneiro — que se balançam no fio da navalha.

Sou um bota-de-elástico. Estes fadistas que se passeiam no palco, de microfone em punho, que se sentam e se levantam, que gesticulam com teatralidade de representação escolar — distraem-me. Dou-lhes os olhos, mais nada. Para mim, quanto menos palhaçada, quanto menos espectáculo, melhor. Uma guitarrinha e uma viola bastam. Mais é novorriquismo. A voz sempre em primeiro lugar, é que manda a lei.

Mas também. Em televisão os olhos também comem. Têm de ter a sua razão.

Jornal da Tarde lembra-nos o aniversário da morte de Cleópatra «que se suicidou deixando que uma áspide a morderesse».

A RTP sempre em cima do acontecimento mesmo que esse acontecimento balance entre a História e a lenda...

Lobo Antunes e coisas várias

Lobo Antunes, nome grande da literatura portuguesa, foi o convidado de Ivone Ferreira. Houve mais quem participasse da função — e como sempre acontece nestes casos, o convidado é quem menos fala. Para Lobo Antunes isso nem é mau. Ele, por ser natural, fala pouco e além disso, quando fala muito, os resultados não são brilhantes.

Como Lobo Antunes é

psiquiatra, convidou-se António José Gamito, enfermeiro do Hospital Miguel Bombarda que nos deu um depoimento de grande utilidade e humanidade: um enfermeiro para 50 doentes e com horários que atingem as 18 horas diárias!

Como Lobo Antunes é romancista, foram chamar Manuel Valente da *D. Quixote*. O preço dos livros, disse-nos, é uma questão cultural da qual o Governo não pode alhear-se. Deu o exemplo do papel: as editoras não gozam do direito ao subsídio do papel, nem mesmo só para autores portugueses!

Como Lobo Antunes tem um projecto de colaboração com Vitorino, lá tivemos o artista e a sua banda, com surpresas musicais.

Como Lobo Antunes gosta de futebol, lá esteve Carlos Abreu, presidente do Salgueiros. A contar como as coisas acontecem no mundo desportivo: como as despesas são muitas e as contribuições dos sócios não chegam, são os directores e puxar os cordões à bolsa. Há dezenas de anos, afinal, que o mecenato é, entre nós uma realidade.

Quando ao romancista, sendo certo que não fala muito, muito menos falará com quem não saberá quem ele é e como o «levar». A certa altura, por exemplo, falou-se do próximo livro de Lobo Antunes, *Tratado das paixões da alma*. Pergunta de Ivone Ferreira: *Isso anda à volta de quê?* Resposta: — *À volta das paixões da alma...*

Claro. Que esperava a entrevistadora que lhe respondessem?

Esta palavra força...

A CNN é uma cadeia de televisão americana exclusi-

vamente vocacionada para a informação. As parabólicas levam-na a todo o lado. A RTP constantemente recorre a ela. Não de reparar.

Há dias transmitiram uma entrevista que o soviético Guerassimov concedeu à CNN. Transcrevo uma parte que trata da questão mais quente dos nossos dias:

Guerassimov — *Devo acentuar que a palavra «força» não vem na Resolução do Conselho de Segurança mas sim «medidas adequadas para garantir o cumprimento de resoluções anteriores».* Isso é geralmente interpretado no Ocidente como implicando o uso da força. Mas a adequação não significa andar aos tiros. Se se quiser mandar parar um navio para o inspecionar e ele não parar, deve-se actuar de forma adequada. Não se pode afundá-lo.

(...) Quanto a Saddam Hussein, são os próprios iraquianos a decidir o que devem fazer. Não nos podemos imiscuir nos seus assuntos internos. Mas evidentemente que a comunidade internacional tem de se opor à sua política no Kuwait.

As donas de sua casa

Toda aquela manhã foi ocupada com a presença de algumas senhoras que são donas de casa. Estas senhoras constituíram uma Associação para defesa dos seus interesses. Fazem reuniões bimestrais. Onde? Nas casas umas das outras. Juntam-se, conversam. Há um cafezinho, uns bolinhos, umas florzinhas. Falaram animadamente as senhoras donas Maria Helena do Rosário, Maria Augusta, Fátima Jorge.

Esta última senhora, voltada às questões sociais, criou no paróquia uma escola profissional para o estudo das Ciências Domésticas. Os cursos têm a duração de três anos e incluem, entre outras matérias, a cozinha, a limpeza, o tratamento da roupa e o uso dos computadores. Os cursos dedicam-se apenas a raparigas, pois os rapazes não se sentiriam bem no meio delas. Pois aí é que a senhora se engana!

Depois, dizem que há tarefas que, por mais que queiram, os homens não fazem como as mulheres. O que é uma verdade inquestionável.

Falam da situação das donas de casa. D. Maria Augusta diz que, há 24 anos, o vencimento do marido era suficiente para governar a casa. Tem a certeza, D. Maria Augusta? A senhora é tão jovem, como é que se lembra disso? Ao menos, informou-se?

Claro, isto das donas de casa é complicado. Tenho a impressão de que a maioria delas são senhoras que não sabem gerir o seu tempo. A D. Maria do Rosário, por exemplo.

Acorda, levanta-se, trata dos bebés. A empregada vem logo a seguir. É uma empregada

excelente que «lhe caiu do céu». O marido sai cedo e entra tarde, é ele quem ganha para a casa.

Gerindo bem o seu horário, D. Maria do Rosário tem tempo para sair com os bebés, para fazer ginástica, para cumprir tarefas ligadas à paróquia. Formidável! Acho que todas as donas de casa portuguesas lhe deviam seguir o exemplo!

Este projecto de Associação conta com bons apoios. Ficamos a saber que o ministro Bagão Félix lhes prometeu certas medidas.

(O Herman José, das crónicas da TSF! Vou processá-lo por plágio. Fazer crónicas assim, imitando as pessoas, até eu fazia!)

Carta aberta à RDA

RDA, querida amiga.

Quem foste tu? A grande vencedora? A grande perdedora? Vais integrar-te na RFA ou a RFA vai desintegrar-se contigo? Qual é a de vocês que vai ganhar a outra? Histórias que a História tece...

RDA, querida amiga.

Foi uma semana em que só ouvi falar de ti. Doze vezes a tua bandeira subiu no mastro, doze vezes o teu hino correu mundo. Doze vezes os sorrisos e as lágrimas da alegria compensadora das vitórias sem armadilhas nem remorsos, nos territórios onde os deuses ainda reinam.

RDA, querida amiga.

Vais ter marcos, supermercados, sex-shops, imprensa sensacionalista, televisores a cor, aos montes — e, como tudo isso requer espaço, terás de sacrificar teus estádios, teus ginásios, tuas escolas, tuas orquestras, tuas bibliotecas, teus tempos de sonebribeis, teus sonhos para as gerações futuras.

Dirão alguns que foi uma tolice. A economia tem as suas leis, o lucro é sagrado e as gerações de amanhã não votam hoje. A RFA, cheia de dinheiro, ganhou três medalhas. Tu, sem cheta, ganhaste doze.

O que é que vale mais? Moedas de ouro ou medalhas de ouro? Quem acabará por vencer: a medalha ou a moeda?

Meus netos esperarão que a História lhes responda. A eles. A muitos de nós, não. A eles no íntimo do nosso coração, já ela respondeu.

RDA, querida amiga.

Obrigado por nos teres dedicado as tuas últimas doze medalhas.

Mário Castrim

NOTA — Alguns amigos e leitores atentos, a propósito do apontamento sobre o *Pagador de Promessas* emendaram a grafia de *poço* para *pozeiro*. *Correcto*. *Poço*: «indivíduo que pretende ter a posse legítima de uma certa extensão de terras que desbravou.» A emenda aqui fica — M.C.

Se não é o qualquer coisa nos serve, é o ainda bem que não é mau de todo. No cinema (como no resto...), quando a oferta é mediana, mediano, na exigência, se torna o consumidor. Tudo isto para, aqui na crónica, se dizer que, esta semana, os filmes em estreia méritos têm, mas longe estão desse absoluto que define uma obra de arte

CINEMA

Para melhor, está bem, está bem ...

Ao contrário do que se costuma dizer, no meio não é que está a virtude. No cinema (como na vida...), quando muito, no meio o que está é essa mediania por definição redutora de transgressões e transcendências, sem as quais não há arte (nem o resto...). Então o que há? Na melhor das hipóteses, qualquer coisa de aceitável, de seguro ...o possível. Nada, portanto, dessa matéria que nos exalta e fascina, «*sê realista, exige o impossível*» -escrevia-se pelas paredes de Paris, no Maio de 68, outro era o tempo, outro o filme.

Mas, por cá, em cinema de exibição comercial, até se compreende -sobretudo depois de uma semana literalmente para esquecer- que o espectador se torne, ele próprio, mediano nas exigências. Não podendo aspirar ao absoluto, contenta-se o pobre, melhor, o remediado- com o relativo, satisfeito da vida se lhe dão qualquer coisa que não seja má de todo.

Verdade seja que aquilo que em Lisboa se estreou na última semana está alguns furos acima do «não é mau de todo» da praxe, mas algo abaixo desse cinema a que todo o cinéfilo aspira, obras únicas, transfiguradas.

Os filmes novos esta semana foram «Caça ao Outubro Vermelho» e «Renegados Selvagens» (e também «Cadillac do Amor», que o cronista não viu), «Fantasia», o filme produzido há exactamente meio século por Walt Disney, esteve para

ser repostado...mas não foi.

Deixando «Fantasia» para o fim, diga-se, desde já, que não vale a pena tecer armas por «Renegados Selvagens» contra «Caça ao Outubro Vermelho». Para já, porque não são filmes antagónicos ou alternativos. Depois, porque, mesmo que o fossem, de nada serviria bradar que o filme de Jack Sholder é bem mais interessante do

que o de John McTiernan.

É que a aposta da distribuição ditou, à partida, as regras do jogo do consumo: 10 a 4, venceu o «Caça...» quanto a salas ocupadas, isto para não dizer que o respectivo filme-anúncio esteve semanas a fio a cativar-nos num jogo de sedução, a que sabe-se como é -ninguém fica imune. Quanto os «Renegados...» apareceram por

aí, sem rampa de lançamento publicitário, numa de tapar buracos, talvez até chegar «Dick Trace», que já se anuncia.

*

«Caça ao Outubro Vermelho», sendo um filme de que há muito a esperar quanto a receitas, nasceu com um «handicap»: é um produto da guerra fria e a guerra agora é outra, americanos e russos tratam-se como amigos e (quase) aliados, como tornar credível uma história destas?

Dir-se-á que não é importante. Mas é, dado o público a que o filme se destina. Daí que a produção tenha sentido a necessidade de, logo em pré-genérico, dizer do filme qualquer coisa como «isto era dantes».

Dantes, havia um submarino soviético, cujo comandante desertava para os Estados Unidos com navio, tripulação e tudo. Dantes, a CIA era tão clarividente que percebia logo que não se tratava de uma ameaça nuclear, mas de outra coisa; larpas eram o Kremlin e o Pentágono, lentos a entender e a decidir. Vamos admitir que dantes era assim, agora é que não, o pior do argumento não é ser tonto, é obrigar o filme a exibir personagens com comportamentos dignos de uma antologia do «cliché».

Preso a diversas menori-dades, «Caça ao Outubro Vermelho» não está destinado a entrar na História. E isto, independentemente do bom trabalho de câmara do realizador, sobretudo na parte final do filme, quando

algo ali estremece e nos emociona: o universo inteiro é como se coubesse todo nos estreitos corredores de um submarino, o tempo mede-se ao ritmo do décimo de segundo.

Mas antes que isto aconteça, muito temos que penar com o bocejante rame-rame da história, o que não é displicente num filme dito de «suspense». Ora como em «suspense» a memória cinéfila não é fraca, conclui-se que «Caça ao Outubro Vermelho», no fundamental, é um espectáculo com vários «números», como se diz no circo (sem ofensa para o dito). Que o homem que esteve por detrás da câmara (e tão competente se mostrou com ela) se tenha deixado enredar nas malhas de um filme-espectáculo segundo as regras de Hollywood, são malhas que o Império tece, o problema é dele; digamos nós que, com um quinto do orçamento e menos circo, este filme (este não, outro) era bem melhor e apetecível.

*

«Renegados Selvagens» também tem alguns números, um dos quais o da já muito falada perseguição de automóvel pelas ruas de Filadélfia. Nada a opor, tudo bem, salvo que não é por aqui que este filme introduz algo de novo. É quase pelo seu contrário: a interioridade.

Convenhamos: com melhores ou piores perseguições, já estamos algo fartos de filmes de polícias. Há o bom, há o corrupto, vence o que se imagina para salvar

a honra do convento, perdão, da Polícia, nem se percebe como é que com tantos polícias corruptos a instituição que os alista ainda é honesta, mas adiante.

Adiante para dizer que «Renegados Selvagens», se também se apresenta atado de pés e mãos por compromissos vários, algo nele sobra que nos encanta e seduz: o personagem do índio e a subversão por ele introduzida na estrutura dramática do filme.

É que o índio de «Renegados Selvagens» está-se nas tintas para os polícias e sobretudo para a Polícia, idem/idem para os diamantes, a moral e mais conversa. Ele luta por preservar a honra e a memória do seu povo. Por isto está contra tudo e contra todos. É um ser amoral no universo do homem branco.

Este índio é um ser que se rege por uma lógica de tribo, pena é que o filme tão tímido se mostre em explorar aquilo que poderia ser um dos seus filões maiores: a dimensão fantástica, que apenas aflora. Mas, se neste aspecto «Renegados Selvagens» fica aquém, numa sequência se transcende: a da perseguição feita pelo índio ao homem branco no espaço da nova pradaria, a da cidade contemporânea e o seu tráfego humano. E subentende-se: para o índio, hoje, a «reserva» não é mais um espaço à parte, é a assimilação.

*

Posto isto, diga-se mais. Diga-se da nota alta para os actores deste dois filmes. Sean Connery tem um de-



«Caça ao Outubro Vermelho»: um realizador preso nas telas do argumento



«Renegados Selvagens»: o melhor é o índio, um ser amoral no universo do homem branco

A Ver

Dos filmes em exibição comercial em Lisboa, eis uma lista elaborada por ordem decrescente de qualidade e interesse, de acordo com um critério obviamente pessoal.

Em estreia

- «E Fez-se Luz», Otavio Iosseliani (1989)
- «Gremlins 2 - A Nova Geração», Joe Dante (1990)
- «Henrique V», Kenneth Branagh (1989)
- «Filipinas, Revolução Sangrenta», Lino de Brocka (1989)
- «Renegados Selvagens», Jack Sholder (1989)
- «Cenas de Lutas de Classes em Beverly Hills», Paul Bartel (1989)
- «Caça ao Outubro Vermelho», John McTiernan (1990)
- «Ata-me», Pedro Almodóvar (1990)
- «Na Corda Bamba», John Badham (1990)
- «Regresso ao Futuro, Parte III», Robert Zemeckis (1990)
- «Olha Quem Fala», Amy Heckerling (1989)
- «48 Horas - Parte II», Walter Hill (1990)
- «As Minhas Noites são Mais Belas que os Vossos Dias», Andrzej Zulawski (1990)
- «Desafio Total», Paul Verhoeven (1990)
- «Anjo Negro», Craig T. Baxley (1989)

Em reposição

- «Jules e Jim», François Truffaut (1961)
- «Sempre», Steven Spielberg (1989)
- «Indiana Jones e a Grande Cruzada», Steven Spielberg (1989)
- «Clube dos Poetas Mortos», Peter Weir (1989)

R. da S.



«Fantasia»: aquilo que poderia ter sido a comemoração de um cinquentenário...

sempenho excelente em «Caça...», o jovem Kiefer Sutherland (filho de Donald) nunca tão convincente foi como em «Renegados...». Mas há ainda os restantes: os conhecidos e os secundários todos destes dois filmes. Um ensaio da arte de bem representar. Neste aspecto não há como o cinema norte-americano. Os seus actores são realmente os heróis das fitas.

E conclua-se com «Fantasia», antes de mais para dizer

que o filme que à partida já seria mal lançado ...acabou por não ter lançamento nenhum. Repare-se: aquilo que poderia ter sido a comemoração de um cinquentenário, aquilo que poderia ter sido a grande reposição do cinema juvenil de Verão, surgetão à toa, que é anunciado e não chega a estreitar. Apetece perguntar porquê, mas, já se sabe: não há resposta, salvo a do costume, neste caso houve, no mês passado, «As Aventuras de Bernardo e Bianca», medíocre e com apoio, e

era para haver agora «Fantasia», muito bom e ao deus dará, tão ao deus dará que se foi antes mesmo de aparecer.

É uma pena, porque «Fantasia» merece ser revisto à distância de meio século sobre a sua criação. Até porque sendo uma maravilha, logo pela dimensão onírica que contém, pode ser uma obra discutível. Até que ponto, por exemplo, é legítimo ilustrar com imagens a mais abstracta das artes, a música?

Mas sabe-se lá quando é

que haverá tempo para pensar nisto, agora talvez só no Natal ou lá para o ano. A tempo, ao menos isso, de finalmente se acabar nos desenhos animados Disney com a xaropada das vozes brasileiras, vulgo português di lá?

Rodrigues da Silva

O cronista, momentaneamente, vai meter-se noutras andanças. Crónica de Cinema regressa quinta-feira, dia 20. Até lá, bons filmes ...se os houver.

Sessões Especiais

Yoji Yamada na Cinemateca Wim Wenders na Caparica

Setembro aí está em força, com o regresso à actividade plena da Cinemateca. E é na Cinemateca que há o acontecimento maior da semana, no que às Sessões Especiais diz respeito. Trata-se do ciclo dedicado ao cineasta japonês Yoji Yamada que para o efeito se desloca a Lisboa. Estará presente na sessão de abertura do ciclo e também num colóquio que sobre a sua obra se realiza, de hoje a oito dias, pelas 18 e 30, na Cinemateca, com a participação de Paulo Rocha, João Bénard da Costa e Etsuko Takano.

Este ciclo segue-se a um outro em curso até sábado. Destaque, neste particular, para os filmes de Buñuel, Marguerite Duras e, sobretudo, Jean-Marie Straub, um dos muitos

cineastas vivos a quem não é excessivo chamar de «maldito».

Na Costa da Caparica, a chamada de atenção vai, evidentemente, para «O Amigo Americano», o primeiro filme de Wim Wenders a ter exibição comercial em Lisboa, alguns anos depois de ter sido produzido (1977).

Quanto ao resto, diga-se que Viseu continua com uma programação de muita qualidade, no que é acompanhada pelas Noites Duplas do Coliseu do Porto, este mês dedicadas aos anos 80.

Toda a programação a seguir, com a ressalva de eventuais alterações de última hora.

Cinemateca

Hoje: «A Mulher de Ningüém», de Robert Siodmak (às 18 e 30); e «Um Certo Rapaz», de Victor Fleming (às 21 e 30).

Amanhã: «Encantamento», de Irving Reis (às 18 e 30); e «The Young One», de Luis Buñuel (às 21 e 30).

Depois de amanhã: «Não Reconciliados», de Jean-Marie Straub, seguido de «Lições de História», de Jean-Marie Straub (às 15 e 30); «Nathalie Granger», de Marguerite Duras (às 18 e 30); «Salomé», de Carmelo Bene.

Segunda: «Yuyake Koyake», de Yoji Yamada (às 18 e 30), com a presença do realizador; «Uma Família Real», de Yoji Yamada (às 21 e 30).

Terça: «O Lenço Amarelo

da Felicidade», de Yoji Yamada (às 18 e 30); «A Febre Tropical de Tora-San», de Yoji Yamada (às 21 e 30).

Quarta: «Tora-San e A Filha do Sacerdote», de Yoji Yamada (às 18 e 30); «Tora-San Vai para O Norte», de Yoji Yamada (às 21 e 30).

Colmbra (Gil Vicente)

Desde hoje até ao fim do mês decorre, no Gil Vicente, um ciclo dedicado a Pedro Almodóvar, com a exibição dos filmes «Negros Hábitos», «Mulheres à Beira de Um Ataque de Nervos», «Que Fiz Eu para Merecer Isto» e «A Lei do Desejo».

Costa da Caparica (Centro de Férias do Inatel)

Hoje: «Os Marretas Contra

Atacam», de Jim Henson.

Amanhã: «A Guerra das Rosas», de Danny DeVito.

Depois de amanhã: «O Urso», de Jean-Jacques Arnaud.

Domingo: «A Guerra das Estrelas», de George Lucas.

Terça: «O Amigo Americano», de Wim Wenders.

Todas as sessões às 21 e 30.

Instituto Italiano de Cultura (Lisboa)

Dia 12: «Amici Mieí Atto II», de Mario Monicelli (às 18 horas).

Porto (Noites Duplas do Coliseu)

Hoje: «Ligações Perigosas», de Stephan Frears; seguido de «Clube dos Poe-

tas Mortos», de Peter Weir (às 21).

Viseu

Hoje: «Roger e Eu», de Michael Moore (no auditório Mirita Casimiro, às 21 e 30).

Amanhã: «O Homem que Sabia Demais», de Alfred Hitchcock (no auditório da Feira, às 21 e 30; sessão do Cine Clube).

Domingo: «O Segredo de Nimh», de Don Bluth (no auditório da Feira, às 11; sessão do Cine Clube). «O Bando das Quatro», de Jacques Rivette (no auditório Mirita Casimiro, às 16 e 21 e 30).

Dias 10 a 12: «O Bando das Quatro», de Jacques Rivette (no auditório Mirita Casimiro, às 21 e 30).

CRÓNICA DE TOUROS

Crónica televisa

Praça de Touros do Campo Pequeno. Quinta-feira, 2 de Agosto de 1990. Touros de Dias Coutinho e Rio Frio para João Moura, Joaquim Bastinhas, forçados amadores de Montemor (cabo Paulo Vacas de Carvalho), Rui Bento Vasquez e Jesulin de Ubique.

Acabou a corrida TV. Desligo o aparelho, deixo o sofá, arrumo o canastro à secretária, olhando as notas rabiscadas durante a transmissão, notas do visto e do ouvido, assistir à corrida TV pela própria TV dá para recolher informação que na praça se não alcança, além das imagens ao retardador, algumas acusadoras, enfim, sigamos as notas, Campo Pequeno cheio a deitar por fora, caso para meditar, sabendo-se que a corrida ia ser transmitida em directo, afinal um cartaz com toureiro apeado ainda chama gente, parabéns ó Televisão, desta vez não foram só cavalos, nas cortesias um minuto de silêncio em lembrança de Cabral Valente, que na crítica taurina, e em particular na televisão, ganhou o prestígio de uma coerência sem papas na língua, a imagem mostra na barreira a mãe de Jesulin, veio de Ubique ver o filho tourear, o Maurício do Vale informa que é a primeira vez que se atreve, será porque em Lisboa o perigo é reduzido, e o convidado do comentador, o dr. Fernando Teixeira, acrescenta que o pai de Jesulin parece que faz anos hoje, alude a um bolo de velas, já a mãe do Rui Bento ficou em casa, ouvimos o brinde que o filho lhe dedica pela televisão, a mãe é a melhor coisa que há no mundo, nesta noite a felicidade das mãezinhas do Rui Bento e do Jesulin foi verem os filhos chegar ao fim sem acidente, porque quanto ao resto não houve felicidade nenhuma com aqueles desluzidos inimigos, Rui Bento desejava, houve o rompante das largas afareladas a receber o sétimo, e também de joelhos abriu a faena, mas sem o repouso do sítio ainda não reencontrado, na trincheira vimos seu apoderado Simon Carreño, que o foi de Amadeu dos Anjos e José Falcão, pelos vistos incapaz de dar a Rui Bento os contratos que lhe faltam, os contratos que sobram a Jesulin, dezassete anos ainda não cumpridos e mais de uma centena de corridas tem para este ano, repousado esteve com os seus mansos, mas sem lhes poder impor o seu toureiro estático e circular, que recordações leva de Lisboa, perguntou-lhe o Maurício do Vale no fim, «pocos recuerdos», disse ele, «dos toros muy malos», e realmente eram, sonsos, distraídos, descastados, não fosse a codícia do sexto e teria ficado a divisa de Rio Frio sem salvação que não fosse a de ter tapado à última hora o vazio dos anunciados novinhos de São Marcos, para os rejeitarem deviam ser uns gatos, e para os substituir houve peripécias, interferências, aconteceram coisas que não deviam ter acontecido, Maurício do Vale não explica quais, na sua conversa com Diogo, maioral de Rio Frio, ficamos a saber que no Monte das Barrocas morreu o velho «Sueste», aos 39 anos se apagou esse cavalo glória que José Lupi levou em triunfo pelas arenas ibéricas, do triunfo de Moura não se pode falar nesta noite, ainda houve dois curtos de boa nota no que abriu praça, mas no quinto, que era de Dias Coutinho e pesou 490 quilos, o Maurício assistiu à pesagem, em balança devidamente aferida, esperemos que sim, aí o de Monforte aliviou-se nos comprimidos, borrou o resto da pintura quando foi buscar o «Ribatejo», o tal das crinas ao vento, segundo o Maurício dizem que dança a lambada, nele falhou o primeiro curto, levou depois um encontrão em cheio, o Moura confessou diante das câmaras que umas vezes se está melhor e outras pior, quando por fim o bicho recolheu, à custa de ser laçado, o forçado Luís Neto deu sozinho a volta à arena, merecida, na pega à córnea aguentou derrotes bárbaros, a melhor das consumadas pelos valorosos moços de Montemor, no intervalo ouvimos António Vacas de Carvalho, que acaba de escrever um livro com a história do grupo, e uma espectadora da barreira acha que a corrida está a correr lindamente, está encantada, o caso não seria para tanto, quem estava encantado era o Bastinhas, «precisava deste triunfo», e de facto, depois de repetidas noites cinzentas foi desta vencedor, nem precisou de pares de bandarilhas para transmitir às bancadas a vibração da sua garra, a Imparcial de Alcochete tocando o Fado das Touradas, a hora era do Bastinhas, deu duas voltas à arena vagarosas e saboreadas, no novo regulamento voltas à arena só autorizadas pelo inteligente, será mais uma originalidade das touradas, estou a ver o que vai ser, para os subalternos não se põe a questão das voltas, César Marinho estirou-se garboso numas verónicas, Dário Venâncio e Bartissol luziram-se em bandarilhas, nas minhas notas não há mais nada que valha a pena, acabam com referência às almofadas atiradas para a arena, o Maurício do Vale acha que são uma nódoa negra no final da festa, o dr. Fernando Teixeira acha que serão os turistas, pensam que é um costume cá da terra. Como é que eles terão adivinhado?

Sollóquilo

DESPORTO

«Mosquitos por cordas» no andebol

Clubes boicotam campeonato

A Federação Portuguesa de Andebol e o seu presidente Luís Santos foram alvo de fortes críticas no decorrer da conferência de Imprensa realizada em Lisboa pela Associação Nacional de Clubes de Andebol (ANCA).

Efectuado no Estádio de Alvalade, estiveram presentes no encontro, entre outros dirigentes desportivos, o presidente da Assembleia Geral da ANCA, Vaz Castro, os presidentes do Sporting, Sousa Cintra, do Benfica, João Santos, e do Boavista, Valentim Loureiro, bem como o vice-presidente do Fafe, Laurentino Dias.

Segundo Laurentino Dias, o encontro com os jornalistas teve como intuito «explicar à Imprensa as decisões tomadas na última assembleia geral da ANCA», realizada sábado em Coimbra, na qual foi exigida, entre outras medidas, a imediata suspensão do Campeonato Nacional da Primeira Divisão enquanto não for reatado o diálogo com a federação.

Para Laurentino Dias, em causa está a decisão «unilateral» tomada pela FPA no seu último congresso de 14 de Julho, no sentido de «romper» o protocolo assinado em Outubro de 1989 pelos dois organismos tutelares da modalidade, onde ficaram contemplados os regulamentos e demais normas vigentes para o futuro do andebol.

«Só tivemos conhecimento desta situação através dos órgãos de Comunicação Social, tendo até ao momento havido diversas tentativas por parte da ANCA de dialogar com a federação, mas que resultaram totalmente infrutíferas», afirmou o dirigente do Fafe.

Reagindo às novas medidas aprovadas pela FPA, no seu congresso, e à ruptura do protocolo com a ANCA, que segundo os seus dirigentes consistia «num real e positivo avanço do andebol em Portugal», os clubes participantes no escalão primodivisionário, com excepção do F.C. do Porto, Académico de Braga e

Francisco de Holanda, decidiram aprovar, em Coimbra, um documento onde foram tomadas diversas decisões «para responder à prepotência da federação».

Após uma análise crítica a diversas medidas decididas pela FPA para a próxima época, como o agravamento dos encargos financeiros a suportar pelos clubes e a exclusividade da federação na calendarização das provas e nas negociações das transmissões televisivas, os clubes signatários decidiram exigir o adiamento do campeonato nacional por 15 dias, o não conceder atletas seus para as selecções nacionais enquanto não for de novo negociado o protocolo com os clubes filiados na ANCA, e a realização de uma reunião conjunta com o ministro da Educação, o director-geral dos Desportos e o presidente da FPA para debater a situação.

Caso estas reivindicações não sejam satisfeitas, os responsáveis directivos presentes



Valentim Loureiro: «A Federação de Andebol é liderada por alguém que não gosta de dialogar e se necessário faremos o nosso campeonato»

na reunião reafirmaram a intenção dos clubes a que presidem, se desvinculem da federação, passando a ANCA a ter a responsabilidade da organização dos Campeonatos Nacionais de Andebol.



Boris Becker vai assistindo à saída da mais forte concorrência

Ténis: Open dos EUA

Ivan Lendl fora de prova

O checoslovaco Ivan Lendl, que esteve presente nas últimas oito finais do «Open» dos Estados Unidos, foi eliminado daquela famosa competição, ao perder nos quartos-de-final com o norte-americano Pete Sampras num confronto de cinco «sets».

Com a eliminação de Lendl sucumbe outro dos grandes favoritos no «Open» dos Esta-

dos Unidos, continuando assim a «maldição» que parece abater-se sobre os tenistas que este ano já ganharam torneios do Gand Slam.

Lendl que triunfou na Austrália foi agora castigado, Andres Gomez (Equador) que ganhara em Roland Garros caiu logo na primeira jornada e Edberg, vencedor de Wimbledon, também tombou na ronda inaugural.

Com esta vitória, Sampas irá defrontar mas meias-finais o vencedor do encontro entre os norte-americanos John McEnroe e David Wheton.

No sector feminino, a alemã-federal Steffi Graf e a espanhola Arantxa Sanchez Vicario qualificaram-se para as meias-finais, ao derrotarem a checoslovaca Jana Novotna e a norte-americana Zina Garrison, respectivamente.

B R E V E S

Atletismo: solidariedade de gémeos

Após Dionísio Castro ter comunicado à direcção da Federação Portuguesa de Atletismo a sua renúncia ao Estatuto de Alta Competição, alegando, como causa principal, insuficiência da verba (40 mil escudos) atribuída a título de subsídio para reforço de alimentação e gastos mensais com deslocações para treinos e provas, sabe-se que o seu irmão Domingos irá assumir a sua solidariedade. «Se o Dionísio abandonar também abandono. Vamos os dois». Dionísio já confirmou, Domingos ainda está nas intenções.

Silas: confusão alastra

O «caso-Silas» vai evoluindo, com a confusão a alastrar. Novos dados: Juan Figger (empresário do jogador) vem a público alegar que o central Espanhol (do Uruguai) pode solicitar à Federação Portuguesa de Futebol a devolução do passe internacional, caso o Sporting não proceda à formalização do seguro que consta das cláusulas contratuais entre o clube lisboeta e aquele futebolista brasileiro. Sousa Cintra remete-se ao silêncio aguardando informações concretas do Departamento de Futebol. Quanto ao jogador, lamenta-se: «O Sporting não está cumprindo o contrato e, desse modo, está a impedir a prática da minha profissão». Aguarde-se o episódio seguintes.

Futebol:

França vence Islândia

A selecção francesa de futebol venceu em Reykjavik a sua congénere islandesa, 2-1, em jogo referente à fase de apuramento para o Europeu-92, na Suécia.

Os golos da equipa gaulesa foram apontados por Jean-Pierre Papin, 12 minutos e Eric Cantona, 73, tendo Atle Edvalsson obtido o tento dos donos da casa, aos 84 minutos.

Classificação do Grupo Um:

	J	V	E	D	G	P
Islândia	2	1	0	1	3-2	2
França	1	1	0	0	2-1	2
Albânia	1	0	0	1	0-2	0
Checoslováquia	0	0	0	0	0-0	0
Espanha	0	0	0	0	0-0	0

Ciclismo:

Boavista na CEE

A equipa de ciclismo do Boavista/Recer e uma selecção de seniores iniciam hoje a caminhada em mais uma edição da «Volta das Comunidades» que tem palco montado em Rombax para disputa do prólogo.

As duas representações portuguesas integram os seguintes ciclistas:

SELECÇÃO: Carlos Carneiro (F. Mota/Etiel/Ferbar), Vítor Gamito e Alexandre Rodrigues (Trojamarisco/Mar e Sol), Orlando Rodrigues e João Santos (Notai/Águias de Alpiarça) e José Marques (a correr numa equipa francesa amadora).

RECER/BOAVISTA: Manuel Zeferino, José Santiago, Carlos Moreira, David Assunção e Pedro Silva.

Os técnicos são, respectivamente, António Brás e José Santos.

assim vai o

totobola

Jornal da Beira: 221 X11 121 1111; O Comércio de Leixões: X11 2X1 X11 1X11; De Tudo Um Pouco: 111 X11 1X1 1111; Correio de Coimbra: 111 XX1 111 111X; Correio do Vouga: 111 XX1 11X 1X11; A Defesa: X11 X21 11X 111X; Defesa de Espinho: X11 211 1X1 X111; Diário de Lisboa: X11 2X1 X21 1X11; Diário de Viseu: 1X1 2X1 1X1 XX11; Rádio Nova Antena: X11 X21 X22 1XX1; Jornal do Fundão: X11 1X1 111 111X; Gazeta das Caldas: 111 X11 111 1111; Rádio Totobol: XX1 221 1X1 1X11; Linhas de Elvas: X11 XX1 111 111X; Litoral: 211 X21 1X1 1211; O Jornal da Lixa: 211 111 211 1111; Maria da Fonte: 111 XX1 221 1111; O Mensageiro: X11 221 1X1 1111; No Estúdio e no Estádio: XX1 221 X1X XXXX; Notícias de Chaves: 2X1 221 XXX 1X11; Notícias de Guimaraes:

111 2X1 22X 1X1X1; Notícias de Viseu: XX1 211 1X1 1X11; Quadrante Norte: 211 211 1X1 X111; Varanda Musical: X2X 212 221 1121; Bom Dia: XX1 121 21X 1111; Resenha Desportiva: XX1 XX1 111 1111; Panorama: 11X 11X 211 X11X; Placard Desportivo: X11 2X1 221 X111; A Voz do Domingo: 111 111 111 1111; Voz de Lamego: 111 2X1 2X1 2111; Primeiro Continente: 1X1 121 111 2X11; Tarde Desportiva: X11 XX1 121 X111; Livre e Directo: 111 X11 1X1 11X1; Rádio Viriato: X11 X1X 111 111X; Música e Desporto: 11X 121 X11 1X12; Um Caso Por Semana: X11 X21 XX1 111X; Foi Notícia: 211 121 XXX 2111; Desporto e Música: 111 2X1 111 1X11; Cultura e Recreio: 211 X21 121 111X; De Tudo Um Pouco: XX1 22X X11 1X1X; Manhãs Informativas: X12 X11 11X

2X11; Jornal do Almoço: 11X 211 1X1 111X; Jornal das 8H30: 111 X2X 1X2 1111; Jogo Limpo: X11 221 111 1X11; Jornal do Jantar: 11X 2XX 11X XX21; As Noites da F: X21 1X1 2X2 X111; Escape Livre: X12 XX1 11X 1X1X2; Ecos de Cacia: X11 X21 1X1 1111; Eu Sei Tudo: 111 1X1 21X 2112; O Jornal de Felgueiras: X11 X11 111 1X11; O Almonda: X11 2X1 1X1 1X12; Rádio Guarda: 212 211 1X2 2X1X; Notícias de Felgueira: X11 X11 111 X111; Notícias de Gouveia: 112 112 1X1 1122; Jornal 1X2: 2X1 2X1 11X X111; Semanário da Região Bairradina: X11 211 111 X111; Desporto/Rádio Guarda: 221 1XX X2X 11X1; Contacto Rádio Guarda: 121 X11 X11 1X1X; Meia Tarde: X11 1XX X11 1111; Encontro Com a Manhã: 1X1 111 X21

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 36/90 DE 9 DE SETEMBRO

	RESUMO			BOLAS (º)		
	1	X	2	1	X	2
1. Lousada-Felgueiras	25	35	12	4	6	2
2. Trofense-Infesta	49	16	7	8	3	1
3. Rio Ave-Leça	63	5	4	10	1	1
4. Amarante-Fafe	16	29	27	3	5	4
5. Maco-Vizela	32	24	16	5	4	3
6. Covilhã-U. Santarém	62	8	2	10	1	1
7. Mirense-Caldas	50	12	10	8	2	2
8. Alcabça-U. Tomar	35	25	12	6	4	2
9. Guarda-Mangualde	50	17	5	8	3	1
10. E. Lagos-Montijo	41	24	7	7	4	1
11. Sacavenense-Sintrense	48	21	3	8	3	1
12. Atlético-Amora	61	8	3	10	1	1
13. Olhanense-Juventude	51	15	6	8	3	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
X11 X11 111 1111

XXX1; Freguesias do Nosso Distrito: 121 X11 2XX 1212; Jornal de Gaia: X11 X11 1X1 XX11; Jornal da Graça: X11 XX1 111 1X11; RR/Desporto: XX1 211

12X X111; Bola Branca: X11 XX1 121 X111; Frente Desportiva: 2X1 211 1X1 1111; Alvo Desportivo: 111 111 111 1111; Rádio Alvo: XX1 X11 11X 111X; Alvo:

211 211 11X 1111; Alvo Suplemento: 121 111 112 11X; A Voz dos Ridículos: 1X1 211 111 1111; Jornal de Notícias: XX1 X11 1X1 X111.

DESPORTO

«Bronca» no ténis

Organizador do «Estoril Ladies Open» emite cheques com «viagem de retorno»

O ténis português corre sérios riscos de perder a credibilidade tão dificilmente angariada na última década, quer ao nível nacional, quer mesmo ao internacional, «graças» à acção de António Figueiredo, um antigo praticante que enveredou pela carreira empresarial há apenas duas épocas, mas já conseguiu estar na origem do acontecimento que tem vindo a ser designado como a «bronca» do ano. António Figueiredo passou mais de 70 cheques «carecas» no valor de alguns milhares de contos (há mesmo quem arrisque o número de 20 mil) como pagamento de serviços prestados no Estoril Ladies Open, o mais importante torneio feminino jamais realizado em Portugal, com prémios monetários no valor de 100 mil dólares (cerca de 15 mil contos).

Esta prova decorreu entre 14 e 22 do passado mês de Julho, no Carcavelos Ténis, e foi organizada pela Topexport Lda., uma empresa cujo accionista maioritário é António Figueiredo.

As principais vítimas foram elementos ligados à arbitragem, designadamente o juiz-arbitro, todos os árbitros de cadeira e juizes de linha. Parte dos apanha-bolas foram remunerados em dinheiro, pelo que a situação neste sector específico é indefinida, tal como no que diz respeito aos delegados de campo. No entanto, as dívidas não ficaram por aqui, uma vez que o responsável pelo gabinete de imprensa também não conseguiu trocar o seu cheque por dinheiro, e, mais grave ainda, certos tarefeiros acabaram por nem receber qualquer cheque, pelo que se encontram em posição delicada por não poderem levantar qualquer acção judicial.

Nas primeiras semanas, quando começaram a surgir alguns queixos, não foi possível aquilatar da dimensão do problema mas, neste momento, estamos em condições de afirmar que o Montepio Geral já carimbou cerca de 70 cheques por falta de provisão, havendo ainda outros do BPA mas cuja quantidade desconhecemos.

O pânico começou a generalizar-se a partir da terceira ou quarta tentativa, ao mesmo tempo que António Figueiredo não dava sinal de vida aos credores, sendo muito difícil — senão mesmo impossível — contactá-lo, fosse na sua residência, na Topexport ou mesmo na Iniprom, a empresa que desenvolveu toda a promoção do torneio.

No entanto, cerca de 15 dias após a final do Estoril Ladies Open, o «DL» logrou contactar António Figueiredo, que esclareceu tratar-se de «um atraso no recebimento de determinadas verbas provenientes da publicidade, cujo depósito tinha ficado garantido anteriormente mas que afinal não se tinha veri-

ficado». «Tópê», como também é conhecido nos meios ténísticos desde o seu tempo de jogador, adiantou esperar resolver o assunto nessa semana ou na seguinte. «50 mil contos (o orçamento global da prova) não se arranjam do pé para a mão quando se está à espera de uma verba que acabou por faltar à última da hora», desculpou-se o director do torneio.

A verdade é que as semanas continuaram a passar com as referidas instituições bancárias a recusarem sistematicamente os cheques.

Os pais de alguns dos juizes de linha visados contactaram então certos jornais, que encetaram uma investigação, vindos depois a abandoná-la (se em vez de ténis o assunto fosse futebol a história teria sido outra), excepto o «Expresso», que decidiu denunciá-la na sua edição do passado dia 1.

O «DL» optou por arrancar com esta reportagem quando chegou à nossa residência um envelope anónimo com duas fotocópias de um cheque do Montepio Geral, com a data de 23/07/90, assinado por António Pedro Menano Figueiredo, com o nome do destinatário e o número de cheque propositadamente apagados no fito de se manter no anonimato, no valor de 60 mil escudos, a verba correspondente à remuneração de um árbitro de cadeira durante aquela prova. No verso é perfeitamente visível o carimbo que afirma «recusado o pagamento deste cheque às 9h 10m do dia 3 de Agosto de 1990 por falta de provisão».

Contactámos imediatamente o comandante António Sequeira, o mais antigo árbitro internacional do nosso país que exerce as funções de presidente da Comissão Nacional de Arbitragem que, para além de «lamentar profundamente» a situação, confirmou as queixas apresentadas pelos árbitros e juizes de linha envolvidos no torneio. «Estou a tentar avaliar a dimensão do problema e a recolher toda a informação possível, para depois enviar um relatório à direcção da Federação Portuguesa de Ténis (FPT)», acrescentou António Sequeira.

Dimensão Internacional

Mas tal como se já afirmou, as dívidas não se restringem ao sector da arbitragem, e o próprio Carcavelos Ténis esteve prestes a encontrar-se na mesma situação. De facto, quando Fernando Castanheira notou que algo não se passava dentro da normalidade, requereu o pagamento do aluguer das instalações ainda durante a semana em que decorria o torneio, sob a ameaça de encerrar o clube, interrompendo a prova a meio. O primeiro pagamento teria sido efectuado também com um cheque sem cobertura, mas logo trocado por «cash» devi-

do às fortes pressões do director desportivo do Carcavelos Ténis. Claro que esta versão foi negada pelo próprio Fernando Castanheira, que já viu a sua situação resolvida, e está interessado em trazer de novo o Estoril Ladies Open ao seu clube, pois só à conta desta prova recebeu precioso «tempo de antena» a publicitar as suas instalações durante as transmissões televisivas da RTP.

A agravar toda a questão, chegou-nos posteriormente a informação — ainda não confirmada — de que parte das tenistas profissionais que participaram no torneio poderiam ter sido pagas com cheques «carecas». As dificuldades no pagamento do «prize money» já eram do nosso conhecimento, devido aos cheques terem começado a ser entregues «apenas na quinta-feira», como confessou o próprio António Figueiredo, mesmo àquelas jogadoras que foram eliminadas logo na ronda inaugural, portanto, na segunda-feira, António Figueiredo apontou-nos «as dificuldades que encontramos para comprar dólares numa altura em que a moeda norte-americana atravessa um período de baixa cotação». Seoubemos, inclusive, que Georgina Clark, a directora para as operações europeias da Associação das Tenistas Profissionais (WTA), se reuniu com os responsáveis da Topexport e ameaçou-os de abandonar o torneio caso os prémios não fossem pagos.

O que desconhecíamos é que — segundo uma fonte fiável que solicitou o anonimato — a compra dos dólares se procedeu mediante uma troca de cheques. Ora mal o vendedor verificou que o cheque passado por António Figueiredo não tinha provisão, imediatamente terá ordenado ao seu banco o cancelamento de qualquer pagamento a cheques apresentados a partir daquele momento.

Se este cenário se vier a confirmar como verdadeiro, o problema terá alcançado o seu ponto mais gravoso pela dimensão internacional, prejudicando a imagem do País perante as instâncias ténísticas de todo o Mundo.

Portugal, que tem vindo a cimentar a sua posição no âmbito da organização de provas a contar para os «rankings» mundiais, verá assim o seu prestígio algo abalado. E as consequências poderão mesmo ultrapassar os meios institucionais. A Federação Internacional de Ténis (FIT) e a WTA poderão até distinguir a Topexport da FPT, da Soténis e da Editénis (as outras entidades organizadoras de provas internacionais femininas no nosso País), mas as jogadoras que cá estiveram, transgredirão sempre as suas condições de profissão a imagem de que «em Portugal pagaram-me com um cheque sem fundo».

Ciente deste problema, a FPT não pode ficar parada, «nem enterrar a cabeça na areia como uma avestruz», tal como nos afirmou Nuno Caldeira da Silva, o vice-presidente federativo.

Nesse sentido, a «FPT» decidiu na sua reunião de direcção na passada quinta-feira (30/8/90), solicitar à WTA por telex, ao Carcavelos Ténis e à Comissão Nacional de Arbitragem (CNA), que nos comunicassem qualquer irregularidades de que tivessem conhecimento em relação a todo este processo, de modo a que possamos tomar uma posição adequada.

A direcção da FPT voltou a reunir na segunda-feira passada (3/9/90), onde foi decidido reforçar o pedido anterior, nomeadamente à CNA com uma «solicitação por escrito de um relatório».

Caldeira da Silva acrescentou que «logo que a FPT tenha todos os dados em seu poder, será tomada uma posição formal quer a nível nacional — incluindo um comunicado

aos órgãos de Comunicação Social — quer a nível internacional, junto da FIT e da WTA».

«A FPT não tem poder para impedir a realização de uma prova deste tipo, nem pode exercer qualquer sanção à posteriori, mas importa informar as instâncias internacionais que este tipo de actuação não constitui padrão em Portugal, nem se coaduna com o prestígio angariado pelas organizações portuguesas. Aliás, a Topexport, enquanto entidade organizadora de provas internacionais, nunca dialogou com a FPT e, de algum modo, tem-se esquivado a contactos. O juiz-árbitro da prova, por exemplo, nem foi

nomeado pela CNA, e recorro que se a primeira edição do Estoril Ladies Open teve por parte da FPT uma posição de não-obstrução, tal deveu-se apenas a pressões da FIT e da WTA (então ainda com a sigla WITA)», concluiu Caldeira da Silva.

Resta acrescentar que no meio desta história, António Figueiredo não representa o papel do vilão, pois acaba por tornar-se numa vítima de si próprio. Nos meios ténísticos não há quem não nutra uma natural simpatia pelo Tópê, mas os seus sonhos megalómanos associados a uma mais que evidente inexperience precipitaram a sua queda.

Hugo Ribeiro

Sogrape: «Foi tudo encenação»

António Figueiredo parece, assim, enfrentar uma situação delicada. Com efeito, caso a WTA tenha conhecimento das irregularidades praticadas pela Topexport, é provável que venha a impossibilitar a realização de uma terceira edição. Como irá então António Figueiredo cumprir o contrato assumido com uma firma suíça, da qual detém uma pequena quota, segundo o qual se comprometia a organizar aquele torneio durante cinco anos, faltando, por isso, ainda três edições?

Esta deverá ser, no entanto e para já, a menor das preocupações de António Figueiredo porque, ao contrário do que nos afirmou, não se trata de um simples «atraso de verbas publicitárias», uma vez que essa quantia nem existe.

O facto é que o jovem empresário parece não ter como pagar as dívidas, por estar à espera de um patrocínio da Sogrape que lhe foi recusado ainda antes do torneio ter o seu início. Como devem estar recordados, da larga cobertura que o «DL» deu ao maior torneio feminino jamais realizado em Portugal, o evento teve a designação oficial de «Estoril Ladies Open Sogrape», confirmada, aliás, pelos painéis publicitários da Mateus Rosé fixados no «court» central.

Ora tudo não passou de uma encenação. Contactado pelo «DL», Rolando Borges Martins, o gestor do produto Mateus Rosé, da casa Sogrape, confirmou-nos que tinha sido abordado pela Topexport com uma proposta de patrocínio, mas apenas 15 dias antes do início do torneio.

«Respondemos, por isso, negativamente à proposta apresentada, porque a duas semanas do acontecimento não tínhamos possibilidades de montar uma campanha paralela que aproveitasse em condições um tal patrocínio. Ficámos, assim, surpreendidos com a publicidade que nos fizeram de forma descabida, e enviámos uma carta à organização a reafirmar a inexistência de qualquer compromisso. Quanto aos painéis com a nossa marca não foram cedidos por nós, e encaramos-os como um gesto de reconhecimento pelas portas que abrimos junto de outros eventuais patrocinadores», salientou o empresário da Sogrape.

H R

Recusado o pagamento deste cheque às 9h 10m do dia 3 de Agosto 1990 por falta de provisão

de 60 mil escudos

CASA ECONOMICA DE LISBOA-MONTEPIO GERAL

MONTEPIO GERAL CAIXA ECONOMICA

TOPEXPORT IMP EXP LDA

ASSINATURA

Ass. Ténis R. Carlos Nunes

Local de emissão: Lisboa

Data: 23/07/90

A ordem de

A quantia de: sessenta mil escudos

00360000< 00005461738+

Série A A

E não se deve escrever nem a mão neste espaço

17+

Como este andam por aí dezenas

AGENDA

I Série N.º 206
Dia 6 de Setembro
DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Presidência da República

Decreto do Presidente da República n.º 41/90:
Nomeia o ministro plenipotenciário de 2.ª classe João Manuel Reprezas Godinho Gueifão para o cargo de embaixador de Portugal em Lusaca.

Assembleia da República

Lei n.º 57/90:

Autorização ao Governo para legislar sobre a atribuição de benefícios fiscais a sociedades gestoras de participações sociais ou sujeitas ao regime de tributação pelo lucro consolidado.

Ministério da Defesa Nacional

Portaria n.º 798/90:

Altera o n.º 3.º da Portaria n.º 1095/80, de 27 de Dezembro (comando da Unidade de Apoio ao Pessoal Militar do Arsenal do Alfeite - UAPMAA).

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 799/90:

Estabelece as normas para a obtenção da carteira profissional para o exercício das profissões de cabeleireiro/a, manicuro/a, pedicuro/a, calista, esteticista, massagista de estética e afins.

Despacho Normativo n.º 99/90:

Estabelece normas sobre a regulamentação da concessão dos subsídios de compensação, de adaptação de postos de trabalho e eliminação das barreiras arquitectónicas, de acolhimento personalizado, subsídios e empréstimos para instalação por conta própria e da atribuição de prémios de integração.

Região Autónoma dos Açores

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 27/90/A:

Altera a estrutura orgânica do Gabinete de Gestão Financeira do Emprego.

Decreto Regulamentar Regional n.º 28/90/A:

Altera os quadros de pessoal dos Hospitais de Ponta Delgada, de Angra do Heroísmo e da Horta.

Tribunal Constitucional

Acórdão n.º 245/90:

Declara a inconstitucionalidade, com força obrigatória geral, das normas do Regulamento dos Concursos de Habilitação para o Grau de Chefe de Serviço Hospitalar da Carreira Médica Hospitalar e dos Concursos de Provimento dos Lugares de Chefe de Serviço Hospitalar da Mesma Carreira dos Quadros dos Estabelecimentos Dependentes da Secretaria Regional dos Assuntos Sociais, aprovado por despacho conjunto de 3 de Fevereiro de 1987, quer na sua versão originária, quer na que resultou do despacho conjunto de 7 de Maio de 1987, por violação do disposto no artigo 229.º, alínea b), da Constituição, na versão da Lei n.º 1/82, de 30 de Setembro.

PESSOAS & FACTOS

ITT (Portugal) presente na ExpoMadeira/90

A ITT (Portugal), empresa que comercializa as listas telefónicas de Assinantes e de Páginas Amarelas, dos TLP e Telecom Portugal, participou, pela primeira vez na ExpoMadeira/90.

O stand da ITT, que contou com a presença do representante da empresa na Região Autónoma da Madeira, Virgílio Teixeira, constituiu uma mostra dos seus produtos, nomeadamente as Páginas Amarelas, Lista Telex e listas do Código Postal.

Os visitantes, em número de 50 mil, tiveram também oportunidade de ficar a saber como se fabricam as listas.

H O J E CONTINENTE

Em todo o território: Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando por vezes moderado de Nordeste no litoral Oeste durante a tarde. Nebulina ou nevoeiro matinal no litoral Oeste.

Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e encrespado a de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando por vezes moderado de Noroeste durante a tarde. Nevoeiro matinal.

Depois de amanhã

Céu pouco nublado ou limpo, apresentando-se muito nublado nas regiões do interior durante a tarde com possibilidade de ocorrência de trovoadas. Nevoeiro matinal e pequena descida da temperatura.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste. Aguaceiros nas vertentes voltadas ao Norte.

Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal

Períodos de céu muito nublado e vento fraco.

Amanhã e depois

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste soprando fraco no Funchal.

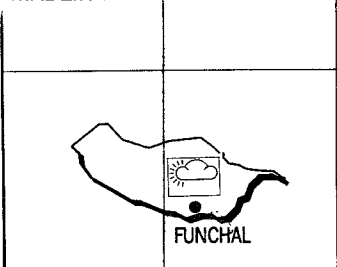
AÇORES

Grupos Ocidental e Central: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco. Possibilidade de aguaceiros. Mar encrespado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

Grupo Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco a moderado de Nordeste. Possibilidade de aguaceiros. Mar encrespado a de pequena vaga com ondulação noroeste de 1 a 2 metros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

MADEIRA



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoadas
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

M A R É S

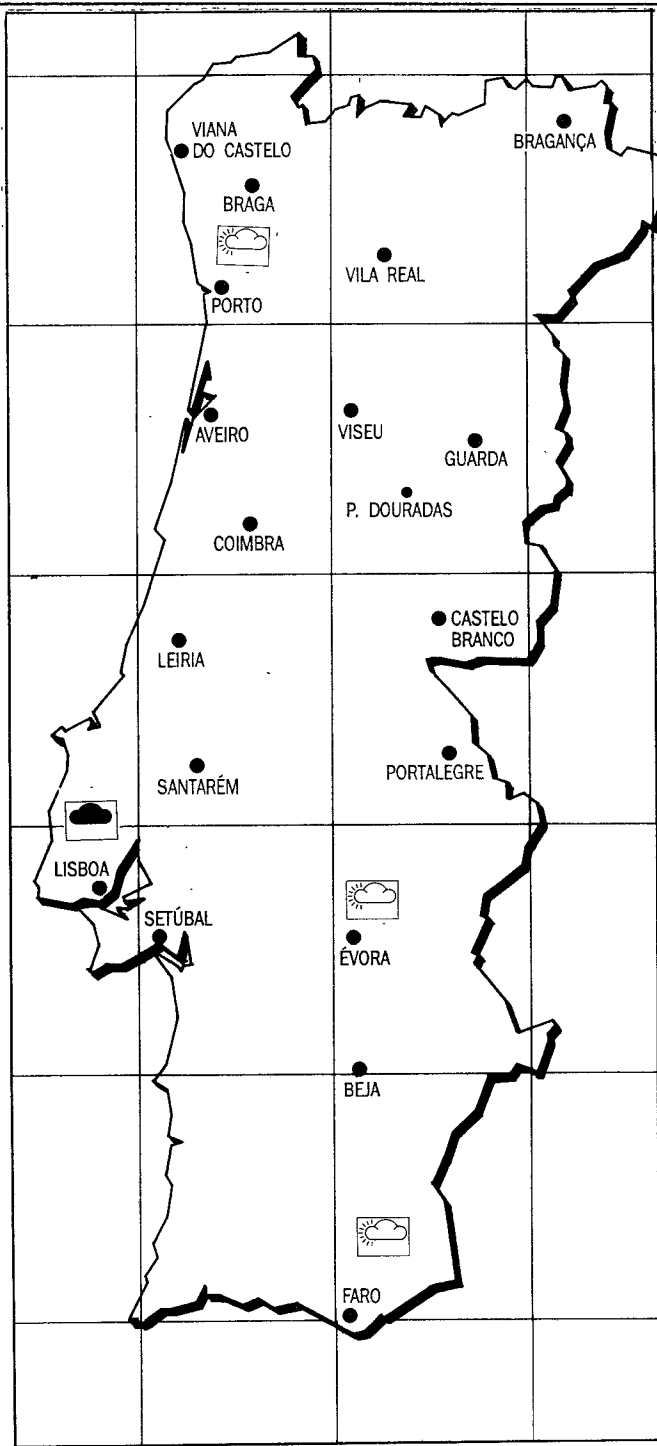
Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
04.40 3,3m	10.15 0,4m
16.54 3,9m	22.37 0,4m

Amanhã

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
05.15 3,8m	10.52 0,4m
17.31 3,9m	23.14 0,4m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança.....	16	16	Limpo
V. Castelo.....	12	13	Nevoeiro
Vila Real.....	14	14	Limpo
Porto.....	14	14	Nevoeiro
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	15	15	Nevoeiro
C. Carvoeiro.....	17	17	Encoberto
C. Branco.....	18	20	P. nub.
Portalegre.....	24	24	Limpo
Lisboa.....	17	17	Limpo
Évora.....	17	17	Nebulina
Beja.....	16	16	P. nub.
Sines.....	-	-	-
Faro.....	18	18	Limpo
Sagres.....	17	17	P. nub.
P. Delgada.....	21	21	M. nub.
Horta.....	21	21	P. nub.
Funchal.....	21	21	Aguaceiros

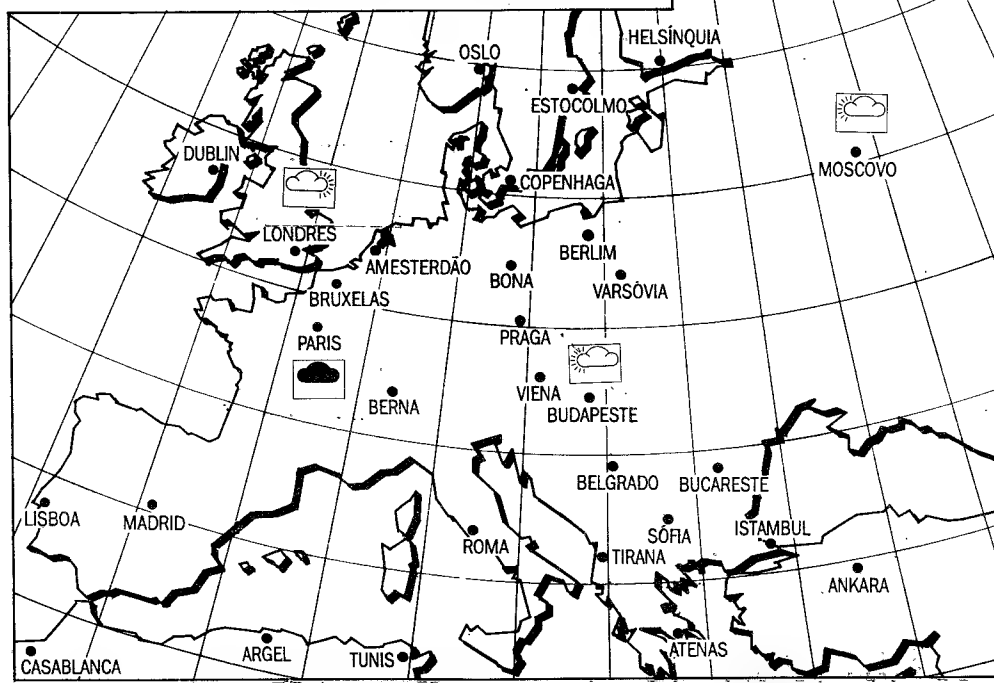
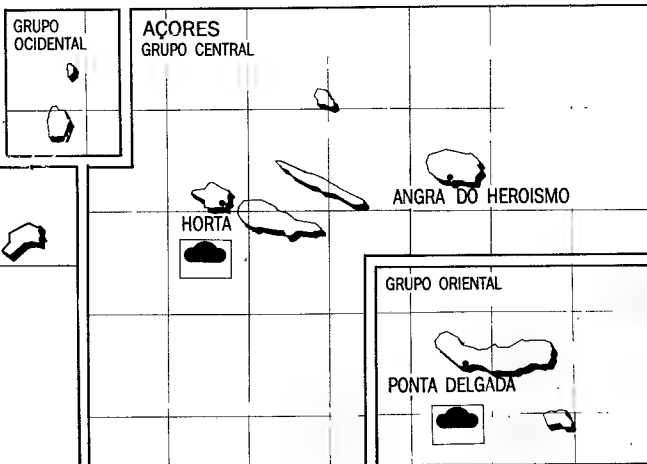
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 28; Porto, 22; Faro, 29; P. Delgada, 26; Funchal, 26.

EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid.....	15	16	P. nub.
Londres.....	14	15	Chuva
Paris.....	11	12	M. nub.
Bruxelas.....	11	15	M. nub.
Amsterdão.....	13	14	Chuva
Genebra.....	8	8	Limpo
Roma.....	18	19	Nebulina
Oslo.....	6	7	M. nub.
Copenhaga.....	7	13	Nebulina
Estocolmo.....	9	10	M. nub.
Berlim.....	11	12	Nebulina
Viena.....	9	13	P. nub.
Varsóvia.....	8	10	Nebulina
Atenas.....	22	23	Limpo
Moscovo.....	8	10	Chuvisco

M U N D O

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires.....	10	15	Nublado
Caracas.....	19	29	Nublado
Hong Kong.....	28	31	Limpo
Joanesburgo.....	5	17	Nublado
Los Angeles.....	19	33	Limpo
Montreal.....	23	24	Nublado
Nova Deli.....	24	28	Nublado
Nova Iorque.....	14	24	Nublado
Rio de Janeiro.....	17	22	Nublado
São Francisco.....	15	23	Limpo
São Paulo.....	-	-	-
Tóquio.....	25	28	Nublado



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Ajuda: Lúcia Almeida, Calçada da Ajuda, 170, Tel. 3637318; Alvalade: Cartaxo, Av. da Igreja, 21-C, Tel. 897958; Avenidas Novas: Valle, Av. Visconde Valmor, 60-B, Tel. 773043; Benfica - Igreja: Marques, Estrada de Benfica, 648, Tel. 700096; Campolide: Pátia, Calçada dos Mestres, 30-A, Tel. 680627; Chile - Alto S. João: Vitalis, Rua Morais Soares, 69-C, Tel. 8141779; Hosp. São José - Desterro: Silmar, Rua São Lázaro, 128, Tel. 542829; Infante Santo - Pampilha: Infante Santo, Rua Olival, 290, Tel. 661003; Lumiar: Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq.; Palácio São Bento: Micael, Rua São Bento, 380-382, Tel. 3962162; Penha de França: Central da Penha, Rua da Penha de França, 58-60, Tel. 8149245; Vale Formoso - Poço Bispo: Barros Gouveia, Rua Vale Formoso de Cima, 79-B, Tel. 8595180; Buraca - Amadora: Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; Carnaxide: H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; Moscavide: Império, Rua 1 de Maio, 48-A, Tel. 2513234; Odivelas: Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A, Tel. 9815446; Pontinha: Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

REFORÇO

Bairro América: Costa Ferreira, Rua Fernão Magalhães,

33, Tel. 8149448; Baixa: Du-rão, Rua Garrett, 90, Tel. 3476185; Campo de Ourique: Condestável, Rua Coelho da Rocha, 119, Tel. 666206; Estefânia: Morgado Lourenço, Largo D. Estefânia, 4-5, Tel. 554808; Estrela: Martins, Calçada da Estrela, 165-167, Tel. 3960823; João XXI: Onilda, Av. João XXI, 13-A, Tel. 886848; Marquês Pombal - Picoas: Correia Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21, B-C, Tel. 547385; Olivais Norte: Central Olivais, Rua Alferes Barrilero Ruas, 7-C, Tel. 315539; Palhavã: Aguiar, Av. Colum-bano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel. 7260934; Picheleira: Marluiz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; Santo Amaro: Correia Azevedo, Rua Luís Camões, 42-B, Tel. 3638625; Colina Sol - Brandosa - Amadora: Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G - Lote 35, Tel. 996540; Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; Linda-a-Velha: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C, Tel. 4191235. Permanente; Tires: Guimaraes, L. Duarte, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; Alcabideche: Carvalho, B.º

Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; Porto Salvo: Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; Carcavelos: Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; S. Dom. Rana: Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; Malveira da Serra: Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; Oeiras: Alcântara Guerreiro, P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10, Tel. 4430691. Permanente; Parede: Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 6, n.º 6-B, Tel. 2464825. Permanente; Sassoeiros: Amoral Semblano, Quinta das Amoras, Tel. 2461312. Até às 22 h; Birre: Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; Madorna: Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; Amoreira: Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; Estoril: Parque, Arcadas do Parque, 3, Tel. 260191. Até às 22 h; Cascais: Misericórdia, R. Regimento 19, 41, Tel. 280141. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Melo, P. D. João I, 9-B, Tel. 4932756. Permanente; Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A, Tel. 4932210. Até às 22 h; Queluz: Azeredo, Av. Quinta Mirante, Lote 47-I, Tel. 4350879. Permanente; Alber-

garia, L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, Tel. 4356487. Até às 22 h; Cacém: Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; Mem Martins: Cristina, Av. Vitorino Nemésio, 14-A, Tel. 9214820. Até às 22 h; Mercês: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; Rinchoa: Cargaleiro Lourenço, Calç. Rinchoa, 38, Tel. 9262006. Até às 22 h; Sintra: Misericórdia, Vila Pendoa, Tel. 9231070. Permanente; Colares: Abreja, Tel. 9290088; Loures: Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1, Tel. 2751297. Permanente; Cova da Piedade: Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18, Tel. 2750254. Permanente; Monte de Caparica: Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; Costa de Caparica: Chai, Av. Gen. Humberto Delgado, Tel. 2903218. Até às 19 h; Laranjeiro: Moderna, R. Dr. Ant.º Elvas, 8-A, Tel. 2290305. Até às 22 h; Sesimbra: Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; Lavradio: J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; Barreiro: Moderna, R. D. Henriqueta G. Araújo, 12, Tel. 2073443. Permanente; Baixa da Banheira: Teixeira, R. Moçambique, 84-B, Tel. 2040946. Até às 19 h; Corroios: Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; Amora: Nobre Guerreiro, R. Dr. Emídio G. Mendes, 314, Tel. 2212923. Permanente; Arrentela: Lusitana, P. Cândido Reis, 10, Tel. 2210007.

HÁ 20 ANOS



Agrava-se a crise no Médio Oriente

Um novo golpe nos esforços para se conseguir a paz no Médio Oriente foi agora desferido em consequência de um ataque levado a cabo pelos israelitas, neste fim de semana, contra bases de guerrilheiros árabes no Líbano, que deu origem a acesos debates no Conselho de Segurança na ONU.

O incêndio de Viana a caminho de Âncora

A Feira da Luz abriu as suas portas e assim se manterá até ao último domingo do mês. Última feira do género em Lisboa, a cidade recebe-a de braços abertos, sedenta como sempre está de tudo o que seja contra a monotonia dos seus dias...

Chuva no Porto

O Observatório da Serra do Pilar registou hoje, às 11 horas, a temperatura de 27 graus e três décimos. No entanto, pouco depois das 11 horas, e durante alguns minutos, caiu sobre a cidade um forte aguaceiro.

EFEMÉRIDES

1914

• Começa a primeira batalha do Marne, durante a Primeira Guerra Mundial.

1951

• É assinado o primeiro acordo da Base das Lajes.

1965

• A Índia invade o Paquistão Ocidental e bombardeia a cidade de Lahore.

1975

• Um terramoto na Turquia causa a morte de 2300 pessoas, ferindo 3400.

1983

• A União Soviética admite ser responsável pelo derrube do avião civil coreano abatido sobre o seu território, com 269 pessoas a bordo.

1985

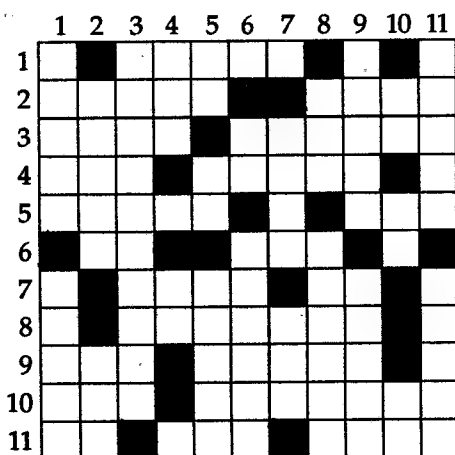
• Amália Rodrigues é galardoada, em Paris, pelo ministro francês da Cultura, Jack Lang, com o grau de comendador das Artes e Letras.

• O realizador cinematográfico português Manuel de Oliveira é galardoado com o leão de ouro especial do Festival de Cinema de Veneza.

1989

• Uma equipa médica, chefiada pelo cirurgião Gentil Martins, separa, com êxito, duas gémeas siamesas bebés, ligadas pelo abdómen.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17997

HORIZONTAIS:

- 1 - Artigo definido. Amante.
- 2 - Homem de trabalho agrícola. Vantagens.
- 3 - Vila e concelho do distrito de Portalegre. Sente desgosto.
- 4 - Seguias. Automóvel de grande categoria.
- 5 - Fio de latão. Fecha as asas para descer mais depressa.
- 6 - Sufixo que designa estado. Membro da ave.
- 7 - Dar aviso de alguma coisa em voz alta. Duas consoantes desiguais.
- 8 - Calculaste.
- 9 - Ninho. Detesto.
- 10 - Existe. Esfarrapada.
- 11 - Ósmio (s.q.). Pronome pessoal. Sufixo que designa abundância.

VERTICAIS:

- 1 - Amante (Bras.). Bebedeira (fig.).
- 2 - Aventureto. Tempo do verbo ir.
- 3 - Preveniremos.
- 4 - Conjunção. Cério (s.q.).
- 5 - Satélite de Júpiter. Berilo (s.q.). Venero.
- 6 - Brisa. Estéreis.
- 7 - Artigo definido. Em mais alto grau. Catedrais.
- 8 - Utensílio doméstico (pl.). Arcaico.
- 9 - Vagueias. Mulheres de mau génio (fig.).
- 10 - Rei de Basã morto por ordem de Moisés. Interjeição brasileira (inv.). Concede.
- 11 - Cidade do Japão. Plantas dos pés.

HORIZONTAIS:

- 1 - Montanha dos Alpes Berneses. Pertences.
- 2 - Rio da Rússia. Embarço.
- 3 - Rainha da Sérvia. Bondoso.
- 4 - Nome de flores.
- 5 - Claridade.
- 6 - Acrescentando uma vogal é ilha do concelho das Ilhas (Goa) também chamada Ilha de Santo Estêvão. Nome antigo da nota musical dó.
- Arremesso.
- 7 - Primeiro das duas palavras que formam o nome do magistrado francês estrangulado e depois queimado na Praça da Grève, em Paris, como herético, por ter aconselhado demência para com os protestantes (inv.). Indivíduos preguiçosos.
- 8 - Prejudica (fig.). Batráquio.
- 9 - Rumor. Angústia (fig.).
- 10 - Gorgulhos tropicais. Calote (pop.).
- 11 - Costumes. Descompostura (pop.).

VERTICAIS:

- 1 - Divindade latina identificada com a divindade grega Hera, deusa dos fenómenos celestes e do casamento. Pequena cidade dos Estados Unidos da América, capital do Alasca.
- 2 - Larva das feridas dos animais. Castos.
- 3 - Creme. Uma das jerarquias dos anjos.
- 4 - Órgão que segrega os seus produtos, sendo estes lançados no exterior ou levados pelo sangue. Ósmio (s.q.).
- 5 - Láctea.
- 6 - Almofeira.
- 7 - Homem de baixa estatura. O que serve para atracar ou amarrar.
- 8 - Nome antigo da nota musical dó. Conduzirás para cá.
- 9 - Matava. Distrito da ex-Índia portuguesa.
- 10 - Gavinhas. Reis.
- 11 - Figura que simboliza o povo americano. Cobalto (s.q.). Mulher muito gorda e feia (pop.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 996

HORIZONTAIS: 1 - QUEM ACABA. 2 - Urraca. Soba. 3 - Era. Ota. Ira. 4 - Dó. Oval. Ais. 5 - Ísara. Ia. 6 - Pá. Marcha. 7 - Artur. Rã. 8 - Ania. Atino. 9 - Hopo. Astal. 10 - Uva. Acostai. 11 - Aire. Op. Aro.

VERTICAIS: 1 - Quediva. SUA. 2 - Urros. Vi. 3 - Era. Apanhar. 4 - Ma. Orário. 5 - COVA. TAPA. 6 - Áatá. Mu. Oco. 7 - Aliara. Op. 8 - As. Ar. Tas. 9 - Boia. Crista. 10 - Abrilhantar. 11 - Aas. Oaio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 806

HORIZONTAIS: 1 - Val-dosende. 2 - Arica. Asa. 3 - Lãs. Balça. 4 - Adoro. Armam. 5 - Se. Criad. 6 - As. Gear. Cão. 7 - Rani. Sabida. 8 - Ébano. Aos. 9 - Socareis. Si. 10 - Já. Crase. 11 - Miolo. Marco.

VERTICAIS: 1 - Valadares. 2 - Arad. Saboji. 3 - Lisos. Nação. 4 - DC. Regina. 5 - Oaio. Orço. 6 - Cãs. ER. 7 - Esbarrariam. 8 - Ari. SS. 9 - Dalmácia. ER. 10 - Escamados. 11 - Aam. Oásico.

PROVÉRBIO: QUEM ACABA, SUA COVA TAPA.

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

CARTAZ

CINEMAS

L I S B O A

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 Filme de John McTiernan
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 Filme de Joe Dante
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

48 HORAS - PARTE II
 Filme de Walter Hill
 M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

OLHA QUEM FALA
 Filme de Almy Heckerling
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

DESAFIO TOTAL
 Filme de Paul Verhoeven
 M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
 Filme de Robert Zemeckis
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA
 M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

48 HORAS - PARTE II
 M/16 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
 Filme de Kenneth Branagh
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

NA CORDA BAMBÁ
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
 Filme de Paul Bartel
 M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

DESAFIO TOTAL
 M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
 Filme de Valman King
 M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer - Telf. 372358
 Encerrado

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
HERDEIRO DO KUNG-FU
 Filme de Chan Hung Lit
 M/13 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CLUBE DOS POETAS MORTOS
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
ALIENS - O RECONTRO FINAL
 M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
FÚRIA SILENCIOSA
 M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

Encerrado para férias

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SEXO PARA RICOS E POBRES
 Hard-core - 1.ª escalação (porno)
 M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
A MULHER DE NINGUÉM
 Filme de Robert Skodmak, às 18.30
UM CERTO RAPAZ
 Filme de Victor Fleming, às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
INDIANA JONES E A GRANDE CRUZADA
 M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
RENEGADOS SELVAGENS
 Filme de Jack Sholder
 M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
 Filme de Steven Spielberg
 M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfca 503 - T. 7145088
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

RENEGADOS SELVAGENS
 M/16 anos - Às 14.45, 17.00, 19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037
 AUDITÓRIO 1

JULIUS E JIM

Filme de François Truffaut
 M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

E FEZ-SE LUZ
 Filme de Otavio Lissellani
 M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
 (Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

FÚRIA SILENCIOSA
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

OLHA QUEM FALA
 M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
RENEGADOS SELVAGENS
 M/16 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

O CADILLAC DO AMOR



«Jules e Jim», um filme de François Truffaut

M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

48 HORAS - PARTE II
 M/16 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
ANJO NEGRO
 Filme de Craig R. Bayley
 M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
SEXUALMENTE ESCANDALOSA
 Filme porno
 M/18 anos
 Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
O CADILLAC DO AMOR
 M/12 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2

RENEGADOS SELVAGENS
 M/16 - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.ª Antão - T. 326305
48 HORAS - PARTE II
 M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS
 Filme de Andrej Zulawski
 M/16 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
 M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

FILIPINAS REVOLUÇÃO SANGRENTE
 Filme de Lino de Brocca
 M/16 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
 M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

48 HORAS - PARTE II
 M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 M/12 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
MOMENTO DE JUSTIÇA
 Filme de Bob Radler
 M/12 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfca, 723-A - T. 706666
DESAFIO TOTAL
 M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
O CADILLAC DO AMOR
 M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telf. 2752127
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado - T. 2005011
 Sala 1
48 HORAS - PARTE II
 M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telf. 2905350
GOLPE DE VINGANÇA
 M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telf. 2465653
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
 M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR

Sala 1
 Telf. 2841769
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
RENEGADOS SELVAGENS
 Filme de Sérgio Martino
 M/16 - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telf. 2479144
 Sala 1
RENEGADOS SELVAGENS
 M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
REGRESSO AO FUTURO - PARTE III
 M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
REGRESSO AO FUTURO PARTE III
 M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
CAÇA AO OUTUBRO VERMELHO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telf. 9147570
SERES DO ESPAÇO
 M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telf. 4364845
 Sala 1
GREMLINS II - A NOVA GERAÇÃO
 M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
 M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
DESAFIO TOTAL
 M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

L I S B O A

CLUBE ESTEFÂNIA

R. Alexandre Braga, 24-A - T. 542249
 De 3ª a Sáb. às 21.30
 Dom. às 17.00

O FADO, A NAVALHA E A GUITARRA, OU A HISTÓRIA DA ROSA ENJEITADA
 De Fernando Gomes, pela Companhia Persona

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
 De 3ª a Sáb. às 20.30 e 22.45.
 Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIAS VITÓRIAS
 De Henrique Santana, Francisco Nicholson,
 Augusto Fraga, Nuno Nazareth
 Fernandes
 e Fernando Ribeiro.

MONTE ESTORIL

TEC

Av. Fausto de Figueiredo - T. 2670320
 De 3ª a Sáb. às 21.30
 Dom. às 16.00
REI LEAR
 De William Shakespeare. Encenação
 de Carlos Avile

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 15.40 - O MUNDO EM EXTINÇÃO
- 16.30 - O CACILHEIRO DO AMOR
4º Episódio
- 17.15 - O MUNDO ANIMAL
«O Falcão e o Aço»
- 17.35 - BRINCA BRINCANDO
Com «A Baleia Décimal»,
«Ferdie» e «Tao-Tao»
- 18.35 - O SÍTIO DO PICA PAU
AMARELO
- 19.00 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - RODA DE FOGO
54º Episódio
- 21.40 - GUERRA DE ESPÍOES
Último episódio: Roma, 1921,
pouco antes do advento de
Mussolini. O major Giovanni
Sperelli trabalha para os ser-
viços secretos numa investi-
gação sobre o engenheiro
D'Adda, que administra os
fundos do grupo fascista Arditi.
O grupo está dividido em duas
facções - os que apoiam D'Adda
e aqueles que, como Calvini, um
dos líderes do movimento
fascista, estão convencidos de
que D'Adda é um traidor.
Calvini é encontrado morto e
Sperelli tem quase a certeza de
que D'Adda foi o assassino.



No 2º canal às 20.05, mais um episódio
da série «Ruas de S. Francisco»



Último episódio da série «Murphy Brown», no 1º canal às 23.40

- 22.45 - LUTA PELA DEMOCRACIA
- 23.40 - MURPHY BROWN
Último episódio: Murphy
Brown vai ter que apresentar o
programa da manhã de parceria
com Corky Sherwood. Nada
habituada a esse tipo de pro-
gramas, Murphy vai ter que
chegar à conclusão de que
Corky é mais eficaz do que ela a
apresentar o programa.
Realização: Barnet Kellaman
- 00.10 - 24 HORAS
- 00.40 - REMATE

RTP-2

- 15.10 - AGORA, ESCOLHA!
Bloco A: «Nas Asas do Vento»
Bloco B: «Quando as Mulheres
Triunfam»
- 16.35 - OS CENTURIÕES
21º Episódio
- 16.55 - O FANTASMAS DE FAFFNER
HALL
4º Episódio

- 17.25 - RAFAEL
- 18.25 - O HOMEM DA CARABINA
4º Episódio
- 18.50 - TI - TI - TI
14º Episódio
- 19.20 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus - O Duende» e
«Uma Pequena Maravilha»
- 19.55 - VIA RÁPIDA
- 20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»: uma
mulher de 40 anos é «usada»
por um jovem e bonito assal-
tante de bancos para obter
informações que lhe facilitem
o próximo assalto. Quando
põe em prática o plano,
o jovem ladrão é reconhecido
pela inocente cúmplice.
Mike Stone, entra em acção,
afim de impedir
que o criminoso elimine
a testemunha.
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - EMOÇÕES
- 21.55 - HORA DA VERDADE

- 22.55 - FORA DE HORAS
- 23.15 - UNIVERSIDADE ABERTA

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Set
equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizá-
veis.
- Telecomando infravermelhos com todas as
funções.

Poder de captação:

- Actual: 8 canais
- A partir do final do ano:
24

Mais os canais do Eutelsat
li a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

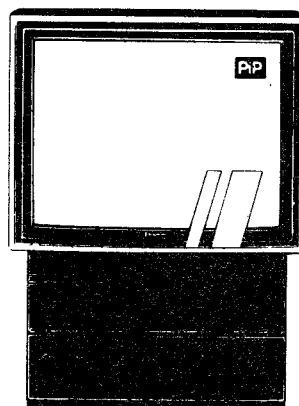
AMANHÃ RTP-1

- 09.01 - BOM DIA
- 10.00 - ÀS DEZ
- 12.05 - A GATA COMEU
- 13.00 - JORNAL DA TARDE
- 13.27 - BOLSA DIA A DIA
- 13.30 - GUERRA E PAZ
- 14.20 - O MAR E A TERRA
- 14.50 - SMITHEREENS LIVE
AT LHE RITZ
- 15.50 - A ILHA
- 16.40 - O MUNDO ANIMAL
- 17.00 - BRINCA BRINCANDO
- 18.35 - O SÍTIO DO PICA PAU
AMARELO
- 19.05 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.05 - O TEMPO
- 20.10 - DIREITO DE ANTENA
- 20.12 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - RODA DE FOGO
- 21.15 - WOLF
- 22.05 - A MAGIA DE PAUL DANIELS
- 22.50 - CHEFE, MAS POUCO
- 23.20 - 24 HORAS
- 23.55 - REMATE
- 00.05 - PELA NOITE DENTRO
«Veludo Azul»

RTP-2

- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
- 14.30 - ESPAÇO INFANTIL
- 14.45 - FILHOS E FILHAS
- 15.10 - AGORA, ESCOLHA!
- 16.30 - AS TRÊS DAMAS
DO QUIOSQUE
- 17.00 - DOCUMENTÁRIO
- 17.45 - PRIMEIRO ANDAMENTO
- 18.20 - O HOMEM
DA CARABINA
- 18.45 - TI - TI - TI
- 19.15 - ESPAÇO INFANTIL
- 19.55 - VIA RÁPIDA
- 20.05 - CLÁSSICOS DA TV
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - PAGADOR DE PROMESSAS
- 22.25 - ROTAÇÕES
- 23.25 - HAJA MÚSICA

BLAUPUNKT Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

GIBEL O SEU CABELEIREIRO

MAIS RÁPIDO
ECONÓMICO

EXTRAÇÃO DE PELOS

ELÉCTRICA SEM DOR E SEM MARCAS
E A CERA QUENTE OU FRIA

Das 8 às 20 horas
Calçada do Sacramento, 38



«Se tivéssemos capacidade de financiar um jornal,
não tenha dúvidas de que o faríamos»

Octávio Pato, em entrevista ao «Público», 5.Set.90

A PERGUNTA DO DIA



Maria de Lurdes Monteiro
directora-geral dos
Transportes Terrestres

Quando pensa que o recente aumento dos combustíveis se irá reflectir no preço dos transportes?

O preço dos transportes não é actualizado automaticamente em consequência do preço dos combustíveis. É necessário haver sempre uma decisão governamental para o efeito. Neste momento, ainda não foi tomada. No entanto, considero que, em termos económicos, este aumento dos combustíveis irá ter consequências gravosas para os operadores de transportes, públicos ou privados, se não houver o correspondente aumento das tarifas. Mas, como comecei por dizer, o aumento das tarifas dos transportes é uma decisão que cabe ao Governo. Faço notar, mais uma vez, que este problema dos custos dos transportes, embora envolva custos sociais, é também arcado por empresas privadas, não subsidiadas pelo Estado, e que, em princípio, os seus serviços devem ser cobertos pelos preços que praticam.

Sexta-feira no

**Diário
de Lisboa**

**MLSTP
reunido
em congresso**

**«Litúrgicas,
insípidas
e caricatas»
por F. Piteira
Santos**

**Vinhos
de Tormes
perpetuam
a memória
de Eça**

ENTREVISTA

Fundador do MPLA e dirigente da UNANGOLA,
André Franco de Sousa já esperava o fracasso
da última reunião entre a UNITA e o MPLA

«Reconhecimento da UNITA como partido político levaria guerra às cidades»

D.L. - Como analisa o resultado final do último encontro entre o MPLA e a UNITA?

A.F.S. - O último encontro entre o MPLA e a UNITA constituiu para mim um fracasso, o que, aliás, era de esperar, na medida em que foram para esse encontro já com divergências.

A fundamental era a UNITA pretender ser reconhecida como partido político e o MPLA recusar-se a tal com justa razão, porque tem um exército de vários milhares de homens, com armamento sofisticado, não se tratando por isso de um pequeno grupo de guerrilha.

D.L. - Essa questão do exército inviabiliza a reivindicação da UNITA?

A.F.S. - Do meu ponto de vista, é bastante importante, porque se trata de grupos que se guerreiam há mais de 15 anos, com ódios recalcados e desejos de vingança.

Ora, o reconhecimento da outra parte como partido político implicaria no seu direito de instalação em qualquer ponto do território nacional, isto é, nas cidades, nas vilas e na própria capital.

Isto acarretaria o risco de as armas serem transportadas para esses lugares e, a breve trecho, termos a guerra nas cidades, em vez de ser só no interior, como até agora. Aconteceu exactamente assim em 1975.

D.L. - Nesse caso, a guerra prossegue...

A.F.S. - Não, se houver vontade de colocar os interesses do povo e da nação angolana acima dos interesses pessoais. Para tal, o cessar-fogo é, de facto, a primeira condição, tal como consta de um plano de paz da UNITA, de 26 de Setembro de 1989.

D.L. - Então, como vai ser agora?

A.F.S. - Agora, para sair do impasse, será necessária a intervenção e a pressão das grandes potências junto dos seus aliados: a dos EUA junto da UNITA e a da União Soviética junto do MPLA.

Por outro lado, os próprios angolanos deveriam manifestar-se, cada vez com mais força, de modo a que as partes concluam, sem sombra de dúvidas, que o povo angolano está farto da guerra e quer a paz.

D.L. - O que é que a UNANGOLA vai fazer?

A.F.S. - Continuar a insistir junto da opinião pública, principalmente da angolana, para que se manifeste no sentido referido.

Tenho fé em que o Directório da UNITA, depois de ter ouvido várias opiniões de muito respeito, como à de Sua Eminência o Cardeal Alexandre Nascimento, que declarou recentemente em Lisboa que a paz é a

primeira prioridade, acabará por flexibilizar a sua posição, regressar ao seu plano de paz de Setembro de 1989 e parar com a guerra, colocando depois as discussões no plano político.

D.L. - A UNITA é o principal obstáculo à paz?

A.F.S. - Não direi isso, mas a sua exigência de ser reconhecida como partido político parece-me que sim.

D.L. - Não é um direito que lhe assiste?

A.F.S. - Não, porque se apresenta como arauto e defensor dos direitos do povo angolano. Ninguém tem o direito de o fazer com uma guerra que mata e prejudica os direitos desse povo.

D.L. - Mas na guerra há, pelo menos, dois adversários...

A.F.S. - Por isso sempre defendi que o diálogo era imperativo para acabar com a guerra.

O facto de o MPLA ter aceite os princípios do cessar-fogo, das eleições livres e do multipartidarismo, que eram condições da UNITA, leva-me a pensar que quer acabar com a guerra.

Mas como, por outro lado, o MPLA é o governo de facto existente em Angola,

não pode cruzar os braços e dizer: «Venham, tragam as vossas armas e tomem conta disto tudo».

D.L. - Como vê então a evolução do multipartidarismo em Angola?

A.F.S. - É preciso que o multipartidarismo saia de uma lei constitucional, ou de outras, que estabeleça os fundamentos e os meios para a existência dos partidos.

É um contra-senso a UNITA desejar a existência de outros partidos e querer partir de uma posição de privilégio, sendo reconhecida antes da regra, e ainda por cima tendo à sua disposição um exército, que pode atemorizar qualquer outro partido que surja e impedir a sua propaganda, desde que não lhe agrade.

D.L. - Isso partindo da manutenção da separação dos exércitos...

A.F.S. - Obviamente. Porque quando existir um exército nacional, uma polícia nacional, os tribunais, isto é, um Estado de Direito, os partidos surgirão e competirão em pé de igualdade.

D.L. - Será fácil chegar a essa realidade?

A.F.S. - Não. E por isso mesmo devemos contar com um longo período de aprendizagem, onde principalmente as Igrejas terão um importante papel na eliminação do ódio e dos desejos de vingança.

Rui Nunes

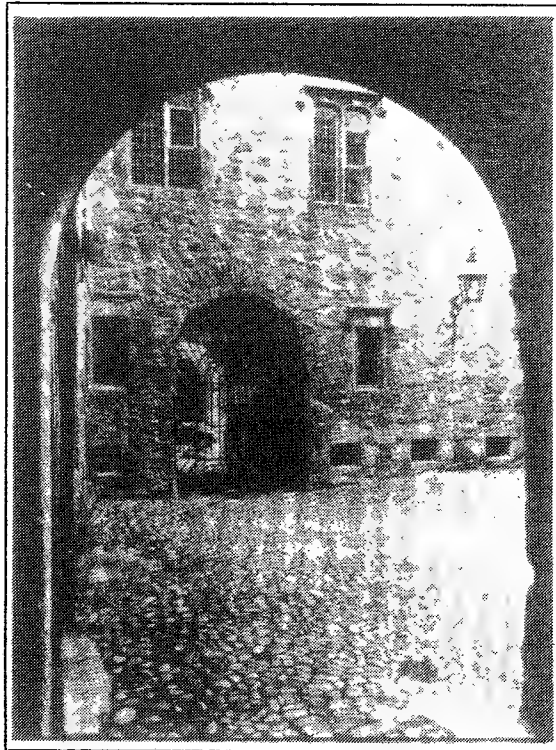


O centro

David-Mourão-Ferreira confessou nas páginas «feriadas» de um jornal que sonhava com uma viagem pela Europa Central: Veneza - Trieste - Viena - Budapeste - Praga. Com a perspicácia habitual o poeta gizou o eixo exacto do que, desde o século XIX, podia chamar-se a Europa Central. Europa Central, não como geometria aplicada à geografia, essa zona entre ocidente e oriente, ponte duvidosa, mas como uma minicivilização, um forte espírito de lugar, um modo de estar, de sentir, e por vezes de ser, quando as condições históricas e políticas o permitiam.

A Europa está num momento privilegiado de recuperação desse espírito. Em Budapeste, em Viena, em Praga, mas também em Munique da Baviera, em Cracóvia, tenta definir-se a Europa Central, entre duas alternativas assaz antagónicas: como uma busca (politizada) do tempo perdido mais ou menos coincidente com o Império Austro-Húngaro e toda a engrenagem circundante, ou como uma procura de novos tempos, libertos da tradição nem sempre boa nem segura, com os olhos postos no futuro, nas realidades e anti-realidades que temos de fabricar, do século XXI.

O que fazer, e como fazê-lo? De um lado, as teorias, as estruturas mentais, as teses, as conferências e os congressos em cidades de termas, as visitas oficiais; do outro lado as viagens individuais enfim libertas, não organizadas, quase sem formalidades, além das longas bichas inabitais nesse lugar, uma curiosidade de espreitar para a cozinha dos vizinhos, eventualmente de petiscar em comum, de falar, falar, falar uns com os outros, tudo o que ficou calado durante tantas dezenas de anos.



Nem sempre será idílico esse contacto? Não. Mas foi o que vi há pouco, e agradou-me. E D.M.F. podia ver o mesmo se se decidisse pelo cruzeiro em terra firme.

Jorge Listopad

A.M.A. Auto Monumental do Alentejo

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO LITERÁRIO

SUPLEMENTO DAS QUINTAS-FEIRAS DO **Diário de Lisboa** 6 DE SETEMBRO DE 1990. NÃO SE PODE VENDER EM SEPARADO

A folha larga do absurdo, José Emílio Nelson, e O Sonhador, Filomena Cabral, págs. 2 e 3;
Livros novos e Dialogismos, António Fernando Cascais, pág. 4

A MAÇÃ QUE PENSA

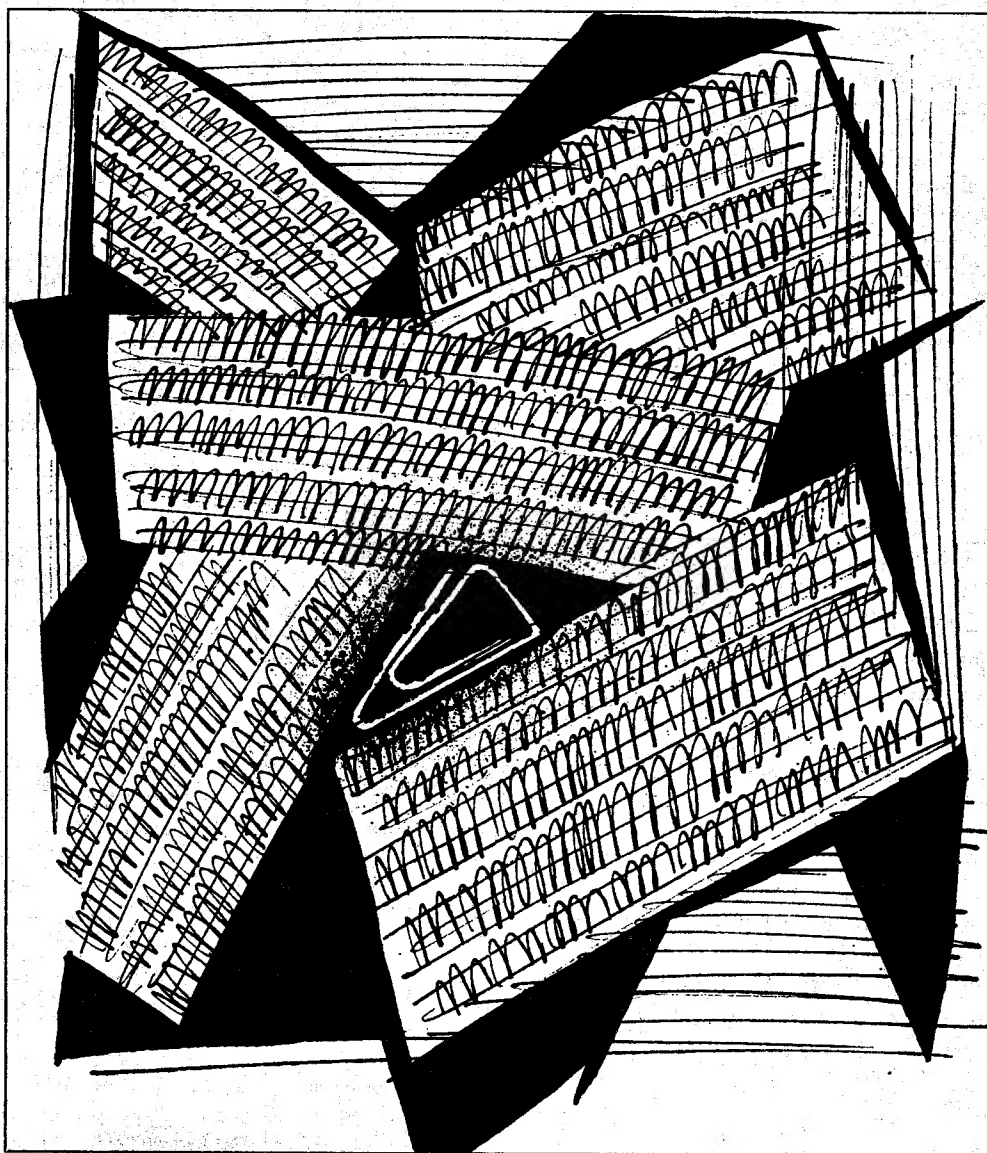
A matéria pensa - eis a questão. Semelhante juízo, quando enunciado na Idade Média, levantou nebulosas polémicas entre teólogos e filósofos. Mas os séculos foram correndo, as ideias tornaram-se mais claras, o raciocínio afinou-se - e eis que um dia, um homem qualquer (porque não o leitor...?), deu-se conta de que, quando comia uma maçã, o alimento ingerido o fazia pensar de outra maneira.

Via, por exemplo, pomares de macieiras.

E não só: quando dentro da visão desses pomares, quando envolvido pelo aroma dos frutos, sentia-se emergindo do mais profundo da terra, das raízes escondidas, da escuridão não revelada...

Antes de nos adiantarmos, porém, em breve consideração sobre este metabolismo explosivo e límpido, atentemos no poema *Constelações*, de António Cândido Alexandre, inserto em «Corpos Celestes» (Limiar, Coleção Os Olhos da Memória):

*As estrelas têm um filamento de sangue /
agarrado ao corpo da Terra. / Capilaridade da
memória. / A terra arranca do chão árvores e
astros. / Pensa e ama. / Pensar é astralizar a
luz física. / Amar é corromper as formas do
dia. / Exilá-las à noite no céu. / As estrelas são
o resto imperceptível / do sangue da terra.
Ideias que vivem. / A matéria pensa. A Terra
quando dorme / liberta cintilações celestes. /
O homem por sua vez desprende sonhos. / A
terra é o leito onde o homem doente / se deita.*



*Sobem do seu corpo / lenços brancos. / Cada
cadáver liberta a flutuação / dum tenuíssimo
pano de linho. / Deixemo-nos morrer. Recosta-
dos na terra / anoteados pela morte e pelo
amor / sobe de nós a palpação insensível /
dum sol. / É por isso que as estrelas são na
terra / o que de nós no ar se evola. / Animam-
se de vida sensível / na mais pura abstracção
das formas. / Ao ser a memória dum corpo /
seremos no Universo a matéria estelar. /
Fogos, luminosos, inconformes.*

Voltemos, agora, à nossa maçã, adjetivando-a, neste momento, de «capilaridade da memória» - e acentuando também que, quando dentro de nós, essa mesma maçã «arranca do chão árvores e astros». E mais ainda: astros são estrelas - e «as estrelas são o resto imperceptível / do sangue da terra.» E também (para fecho deste metabolismo e antropofagismo): «É por isso que as estrelas são na terra / o que de nós no ar se evola» - e quando, enfim, formos «a memória dum corpo / seremos no Universo a matéria estelar...»

Ora pois: o que de nós no ar se evola - aquela (em síntese) mesmíssima maçã (fruto primeiro proibido) semeando no espaço pomares infinitos. Que o mesmo é dizer: a matéria pensa em nós - e, em nós pensando, ascende à Ursa Maior e sabores da terra endereça à pálida Ursa Menor.

Pedro Alvim

(«Corpos Celestes», António Cândido Franco, Limiar, Coleção Os Olhos e A Memória, desenho de Emerenciano, 1990)

Arte postal

O ADEUS ÀS ARMAS

A citação e a repetição, é quase unanimemente reconhecido, fazem parte da prática das «formas» contemporâneas.

Refere-se, frequentemente, o efeito (citacional) de validação (legitimação) assim pretendido; a instância auto-referencial - em relação ao próprio domínio (corpus) ou especificidade dos meios e das linguagens - que deste modo se incorpora no trabalho das formas - assim como a via, senão de sub-versão, pelo menos de desconstrução/distanciamento/ironia permitida pela paródia.

Tudo isso é sabido e, sem dúvida, constitui um elemento a ter em conta, hoje, na avaliação do funcionamento destes produtos. E no entanto, dir-se-ia que a força de o repetir, se perdeu talvez a noção do mais (ou do diferente) - por excesso ou deformação - nesse processo produzido. Efeito, afinal, que não só

distingue como constitui a singularidade formal dessas obras/produtos.

Nisso, aliás, as tendências (actuais) para a repetição e a citação (paródica, desconstrutivista, analítica - subtrativa ou amplificadora - explosiva) manifestam pontos de contacto com o que, no século XVI, foi descrito como o Maneirismo. Uma prática que um dos seus estudiosos, Claude-Gilbert Dubois, descreve como de imitação diferente (*Le maniérisme*, PUF, 1979). C.G. Dubois, aliás, detectava nela três momentos distintos: o da citação/reprise (que leva a um «formalismo»: a sobrecarga/ultracodificação do sistema formal e das regras), o da diferenciação (como sobreimpressão, alteração, desvio: inscrição na forma de traços detalhantes / desviantes frequentemente de carácter obsessivo/maníaco) e o da subversão (não só a reapropriação do modelo pelo sujeito mas também o momento, no final do processo, em que este vem no lugar do Outro).

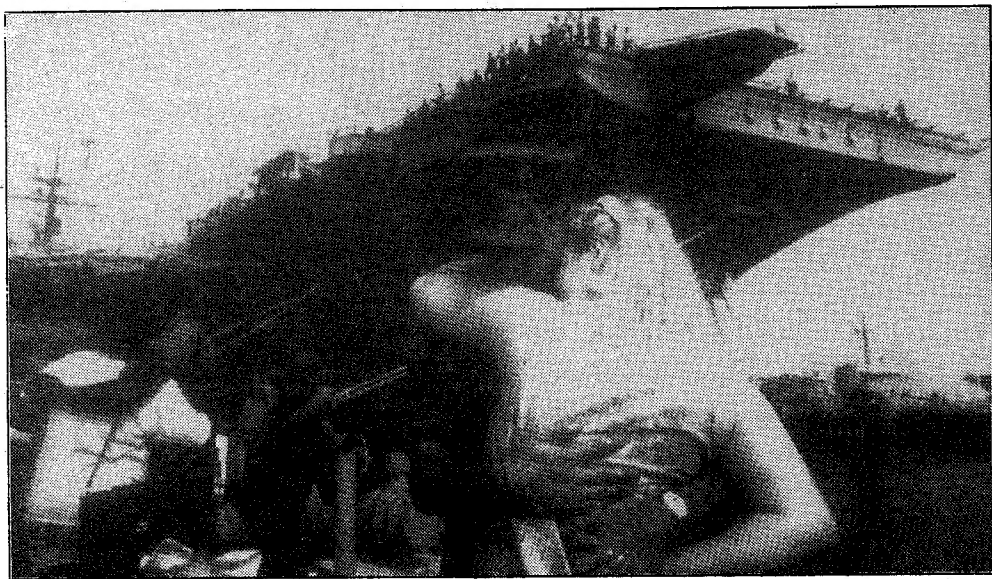
Atente-se, por exemplo, no depoimento de um crítico (da 2.ª metade do século XVII) do maneirismo. Escreve Abraham Bosse: «Sucede assim que muitos aprendizes, adoptando a maneira de pintar dos seus mestres (...), se atem antes de mais a uma composição ou (jogo de) proporções entre as figuras - ou a um arranjo dos drapeamentos e do colorido -, (executados) não de acordo com a bela natureza (ou a sua ordem) mas até contra ela. Daí que a maior parte das figuras se assemelhe do ponto de vista da proporção dos corpos - (sempre) ou demasiado pequenos ou muito enfezados -, adopte um mesmo (tom de) colorido - (caracterizado por) contrastes fortes ou esbatidos -, (...) de tal modo que uma multiplicidade de razões (face a essas obras) nos leva a excluir: *«está a 'maneira' deste ou daquele!»* E acrescenta, moralizando: «Porque, quando se trata de representar com simplicidade um objecto natural - de modo que, ao olhar, essa

representação produza um efeito semelhante ao do objecto - não se deve reconhecer a maneira» (*De Peintre converty aux règles de son art*, 1667).

Dir-se-ia ouvirmos, por mais uma vez, as nostálgicas imprecisões lançadas contra os produtos em série (a «reprodutibilidade» em arte: ainda Warhol) ou o seu anonimato - outra forma de dizer que a «assinatura» pode ser colectiva (o «moderno» como uma nova-tradição: em acto, constituindo-se) e mais profunda (não wera esse, afinal, o sentido do projecto de Ducasse nas *Poésies*: «La poésie doit être faite par tous, non par un»?).

Questões como estas colocam-se muito em cinema (P. Greenaway - mas também John Carpenter, Brian de palma ou Joe Dante) e em música (na Pop, por excelência). Nas artes ditas plásticas, depois da explosão-Pop (e dos seus derivados mais interessantes na década de 80: R. Longo, K. Haring) talvez seja sim-

Continua na pág. 2



O ADEUS ÀS ARMAS

Continuação da pág. 1

plista »repudiar» hoje liminarmente (e escolha propositalmente um exemplo mais polémico) Jeff Koons.

De um modo geral, o que os mecanismos repetitivos trazem ao de cima, não são apenas as suas contensões interiores (extremas), mas o paroxismo de «energia» que, nesses sistemas (enquanto estruturas aparentemente «saturadas» e «resolvidas»), se encontrava contido. E esse *mais*, autofágico (canibal) ou cancerígeno (proliferante) - um factor sempre de transformações e mutante -, revela-se sempre *excessivo*. Carreia consigo - ou melhor, no limite das suas transformações desprende - *energia pura* (nos seus melhores momentos, os filmes de Jerry Lewis - na sequência de Buster Keaton - foram exemplo disso; hoje podemos citar como exemplo mais recente os *Gremlins (II)* de Joe Dante).

De qualquer modo, no âmbito desse processo de «distensão» dos modelos podemos encontrar exemplos que trabalham ainda dentro das bordas do sistema e que se apresentam como seus *mediadores* nesse processo (terminal) mutante.

Atente-se, por exemplo, nesta fotografia (recente). Aparentemente mais um «adeus às armas», despedida (agora em Norfolk, na sequência da crise do Golfo).

Não é muito difícil descortinar a foto que lhe pode ter servido de modelo: *Fécamp* (1949), de Willy Ronis.

E contudo há transformações de campo. Surpreendentes.

Como se a foto de David Ake (para a A.P./1990) surgiu-se como uma *amplificação* da primeira.

Não só se «alargam» as perspectivas (se na foto de W. Ronis a proximidade do casco do barco fecha o espaço, na de David Ake abre-se um horizonte - e com ele o campo: cinematograficamente processa-se como que a passagem do uso do super-8 ou dos 16 mm ao Cinemascope ou ao TO DAO/70mm), como essa «ampliação» (*Blow Up*, mas também *Blow Out* no duplo sentido que essas expressões assumem nos filmes de Antonioni e de Brian

de Palma) implica alterações do estatuto da «cena» e das «figuras».

Muda o barco (agora de «guerra» - um porta-aviões - em vez de um de «carga»), muda o «campo» (plano aproximado/«close up» (V.S.) efeito de panorâmica/plano de conjunto) e a própria «ampliação», como *distanciamento*, projecta-se nas figuras (aos adereços domésticos, de interioridade - que compunham a cena romântica da foto de W. Ronis -, correspondem agora as fardas militares ou de circunstância, femininas, das segundas figuras).

Ou seja, *despoetiza-se* a cena/e as figuras.

Ao contacto do «Beijo» (W. Ronis é um famoso fotógrafo de «pares» - e do «beijo»: vd. a foto utilizada na capa do 1.º LP dos Fairground Attraction) sucede agora a *separação* das bocas (o resvalar dos rostos) do par (ele próprio multiplicado por 3) que ocupa o 1.º plano do conjunto.

Se a foto de W. Ronis se «poetizava» (*retocava*) para manter (suster) ou produzir esse efeito «clássico» de *fechamento* do campo (da representação) que o «beijo» (ou o «berço») sutura, na de D. Ake, não é só a representação (o «campo») que se *abre* panoramicamente ao espaço (o «real» do efeito da evocação, aqui, do cenário conflitual da «guerra»), mas também as figuras que se inscrevem em *falso* («en creux») no fundo.

Melhor, a «foto» de David Ake usa os seus mecanismos de *referência* (fotográfica - possível alusão ao modelo de W. Ronis -, mas também alusão cinematográfica ao seu efeito-scope) para situar esse ponto em que o espaço se *abre* como separação/distanciamento/ferida.

Que seja essa, portanto, a sua lição: na sua reprodutibilidade, lembrar-nos o ponto em que, ainda que (ultra)encenada, a representação *falha* e (se) *entre-abre* (lacera) o horizonte (profundo).

Fernando
Guerreiro

(*) Fotos, respectivamente, de Willy Ronis, *Fécamp*, 1949 e de David Ake (para a agência A.P., 1990, dos jornais). Pense-se também na dupla versão de *O Adeus às Armas* (sobre romance de E. Hemingway) de Frank Borzage (p/b, 1932) e de Charles Vidor (Cor/scope, 1957).



Horror Show

O SONHADOR

Um homem íntegro dorme tranquilo e sonhará sem receio de pesadelos inesperados; a consciência, que nunca dorme, embora se deixe esquecer de quando em quando, permanecerá com ele nos domínios do sono, no espaço de noites? Revolve-se no leito; os olhos movem-se rapidamente sob as pálpebras: sonha, sem dúvida, durante horas sucumbirá a imagens que, acordado, recusaria porventura. No preciso momento em que as ruas se animavam

pelo som de diferentes buzinas, acordou; o ruído chegava até ele filtrado. Em sonolência vigilante e preguiçosa, voltou-se, tentou ignorar a claridade baça vinda da cortina. Bocejou, distendeu-se com volúpia, abriu os olhos. Deparou com o tecto e voltou a fechá-los. Esticando os braços para diante, decidiu levantar-se. O diamante enorme brilhava no anelar da mão direita; no pulso esquerdo, um Rolex. Desperto de todo, como poderão imaginar, sentou-se. Intrigado, olhava as mãos, por mais interrogações que fizesse não encontrava resposta. (Se esta fosse uma cena de filme mudo, escolheria os

A FOLHA LARGA DO A

EU: As folhas de uma cor crua, cruel, as folhas pendentes, abatidas, umas sobre as outras, abertas em todo o espaço. Uma aquarela de claridades, de pontos de luz, à superfície. Rejeitando o olhar. Ainda que eu a olhe insistentemente. Estudavas Magritte?

ELA: Nunca pintei isso. É do teu sonho, não da minha pintura. Pássaros retorcidos em vegetais? Klimt, sim. Klimt.

EU: E a personagem aparece no tom leve de quem se movimenta. Apressada na sua imobilidade, penso que posso dizer assim. Arde-lhe a face ou empalidece? O rosto da desmesura e do receio. Perseguiu a felicidade. Uma vez vi-a diluir-se desamparada na beleza de uma árvore acesa.

ELA: Pelo contrário, sempre que a luz ofusca é sombra.

EU: Sempre, sempre habitada pela sua própria escuridão, ausência, a única rejeição. A que obriga ao afastamento do olhar como apreensão de uma expectativa. Talvez a fuga que é a verdadeira sobre das coisas. Sim, na sombra há imensa claridade.

ELA: Nunca pintei a claridade. A que não conhece o vento que às folhas incendeia de lilás, de sépia. Se existiu, não te lembrarias.

EU: Como se fosse ondulação. Relevo para ornamentar, mas esbatendo a per-

sonagem na sua estagnação. Enquadra-nas chamadas do matagal rubro que o rigor minucioso atenua. Surgiu de quem coberta por estranho esfumado de aquarela. A dádiva de um corpona repetição que o degenera, reflectido em cada folha. Lugar para a personagem que existirá tantas vezes quantas as que observei a figura.

ELA: Sítio desprezível em que surpreendemos sentimentos. Considerem-na uma ilusão. Distinção entre certezas indubitáveis e estranhezas absolutas.

EU: Que diz? A melancolia inesperada com o mais secreto de si no espelho de um outro ser. Afirma a inibição de quem espera a plenitude e ainda o momento de um próximo encontro.

ELA: Não há paisagem semelhante. Lodaçal, montanha. Nada se assemelha à tua retórica. É o lugar ocupado pela folha larga do absurdo.

EU: A representação é o sossego de cada gesto. É quase sempre a consumação de um figurino de dor e dádiva. Há coreografia, decoração. E mesmo que inacabada... A ninguém pertence a respiração brilhante da personagem. A sua dormência aparente escondia uma revelação triste. Preciosa.

ELA: É sempre harmoniosamente que desenho. Desprovida da anulação explosiva de que falas. A personagem, quando muito, é testemunha dessa visão dionisiaca.

EU: Será incompreensível o que eu

erário



trejeitos de Charlie Chaplin, em mímica hilariante dir-vos-ia muito mais e com maior eficácia, que eu, com meras palavras.)

Passeava pelo quarto, incessantemente. Acabaria por sentar-se abatido, sem conseguir desviar a atenção dos objectos de adorno dispendiosos e inexplicáveis. Numa raiva súbita, tirou-os, pôs-os sobre a cómoda onde ficariam a cintilar, para desatiná-lo. O homem íntegro, em desespero, passava as mãos pelos cabelos num gesto a que nos vai habituando.

Depois do duche, tentou distrair-se; guiado pelo hábito, foi buscar o correio:

convites, contas, um jornal diário. Iraque; encontros em África; conversações, declarações, informação fidedigna; vende-se; assaltada joalharia, na Rua do Ouro... Com a curiosidade da maior parte das pessoas pelo "fait-divers", começou a ler a notícia. Ao segundo parágrafo, um espasmo atravessou-o. Falavam de milhares de contos roubados, em joias de alto preço, assalto inexplicável; o guarda nocturno afirmava não ter entrado ou saído quem quer que fosse, estava no passeio em frente quando soara o alarme; ao aproximar-se, o vidro da montra partido, os escaparates vazios. O homem

absurdamente íntegro começou a entender a notícia à terceira ou quarta leitura, tal a perturbação. Entretanto, uma tremura fina levou-o a pousar o jornal com desalento, a interrogação ocupava-lhe o cérebro: E se...? Reiniciou: E se...? A determinada altura, quase sufocado de angústia, escancarou as portas da janela, o ar faltava-lhe.

Dali a minutos, parado uma vez mais diante da cómoda, decide pegar nas joias. Olha-as: pensa como seria ridículo querer possuir um anel daqueles, já a Luísa enlouqueceria se alguma vez lho pudesse oferecer, o que estava fora de todas as possibilidades. Quanto ao relógio... Não o desdenharia, seria o emblema do sucesso na vida: sem palavras, faria saber a qualquer estaria na presença de um ganhador. Colocou-o no pulso, olhou as horas e sobressaltou-se, iria chegar atrasadíssimo ao emprego. Um receio inexplicável fazia com que não se vestisse a correr como de costume, vagueava aturdido pela casa. Como poderia arriscar-se a sair? Andaria a polícia a procurá-lo? Desesperado, bateu os calcanhares num arremedo de dança arritmica. Que havia de fazer? E como era, de facto, um homem íntegro habituado a controlar os desejos impossíveis ou tresloucados, acendeu um cigarro, sentou-se na poltrona de molas frouxas e decidiu analisar a situação. Por sorte, conhecia-se a si mesmo, e bem. Assim, depois de dois ou três cigarros, e outras tantas chávenas de café, estava apto a pôr em prática o estratagema, o teste, após o que enfrentaria o mundo de cabeça erguida.

Apreciemos então a estratégia:

Começou por fixar as joias depositas na mesinha a seu lado; olhava-as, atento a todos os pormenores encantadores ou encantatórios, o anel era de fazer perder a cabeça, seria meramente necessário dinheiro e bom gosto; o relógio, o que ele sempre desejara e nunca e nunca tivera ou viria a ter. Reviu-se a passear pela Baixa, solitário, com as mãos enfiadas nas algibeiras, olhando as montras dos

grandes armazéns, das ourivesarias, e até das charcutarias cada vez mais atraentes, com um sentimento de impossibilidade, como se tudo aquilo fizesse parte de um mundo que lhe seria inacessível. E era. Condoeu-se, teve pena de si mesmo, pagava tudo com moedas bem contadas. Ainda na noite anterior... (suspirou), ainda na noite anterior se detivera diante de uma montra, arrastado por Luísa. Que anel! Que loucura! E apontava com o dedo, como uma criança. Ele procurou o que ela mostrava e foi nesse momento que o Rolex o fulminou. Ela continuava a falar no anel, noutras joias expostas, ele não conseguia desviar o olhar do relógio. Adormecera a pensar nelas, nas joias...? Oh, não, não, não era possível! Mesmo adormecido, teria...? Apertava as mãos convulsivamente; de súbito, não as sentindo, verificou que os braços se tinham ausentado. Correu para a porta que continuava fechada à chave. Tranquilizado, decidiu-se a percorrer a casa. Onde se teriam os braços escondido? Atento a todos os ruídos mais insignificantes, percorreu o apartamento pequeno, foi olhando sucessivamente portas e gavetas. Então, ao aproximar-se do roupeiro, notou a porta entreaberta, algo remexia a um canto, entre as camisolas de Inverno. Ficou hirto, mas logo reagiu, e agarrando os braços com determinação e muita, muita raiva, na realidade estava furioso, deixou que as mãos sopesassem o pequeno tesouro. Pensativo, o homem indubitavelmente íntegro pegou num saco, depositou nele o que foi recolhendo.

Lento, dirigiu-se para o quarto. O anel e o relógio brilhavam; pegou-lhes, acariciou um sonho, depositou-os junto das outras joias.

O fim da história era fácil de antecipar: um homem íntegro, sem culpa, arranjaria maneira de repor o roubo em boa consciência. Não sei como o terá feito, mas tudo acabou bem.

The show goes on...

Filomena Cabral

O ABSURDO

posso dizer? Há um lirismo como se fosse sombra de flores desaparecidas. Tens-me aversão. Eu vi a personagem. O céu corrosivo das plantas esmagadas contra as mãos. E de mãos nuas. O gesto que a enlaça está presente na sua expressão absorta. O rosto lívido. Servidão consentida. A que o olhar retém, a nudez oferecida. É a que se expõe ao sacrifício da luz. A que se abre à morte. À lágrima, ao excremento. Não fazer amor.

ELA: Mas quê? Que diz? Não há sentimento que seja tudo isso. De pés descalços ou vestindo as pernas de cor escura, negações da sua naturalidade? Já não se escolhe.

EU: Mas o corpo nu é uma nuvem. Contém tanto da morte que a atinge; com exaustão, como mediação da vida.

ELA: Só pintei a prodigalidade.

EU: Sempre que a recordo, pergunto, receio pela impressionante mudez que a envolvia. A solidão era a sua grandeza? A insistência com que me fixa, a folhagem iluminada, desperta-me. A excitação deve-se a não poder reconhecê-la e escutá-la. Procure nos seus papéis, acoorada?, na confusão dos esboços. Eu vi.

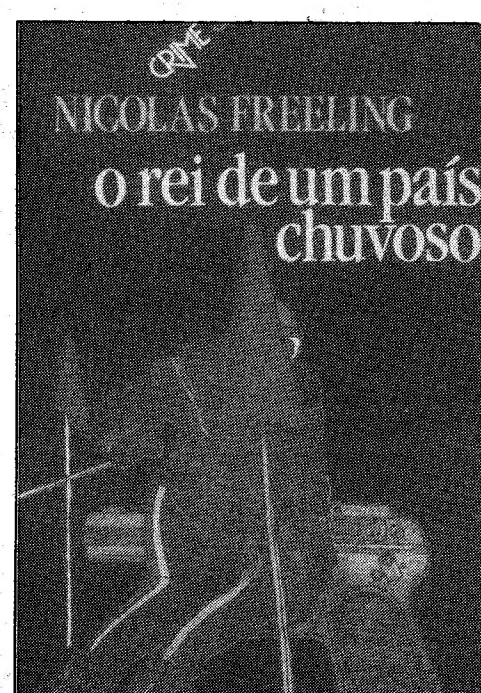
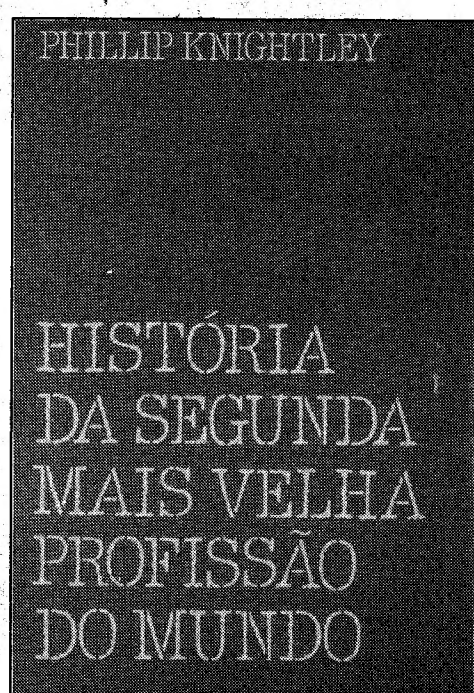
ELA: Se lhe acena é provável que tenha existido. Intrusa entre mim e a minha pintura.

EU: Ai de mim. Prescruto, suplicante, na fluorescência da manhã. Só a encontrei, corporal, na crispação da noite.

José Emílio-Nelson



literário



ACABADOS DE CHEGAR

Oscar e Lucinda
Peter Carey
Pub. Dom Quixote

É raro (ou quase) a publicação de um romance australiano entre nós. Daí, pois, que se mencione, para já, «Oscar e Lucinda», de Peter Carey, obra que em 1988 obteve o *Booker Prize*, o mais importante prémio da língua inglesa. Referências, por conseguinte. Peter Carey nasceu em 1943, na Austrália, sendo hoje considerado o mais escritor australiano da sua geração. O seu primeiro livro, «The Fat Man in History», foi publicado em 1974. Seguiram-se-lhe «Bliss» (1981), que obteve os prémios Miles Franklin e NSW Premier, e «Illywhacker» (1985). O tema: Oscar Hopkins era um seminarista de Oxford, membro da Igreja Anglicana, tímido, oprimido por uma consciência torturada e com o vício do jogo. Lucinda era uma orfã de dezoito anos... - Tradução de J. Teixeira de Aguiar, sendo a ilustração da capa de Pierre le Tan.

Branca-Flor
Ana de Castro Osório
Terramar

Afirma a editora que, ao iniciar a colecção *Abracadabra*, tem em vista a publicação de um conjunto de autores (escritores e ilustradores, quer portugueses, quer estrangeiros) considerados representativos daquilo a que se poderá chamar literatura infantil de qualidade - «em que a palavra tem um papel decisivo mas em que a imagem exerce necessariamente uma forte chamada de atenção.» E ainda: «Considerada a primeira grande figura da literatura infantil portuguesa, Ana de Castro Osório merece esta singela mas sentida homenagem, ao inaugurar a colecção *Abracadabra*.» Quatro são os contos: «Branca-Flor», «O Bicho de Sete Cabeças», «O Soldado» e «História Maravilhosa do Príncipe Urso Doce de Laranja». - Ilustrações (óptimas) de Luis Manuel Gaspar.

Espiões e Espionagem
Phillip Knightley
Pub. Dom Quixote

Subtitulado «História da Segunda Mais Velha Profissão do Mundo», estas quase 500 páginas (reprospectivas e actuais) dizem-nos que as estimativas mais moderadas indicam que actualmente os serviços de informações existentes em todo o mundo empregam, directa ou indirectamente, cerca de dois milhões de pessoas e gastam perto de dezoito biliões de libras por ano. Phillip Knightley foi, durante vários anos, correspondente especial do «Sunday Times» e é autor de vários livros, de entre os quais se destacam, para além do presente volume, «The First Casualty», «The Philby Conspiracy», «The Death of Venice» e «The Vestey Affair». O autor propõe-se revelar, no presente livro, como e por que razão o espião, durante muito tempo secundário, começou de súbito a dominar todo o cenário do século XX. - Tradução de Maria José Bellino Machado.

O Rei de Um País Chuvoso
Nicolas Freeling
Ulisseeia

Mais um livro da colecção *Crime* da editora acima mencionada. O autor nasceu em Londres em 1927 e passou a sua infância em França. Antes de se dedicar à escrita, trabalhou durante muitos anos em hotéis e restaurantes. Até que, em 1962, foi publicada a sua primeira obra, «Love in Amsterdam». As suas segunda e terceira obras, «Because of de Cats» e «Gun Before Butter», foram publicadas em 1963. Muitos outros títulos se seguiram, aumentando sempre o número de leitores. - Tradução de Rui F. Carvalho e capa de Luiz Duran.

Ideias e leituras

DIALOGISMOS

Este livro de Claude Hagège é, nas intenções que lhe presidem, tão ambicioso quanto necessário: avaliar o contributo da abordagem linguística para as ciências sociais e humanas.

Com efeito, tal avaliação afigura-se mais do que necessária, hoje que a crise dos vários estruturalismos faz cair em desuso - ou não fosse a ciência sensível à tentação mundana da moda - a compreensão linguística do humano. Ocupou-lhe o lugar a abordagem biológica, que se socorre, quer dos mais recentes desenvolvimentos da genética quer do fascínio da etologia, para sustentar as suas pretensões. Muito curiosamente, porém, note-se - para quem o ignore - a recorrência da terminologia semiótica e linguística nas ciências biológicas e, particularmente, nas suas regiões de ponta, como por exemplo a imunologia, a imunogenética, a genética molecular, etc. Hagège principia, justamente, por analisar o papel da aquisição da faculdade de linguagem na evolução do homínido ao homem. Tradicionalmente - e metafisicamente - definido como ser racional, o homem é dotado de uma capacidade simbólica que, de facto, se encontra inscrita no código genético da espécie. O conflito de interpretações que, a este respeito, se desencadeou entre as ciências da linguagem e as ciências

biológicas poderá, todavia, ser muito produtivamente superado pela ideia de interacção entre as duas, que Hagège explora, sublinhando que, ao inatismo da linguagem, se contrapõe a origem social das línguas, ou seja: se a capacidade de linguagem faz parte das características biológicas da espécie, a língua falada por cada grupo humano tem, no entanto, uma origem puramente social; e a diversidade actual das línguas humanas não pode ser explicada com recurso a uma língua primitiva e original que, qual castigo de Babel, se teria posteriormente desmultiplicado na miríade de idiomas hoje conhecidos.

Dada a impossibilidade de a experimentação laboratorial esclarecer a origem e a evolução de uma língua - a partir da qual se explicaria a derivação etimológica dessa mítica língua originária - Hagège socorre-se da observação histórica da génese dos crioulos, mediante a qual se prova a origem social das línguas. Uma vez mais, o que aqui se trata é a questão dos papéis respectivos do inato e do adquirido na lenta conformação, não só de uma língua, mas da própria aptidão de um indivíduo para a linguagem, ou seja, o problema da articulação entre filogénese e ontogénese.

Em seguida, merece aturada análise o problema da significação. A correspondência entre o sentido e a materialidade do signo que veicula esse sentido constitui

preocupação fundamental para os ocidentais, a partir de que foi formulada a noção de verdade, a realidade adquiriu a sua consistência semântica e se fundaram os juízos do decidível e do indecidível do agir humano. Neste aspecto, se a concepção de uma «língua-magia» é comum a todos os povos, diz-nos Hagège que o sonho de um tal prodígio não só se manteve no homem ocidental, após séculos de formalização, como se restaura incessantemente nos novos sistemas de informação e de comunicação.

Por outro lado, sabemos agora que o facto de nomearmos simbolicamente a realidade que nos rodeia em nada nos garante, de modo definitivo e peremptório, que tal realidade corresponda aos símbolos com que a significamos; a necessidade de significarmos, e de nunca deixarmos de o fazer, deve-se pois a que a ordem das palavras se rebate sobre a ordem das coisas, constituindo assim a ordem natural do Mundo em que nos movemos: ideia não inédita mas sempre actual, de que a gramática e política possuem razões para o seu recíproco entendimento que o entendimento comum desconhece.

António Fernando Cascais

(Claude Hagège, *O Homem Dialogal*, Edições 70, 1990, 269 págs., Tradução de Isabel St. Aubyn)